



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DAS ARTES
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
LICENCIATURA EM TEATRO**

SILVANA DA SILVA CRUZ

**BOM INTENTO EM CENA:
MEMÓRIAS DE UM TEATRO RIBEIRINHO E DA
FLORESTA EM BUJARU-PA
(1980 – 2020)**

BELÉM – PA

2021

SILVANA DA SILVA CRUZ

**BOM INTENTO EM CENA: MEMÓRIAS DE UM TEATRO
RIBEIRINHO E DA FLORESTA EM BUJARU-PA (1980 – 2020)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Teatro da UFPA, como exigência para a obtenção do título de Licenciada em Teatro.

Orientador: Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra.

BELÉM-PA

2021

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

C957b Cruz, Silvana da Silva

Bom Intento em cena: memórias de um teatro ribeirinho e da floresta em Bujaru-PA (1980 – 2020) / Silvana da Silva Cruz.

Orientador: Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra.

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2021.

1. Teatro – História – Bujarú (PA). 2. Teatro – Memória -- Pará. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.098115

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 53 / 2021 - ICA (11.31)

Nº do Protocolo: 23073.007285/2021-94

Belém-PA, 09 de março de 2021.

ATA DE AFERIÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos cinco dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e um, às 16h (dezesseis horas), reuniu-se, via sala virtual pelo Google Meet, a Banca Examinadora composta pelos docentes: Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra - Orientador e Presidente da Banca, Profa. Ma. Rosilene da Conceição Cordeiro - Avaliadora Externa, Profa. Dra. Andréa Carvalho dos Santos - Avaliadora Externa e Profa. Dra. Inês Antônia Santos Ribeiro - Avaliadora Interna, para avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria da discente SILVANA DA SILVA CRUZ, intitulado: "BOM INTENTO IN CENA: MEMÓRIAS DE UM TEATRO RIBEIRINHO E DA FLORESTA EM BUJARU-PA (1980-2020)". Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado: o trabalho foi **APROVADO** com conceito **EXCELENTE** com as seguintes observações: rever as considerações finais, em que a experiência da discente pesquisadora esteja com mais evidência, em que as experiências formativas e profissionais, pelo teatro, estejam em destaque; além das outras questões presentes na Folha de Modificações. E após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, foi assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 05 de março de 2021.

Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra - Orientador e Presidente da Banca

Profa. Ma. Rosilene da Conceição Cordeiro - Avaliadora Externa

Profa. Dra. Andréa Carvalho dos Santos - Avaliadora Externa

Profa. Dra. Inês Antônia Ribeiro - Avaliadora Interna

(Assinado digitalmente em 09/03/2021 18:42)


INES ANTONIA SANTOS RIBEIRO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ICA (11.31)
Matrícula: 2418755

(Assinado digitalmente em 09/03/2021 18:33)

JOSE DENIS DE OLIVEIRA BEZERRA
PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO
ICA (11.31)
Matrícula: 2145486

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufpa.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **53**, ano: **2021**,
tipo: **ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**, data de emissão: **09/03/2021** e o código de
verificação: **24abfec93d**

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura 

Silvana da Silva Cruz

Belém, 27 de Abril de 2021

Em memória de minhas ancestrais avós,
mulheres pretas: Alexandrina Marinho Piedade
e Joana Soares da Silva.

Dedico este trabalho à Deus, o grande criador do universo; bem como aos meus guias espirituais, caboclos, entidades e espíritos de luz que me protegem e guiam; a todos os encantados da floresta e dos rios, seres que personificam minha ancestralidade e espiritualidade. E as pessoas da minha vida, em especial à minha família: mãe Rosana Cruz; pai Alfredo Cruz, que não tiveram a oportunidade de continuar seus estudos, mas que acreditaram na importância do conhecimento como instrumento de liberdade e autonomia, e esforçaram-se para manter à mim e minha irmã, Sidleila da Silva Cruz, na escola. Por fim, às minhas sobrinhas, Lunna Beatriz e Maria Cecília, que são os dois amores da tia.

MEUS SINCEROS AGRADECIMENTOS:

À Universidade Federal do Pará, a partir da Escola de Teatro e Dança do Instituto de Ciências da Artes, pela oportunidade em cursar a Licenciatura em Teatro e me tornar professora de teatro.

Ao meu orientador, Denis Bezerra, pessoa maravilhosa que sempre me acolheu com carinho e paciência, em todas as minhas dúvidas e angústias desse processo de formação.

A todos os meus professores, mestres e doutores em Arte, da Escola de Teatro e Dança da UFPA, que contribuíram diretamente para minha formação. Este lugar foi mais que uma sala de aula, foi, muitas vezes, a extensão de minha própria casa.

Minhas queridas professoras Inês Ribeiro, mestra, amiga e companheira de Teatro do Oprimido na sala de aula, você me inspira; e Cláudia Gomes, pela alegria e amor que dedica a cada aluno seu.

Aos colegas da turma 2015, e aos funcionários da escola, porteiros, serviços gerais, técnicos e serventes, que eu encontrava todos os dias pelos corredores e salas e que sempre me trataram com respeito e simpatia.

Agradeço profundamente ao Espaço Cultural Nossa Biblioteca - ECNB Guamá, na periferia de Belém; esse espaço educacional e cultural que me acolheu como pessoa em situação de vulnerabilidade no momento que mais precisei, com moradia e experiência profissional, durante esses últimos dois anos de faculdade. Com enorme carinho, agradeço à Suely Castro (tia da cantina), que cuidou de mim e me alimentou como uma segunda mãe.

À CIA de Teatro Bom Intento de Bujaru/PA, a qual foi minha primeira escola de teatro, por todos os amigos deste grupo e por tantas alegrias e experiências vividas nesses palcos paraenses.

Aos amigos que conheci nesses anos de vida acadêmica, na graduação, grupos sociais e políticos e por todo o ensino de cidadania e responsabilidade que oferecem a nós, discentes.

Aos colegas de trabalho na SECULT Bujaru, por tanta parceria e realização que conquistamos, em tão pouco tempo, e incentivo na minha formação.

Aos meus familiares e amigos:

As minhas amigas mulheres da minha vida; Agatha Letícia, preta linda que me inspira a qual agradeço imensamente pelo apoio nessa reta final de pesquisa, Arlene Nunes por me ouvir e conversar e por tantas risadas juntas, Keila Silva parceira das noites de trabalhos em projetos e outros estudos teatrais, Jucelaine Santos atriz e bailarina que me ensina tanto, Daniela Gatinho a gata índia mais divertida e animada que essas matas já viram, sagitariana dos rios e

floretas regadas a carimbo e abraços, Flavia Jacques confidente, ouvinte e conselheira de vida, Heloisa Santos a minha irmã do coração em Bujaru, sei que sempre estará comigo.

Aos amigos Jonilson Lino colega de sala e parceiro de palcos e ao meu diretor de teatro em Bujaru, Raimundo Ferreira Chermont, pelo apoio e incentivo irrestrito nessa caminhada, estes sempre me incentivam e comemoram comigo minhas conquistas teatrais.

Obrigada a todos. Eu amo a cada um de vocês.

Este trabalho é escrito por uma mulher negra, uma das primeiras de sua família a cursar uma faculdade. Venho de uma família que morava na floresta, se locomovia por caminhos de terra e navegando sobre as águas de rios Amazônicos.

“Cresci ouvindo causos, lendas e contos... tudo contado de memória, sem direito autoral. Eu fui muito bem educada por pessoas que não tiveram acesso a educação formal. Da família de onde eu vim vitorioso era quem tinha conseguido sobreviver à escola aproveitando algo do pouco tempo passado por lá” (Santos 2018).

Cresci vendo meus pais trabalharem no roçado e na panha do açaí. Eles não tiveram a experiência do estudo como direito, isso por pura injustiça social em um país onde se aprende a odiar seus traços fenóticos e a textura de seus cabelos desde criança, simplesmente por sua pele ser de cor negra.

Escrevo aqui para rememorar uma história caída em desmemória, contada por personagens que ainda vivem, sofrem, cai de joelho no chão com tristeza e dor; levantam da queda, sacodem a poeira e apressam o passo na estrada da resistência. Registro o que chegou a mim, neste trabalho, para que conheças e compreendas o desejo que tenho de guardá-las não somente em memória, mas em escrita oficial, a fim de que, conhecendo-a, possamos contar e recontar a história e as memórias do nosso povo.

Silvana Cruz.

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso apresenta-se como um estudo sobre a história teatral na cidade de Bujaru/PA, com intuito de desvelar memórias, narrativas e documentos da Cia de Teatro Bom Intento. O percurso teórico-metodológico pautou-se nos estudos da memória, com Bosi (1994), e da história para a promoção de reflexões sobre práticas cênicas na Amazônia paraense, com Salles (1994) e Bezerra (2013). A história oral, fundamentado por Freitas (2001), apresenta-se como um olhar metodológico da pesquisa. Para o levantamento de fontes documentais, que garantam essa escrita crítico-reflexiva, trabalhamos com a escuta de personagens envolvidos com a cena teatral em questão, além de serem portadores de memórias sociais, individuais e coletivas do município de Bujaru-PA. Como resultados desse processo, temos: a) a construção narrativa histórica da Cia de Teatro Bom Intento, motivo primeiro que impulsionou esta pesquisa; b) as memórias deste grupo teatral proporcionaram adentrar nas memórias culturais do município, os lugares, as pessoas e os fazeres teatrais que emergem de palcos na floresta e nas margens dos rios; c) um registro de um percurso memorial com o teatro, evidenciando trabalhos e influências que contribuem no processo de minha construção e crescimento enquanto ser atuante e corpo preto na arte.

Palavras chave: Grupo de Teatro Bom Intento. Memória. História. Teatro paraense.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper presents itself as a study on the theatrical history in the city of Bujaru / PA, with the intention of unveiling memories, narratives and documents from the Cia de Teatro Bom Intento. The theoretical-methodological path was based on the studies of memory by Bosi (1994) and history for the promotion of reflections on scenic practices in the Amazon of Pará with Salles (1994) and Bezerra (2013). Oral history, based on Freitas (2001), presents itself as a methodological view of the research. For the survey of documentary sources that guarantee this critical-reflective writing, we work with listening to characters involved with the theater scene in question, in addition to being carriers of social, individual and collective memories of the municipality of Bujaru-PA. As a result of this process, we have: a) the historical narrative construction of the Cia de Teatro Bom Intento, the first reason that drove this research. b) The memories of this theatrical group allowed to enter the cultural memories of the municipality, the places, as people and the theatrical works that emerge from stages in the forest and on the banks of the rivers; c) a record of a memorial journey with the theater, showing works and influences that contribute to the process of my construction and growth as an active and black body in art.

Keywords: Bom Intento Theater Group; Memory. History; Pará Theater.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Vista aérea de Bujaru na margem esquerda do Rio Guamá.....	28
Figura 2: Foto da Igreja de Santa Ana Alto Bujaru.....	29
Figura 3: Registro de desfile escolar em frente ao antigo prédio do teatro década de 1970	34
Figura 4: Prédio Teatro Martins Melo; atualmente no local funciona o mercado de carnes de Bujaru	35
Figura 5: Registro de concurso de Miss caipira em uma festa no prédio Martins & Melo (S/D)	36
Figura 6: Registro de Concurso de Miss Bujaru, Prefeito Raimundo de Campos Lopes com candidatas ao título no Teatro Martins Melo (S/D).....	36
Figura 7: Pastorinhas no Teatro Martins Melo (S/D).....	37
Figura 8: Pastorinhas no Teatro Martins Melo (S/D).....	38
Figura 9: Pastorinhas. Iracema é a segunda da fila com lenço no cabelo (S/D).....	38
Figura 10: Peça “Fábula do Coelho (S/D).....	40
Figura 11: Baile carnavalesco Municipal de 1993, sr ^a Firmina com algumas crianças	40
Figura 12: Baile com a Bando do PIM, (Irmão do cantor paraense, Pinduca) (S/D).....	41
Figura 13: Montagem duas fotos de Iracema Heitor vestida de homem para fazer o caçador no pássaro Beija – Flor (S/D)	42
Figura 14: Registro do pássaro Beija-Flor (S/D).....	43
Figura 15: Registro do pássaro Beija-Flor, cena da Maloca, captura do caçador (S/D).	44
Figura 16: Gravura “bombá” de 1883 em crônica “uma viagem ao Amazonas”	45
Figura 17: Joaquim Gomes da Silva como Amo do Boi Brilha Noite	48
Figura 18: Boi Brilha Noite em apresentação na praça das bandeiras (1995).....	49
Figura 19:Componentes do Boi brilha Noite em apresentação no Auto do Padroeiro de Bujaru (2019)	49
Figura 20: Ruínas do Engenho Bom intento (2021).....	53
Figura 21: Logo antiga do Grupo Bom Intento de Bujaru/PA	62
Figura 22: Registro Ensaio Cia Bom Intento de Bujaru/PA.....	64
Figura 23: Elenco Paixão de Cristo na comunidade de Santana (2013).....	67
Figura 24: Atores Silvana, Bento Souza e Rubens Souza. Paixão de Cristo na comunidade de Santana (2013).....	68

Figura 25: Paixão de Cristo na Rua em Bujaru. Ator Diego Amorim personagem de Jesus Cristo (2010).....	69
Figura 26: Apresentação Espelho da Noite. Teatro Waldemar Henrique (2011).....	75
Figura 27: Participação no evento 24 horas de teatro FACES CENTUR	75
Figura 28: Troféus (melhor iluminação, melhor sonoplastia, melhor direção e melhor elenco em cena, e grupo destaque no baile dos artistas).....	76
Figura 29: Logo da Cia de Teatro Bom Intento.....	77
Figura 30: Camarim do Teatro Margarida Schivassapa. Espetáculo “O Carro dos Milagres” (2014)	77
Figura 31: Registro do solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.....	88
Figura 32: Montagem com duas fotos do registro do solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018	88
Figura 33: Montagem com duas fotos do registro do solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018	89
Figura 34: Montagem com duas fotos do registro do solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018	89
Figura 35: Registro do solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.....	90
Figura 36: Elenco do GTU Manas na ETDUFPA novembro 2018.....	91

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Lista de personagens da Paixão de Cristo (S/D).....	66
Tabela 2: Tabela de espetáculos apresentados	73
Tabela 3: Ficha Técnica da Segunda Geração do Grupo, em 2011.....	76

SUMÁRIO

I ATO: O TRABALHO COM A MEMÓRIA.	17
1.1 Lugares da Memória: percurso teórico-metodológico	20
1.2. História e Memória de Bujaru	26
1.2.1 Igreja de Santa Ana no Alto Bujaru	28
II ATO: BUJARU E SUAS MEMÓRIAS TEATRAIS.	32
2.1 Uma casa de Teatro em Bujaru	34
2.2 Teatro Popular - Pássaro Junino	41
2.3 Teatro Popular - Boi Bumbá	44
III ATO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DO GRUPO DE TEATRO BOM INTENTO	50
3.1 1ª Geração/fase do Teatro Bujaruense - Grupo de Teatro Raio de Sol / Bom Intento ...	52
3.2 2ª Geração/fase do Teatro Bujaruense - Grupo de Teatro Bom Intento	64
3.3 Memórias teatrais de uma atriz de Bujaru	78
3.3.1 Ser Professora de Teatro	80
3.4 O Curso de Teatro: Minhas Descobertas, Transformações e Empoderamento	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	95
APÊNDICES	98
Apêndice A: Entrevista - Professora Iracema Heitor Da Silva.....	99
Apêndice B: Entrevista - Professora Rosangela Vasconcelos Gomes	102
Apêndice C: Entrevista - Antônio Carlos de Oliveira Cunha	107
Apêndice D: Entrevista - Keila Silva da Silva.....	114
Apêndice E: Entrevista - Jucelaine Silva dos Santos.....	118
Apêndice F: Entrevista - Suelayne de Oliveira Faro	122
Apêndice G: Entrevista - Jonilson Lino Rodrigues	124
Apêndice H : Entrevista - Raimundo Chermont Ferreira	126
Apêndice I: Entrevista - Everton José Oliveira Faro	128

I ATO: O TRABALHO COM A MEMÓRIA

O presente trabalho pretende objetivamente retirar do esquecimento a história de um grupo de teatro no interior do Estado do Pará; este coexiste com atuação cênica em comunidades tanto urbana, como de floresta e ribeirinhas das margens do Rio Guamá, Rio Bujaru e Rio Guajara-Açú, águas que banham o Município de Bujaru-PA.

A Cia de Teatro Bom Intento surge como manifestação teatral no final da década de 1980, e desde então atua e consolida-se nesse seguimento, com o intuito de fazer do teatro uma alavanca na busca pelo conhecimento, pelo pensamento crítico e por possíveis mudanças sociais no lugar em que os seus integrantes vivem, promovendo a arte-teatro em meio às várias comunidades do município. Esta pesquisa objetiva, também, um questionamento aos poucos registros existentes acerca da produção teatral e outras artes no interior do estado do Pará.

Nós artistas paraenses, em inúmeras vezes, somos postos em segundo plano diante das produções nacionais, frente ao relevo que se dá apenas às ações de companhias e grupos de teatro de personalidades celebrizadas pela história teatral no Brasil. Por isso, é importante que nós tenhamos essa responsabilidade de narrar nossas memórias teatrais, e de escrever sobre a diversidade de fazeres que existam. Essa reflexão se dá a partir de registros históricos que apontam para um apagamento da história do teatro amazônico, que, segundo o historiador Denis Bezerra (2013),

na região amazônica, desde a época da colonização, o teatro faz parte das práticas teatrais sociais e do movimento cultural das cidades, no entanto, essas práticas artísticas não estão postas nas páginas da história do teatro brasileiro, criou-se uma história paralela, mas que se manifestava da mesma maneira que em outros centros do Brasil (BEZERRA, 2013, p. 30).

Com base nisso, esta pesquisa utiliza material já produzido sobre a história teatral paraense, escritos que nos permitem vislumbrar uma participação em uma crescente produção de acervo histórico sobre teatro no interior do Pará, embasado em registros de memórias e documentos que até agora são quase os únicos existentes e com os quais se podem contar, para descortinar uma memória teatral na região.

A partir da memória, escrevemos as vivências e os testemunhos não só de artistas, mas também de públicos que presenciaram o teatro na época em que ele acontece, desvelando um arcabouço memorial que se impunha a todos os contemporâneos nesses tempos. Para tanto, me proponho a utilizar história oral como método de pesquisa e construção, em uma

abordagem qualitativa, tomando como base importante os depoimentos e documentos a nós apresentados por personagens dessa história a ser contada.

Aqui se pretende abordar, principalmente, registros de memórias que nos ajudam a conhecer a história, as metodologias, ações e fatos do teatro da Companhia Bom Intento. Hoje, pouco documentado ou nada registrado para nossa atual visão sobre esse teatro bujaruense, estudos sobre esta história têm-se tornado importantes registros, para que não se deixe cair em esquecimento a produção artística dos artistas que têm sua história com o teatro. Apresento uma pesquisa desenvolvida a partir de estudos históricos sobre o teatro no Pará, junto ao Grupo de Pesquisa Perau – Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia/UFPA/CNPq, ligado à Escola de Teatro e Dança da UFPA – ETDUFPA e ao Programa de Pós-graduação em Artes da UFPA - PPGARTES.

É importante destacar a importância que esse grupo de pesquisa apresenta na tessitura desse trabalho. O Perau foi criado em 18 de janeiro de 2017, pelo Prof. Dr. José Denis de Oliveira Bezerra, seu líder, e tem a Profa. Ma. Rosilene da Conceição Cordeiro como vice-líder. O grupo surge com o objetivo de desenvolver trabalhos de pesquisa, acadêmicos e artísticos, pautados nos estudos da memória, da história, da cultura amazônica em diálogo com as artes cênicas. Possui duas frentes de trabalho, de acordo com suas linhas de pesquisa: 1) História e Historiografia das Artes Cênicas na Amazônia: articula a produção de narrativas memorialísticas e históricas sobre os fazeres cênicos na Amazônia, a partir de sua diversidade de saberes, de gêneros, de temas. 2) Memória e Performatividades: agencia a produção de trabalhos artísticos e acadêmicos, nos quais a experimentação da linguagem, o que chamamos de performatividades, dialogue com as epistemologias da Memória e da História, na troca com os saberes, tradicionais e contemporâneos, culturais amazônicos, em que o protagonismo dos sujeitos inseridos em seus espaços seja garantido (BEZERRA, 2020).

Assim, por meio desta escrita teatral, apresento o texto dividido em três atos, trazendo para o registro, relatos das memórias e das histórias que nos contam.

No primeiro Ato - O TRABALHO COM A MEMÓRIA proceder-se-á, inicialmente, com uma contextualização teórica, sobre o tema memória, a metodologia usada e a base teórica que nos sustentam a registrar essa pesquisa através deste método. Busco ouvir na fala de personagens do cenário-lugar onde essas memórias acontecem e trabalhar com informações e registros orais acerca da história de Bujaru/PA, conhecendo suas origens, através de relatos e registros de acontecimentos que me motivaram a pesquisar a Arte-Teatro, bem como artistas que vivem nesse lugar: “Para isso busca-se refletir esse fazer cênico via

memória, pois se supõe que há poucos estudos sobre a história do teatro, no referido período” (BEZERRA, 2013, p. 41).

Procuo, ainda, adentrar na história de Bujaru por meio de memórias e informações encontradas nos poucos registros disponíveis como: documentos, livros, entrevistas, fotografias e depoimentos. Busco reportar ao leitor o que encontro, para que este possa, então, conhecer um pouco mais sobre o teatro bujaruense, sua relação com a comunidade, origens e resistência ao longo dos anos. A pesquisa inicia a partir de informações colhidas em entrevistas e registros escritos que nos ajuda a conhecer, em princípio, esse lugar denominado Bujaru, um município paraense de origem afro-indígena, cuja história perpassa pelos acontecimentos históricos comuns na construção e habitação do território paraense, nessa parte da Amazônia brasileira. Assim, ao entendermos onde está localizado os nossos personagens, compreenderemos as particularidades desse teatro feito por aqui.

No segundo Ato – Bujaru e suas Memórias Teatrais se dissertará sobre o teatro em Bujaru, suas origens através da igreja nas encenações bíblicas como pastorinhas, também a partir das diversas manifestações populares o teatro popular como os cordões de pássaro, o cordão de boi bumbá, as histórias sobre a casa teatro de Bujaru. Apresento personagens do lugar que fazem ou fizeram parte desses grupos, revisitando memórias que remetem ao período da colonização portuguesa e existência do teatro nos municípios de interior do Pará.

Através de relatos memoriais conheceremos a história da Cia do Teatro Bom Intento, mostrando os significados do contato com a arte. Perceber as provocações e contribuições do teatro na vida de cada um dos entrevistados desvelando memórias que serão contadas em detalhes, por quem é a própria história ou a conheceu. Conhecer o que se conta do início das atividades do grupo, por meio de seus trabalhos teatrais e participações em eventos, seminários de teatro, apresentações em festivais, premiações etc. Apresento personagens do lugar que fazem ou fizeram parte do elenco, em relatos, mostrando os significados do contato com a arte. Perceber as provocações e contribuições do teatro na vida de cada um dos entrevistados desvelando memórias que serão contadas em detalhes, por quem é a própria história ou a conheceu.

A trajetória do grupo será apresentada em duas partes: a **1ª Geração ou fase - Teatro em Bujaru final das décadas de 1980 - 2000**, contendo depoimentos de alguns atores que protagonizaram a cena teatral em Bujaru, nessa época. Neste momento teremos acesso às memórias dos primeiros atores do grupo Bom Intento, o que chamo de primeira geração/fase do grupo; além de buscar compreender como se deu a presença da arte-teatro a partir desses personagens, como eram as apresentações feitas por estes jovens e adolescentes e sua

contribuição para a história teatral de Bujaru. No segundo momento, descrevo o que chamo de **2ª Geração ou fase - Teatro e as comunidades 2001- 2020**, para mostrar como era e como está o grupo hoje, o atual elenco; como eles realizam seus trabalhos, contemporaneamente; como anda a parceria com a comunidade; e perceber seus resultados e acontecimentos relevantes, além de frisar sobre a busca do elenco pela profissionalização através do estudo acadêmico, e ouvir destes quais são as suas perspectivas e sonhos futuros com o teatro.

No segundo Ato – Bujaru e suas Memórias Teatrais – Memórias teatrais de uma atriz de Bujaru, relato sobre minhas escrivências e memórias com o teatro, o estudo, as experiências, a busca pelo profissionalismo, e resultados alcançados. A escrita encaminha-se para uma autorreflexão acerca da minha própria trajetória com teatro, o meu caminhar que hoje resulta também de minha participação na companhia de teatro Bom Intento de Bujaru, e apresento minhas motivações e experiências, por memórias incutidas nesse processo, procedendo, assim, em uma escrita memorial desse fazer teatral até os dias de hoje, com descrição de alguns trabalhos realizados por mim durante no processo acadêmico em teatro, destacando a performance *Cicatriz; A Verdade está na Pele*, resultado cênico memorial e de reconhecimento ancestral na dramaturgia pessoal da atriz dentro do Curso de Teatro na UFPA.

O trabalho chegará à sua conclusão nesta pesquisa e seguirá sem esgotar a investigação e sim como um dos registros históricos de uma história em construção, pois sobre os registros teatrais em Bujaru e em muitos outros lugares do Pará, muito há que se investigar. Esta pesquisadora bujaruense, entusiasmada por sua arte-teatro e sua terra, há de se crer, contudo, que investigar a fundo a história teatral, na Amazônia paraense, deva ser um apaixonante desafio para novos pesquisadores de teatro e, principalmente, por participantes do grupo de pesquisa Perau, estes que são verdadeiros amantes das memórias guardadas e que devem ser desveladas das mentes, sendo devidamente registradas, para o qual esta pesquisa quer ser um modesto e esperançoso estímulo em busca da valorização da cultura local e cena teatral na Amazônia.

1.1 Lugares da Memória: percurso teórico-metodológico

Registrar particularidades do teatro no Pará nos ajuda conhecer melhor como essa arte tem se desenvolvido e resistido ao longo dos anos, nestas terras da Amazônia paraense, se adaptando à cultura popular e se apresentando aos mais diferentes públicos. Diante desse cenário, é importante que a história do teatro também revele como têm acontecido, os

atravessamentos provocados pela arte teatro, em públicos de municípios e comunidades distantes da capital do estado, pois, como afirma Felix Barbosa (2018):

Fazer o registro de um acontecimento é proporcionar uma segunda chance a quem não teve a oportunidade de participar, conhecer ou presenciar, e a primeira oportunidade para quem sequer existia ou conhecia. Portanto, juntando os benefícios que o registro traz chegaremos à conclusão que todos ganham (BARBOSA, 2018, p. 13).

Para tanto, proponho trazer ao palco das memórias um registro acerca da existência do teatro em um dos vários municípios localizados às margens do Rio Guamá, em cena “Bujaru”, a partir do levantamento de dados colhidos através da pesquisa que se utiliza do método da história oral. Por meio desse procedimento metodológico, venho tentando conhecer e entender a prática teatral e comunitária da “Companhia de Teatro Bom Intento”, grupo que defende, em seus princípios, democratizar a arte do teatro a públicos de comunidades periféricas urbanas, ribeirinhas e de floresta na zona rural do município, alusiva à sua missão: “formar novos cidadãos críticos e esclarecidos, através da valorização e acesso a cultura com foco no teatro de grupo” (RELEASE GTBI, 2003).

Descobrir como? Onde? Quando surgiu o grupo? E de que forma desenvolviam suas produções, quais desafios enfrentaram? São perguntas que ao serem respondidas querem devolver à comunidade local o direito de conhecer a sua história artística com o teatro, reconhecendo quem foram e quem são seus protagonistas, pois, segundo Barbosa (2018):

Dessa forma, acreditamos que ao realizar esse estudo manteremos vivas as memórias daqueles que se doaram pelo teatro, além de garantir às futuras gerações o direito de reconhecer e transmitir a seus sucessores essa história e memória viva (BARBOSA, 2018, p. 25).

A pesquisa parte também de minha trajetória teatral, buscando entender como o teatro de Bujaru através da comunidade, tem nas últimas décadas resistido e identificando diversos resultados positivos na vida das pessoas. Além de destacar o trabalho artístico com jovens perceber afetos construídos nas relações me levam a primar pela importância da arte na construção de uma mudança social e na participação da cena teatral do Pará.

Queremos, portanto, contribuir na construção de um trabalho de registro histórico tanto em gratidão à “Companhia Teatral Bom Intento”, por experiências e vivências que me fizeram querer buscar mais conhecimento profissional sobre teatro, quanto disponibilizar aos pesquisadores acadêmicos, os registros da existência e resistência de um teatro vindo do interior paraense, de comunidade, um teatro ribeirinho em plena floresta, na perspectiva de somar informações sobre cultura com a arte-teatro, em terras amazônicas. Segundo Loureiro (2015):

A cultura amazônica, em que predomina a motivação de origem rural-ribeirinha, é aquela na qual melhor se expressa, mais vivas se mantêm as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística propriamente dita e na visualidade que caracteriza suas produções de caráter utilitário – casas, barcos, etc. [...]. Sobrevive nela uma consciência individual pela qual o homem se realiza como cocriador de um mundo em que o imaginal estetizante e poetizador se revelam como uma forma de celebração total da vida (LOUREIRO, 2015, p. 79).

Nesse sentido, busco conhecer ainda mais o “Lugar” e principalmente algumas pessoas que pudessem nos ajudar a contar as memórias teatrais desse lugar-Bujaru, que estão para além dos registros oficiais, para então trazer ao palco desta escrita suas vivências e memórias poéticas nessa comunidade artística teatral.

A história oral, como metodologia escolhida, é justamente para dar referência aos acontecimentos históricos que não foram registrados ou as fontes tradicionais não conseguem contemplar. Trazer a oralidade como referencial teórico-metodológico em abordagem qualitativa, apresenta-se como possibilidade profícua à realização da pesquisa, uma vez que meu objetivo é investigar a existência de um fazer teatro no interior do Pará, a partir do conhecimento empírico atual no recorte histórico que estamos trabalhando.

Para Sônia Freitas (2001, p. 05), “História Oral é um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. Para ouvir a história, na perspectiva da história oral, precisamos aguçar nossa sensibilidade, para, então, compreender que nesse método é necessário um planejamento com estudo prévio do tema e a elaboração de um roteiro-guia para as entrevistas. Se nos propomos a ouvir as pessoas elencadas para contar suas histórias, nós nos abstermos do querer comprovar de fato o que nos contam. Às vezes, podemos sentir vontade e desejo de interferir ou de confrontar a informação, mas em hipótese alguma esse é o propósito do método, sua principal finalidade é a criação de fontes, a partir do objetivo da pesquisa.

Além disso, com as pesquisas históricas alicerçadas na História Oral, crê-se que há uma melhor possibilidade de interpretação da realidade vivida, baseada na voz daqueles que participaram do processo de construção histórico-social, do que conferir a alguém a responsabilidade única de narrar os fatos tidos como oficiais (BEZERRA, 2013, p. 41).

Hoje se compreende que a história oral se evidencia a partir dos avanços tecnológicos pós-segunda guerra mundial, em que se inicia o uso de novas tecnologias, como gravadores, máquinas de escrever e máquinas em geral, na perspectiva de guardar e validar experiências não registradas em documentos escritos ou que quando registradas estão quase

sempre em valor subjetivos. Ao utilizar o método de registro, a partir de entrevistas, democratizam-se o ato de registro e fazer histórico que, assim, poderá ser construído por tantas pessoas comuns quanto, grupos autônomos e pesquisadores independentes, que sem precisar da validação acadêmica para isto podem dar continuidade aos acontecimentos passados.

Entretanto, há de se fazer merecido reconhecimento à academia, pois esta ainda deve ser a detentora de criar metodologias para a realização de múltiplas escritas. Em história oral a memória é a principal referência que liga ao passado, seja pela vivência própria, ou através de pessoas que viveram aquele fato histórico, diferente do processo de escrita da história convencional, que pode se feita através de consultas em diferentes registros, livros, relatórios, documentos, jornais etc. Na História Oral não, pois para fazer o registro histórico através da oralidade você lida diretamente com as pessoas, não apenas no aspecto físico, mas também, no emocional. Portanto, não será incomum no momento das entrevistas nos depararmos com diversos momentos de emoção, alegria, riso e até desabafos, fatos estes que podem e certamente vão interromper a gravação, mas tudo isso não deve ser encarado como um problema. É, pois, nesse momento que nos deparamos com a manifestação da subjetividade incutida no sujeito, através da percepção será possível, “mergulhar em individualidades, experiências particulares; perceber como um fato comum a todos chegou a cada indivíduo de forma distinta, sem a preocupação de afirmar verdades, mas relatar essas memórias e analisar os discursos produzidos” (BEZERRA, 2013, p. 41).

Pensar a memória como fonte de registros histórico nos leva ao exercício de reviver o passado, e muitas vezes esse memorial tem sido o único acervo presente sobre a nossa história na pesquisa. É preciso usar o exemplo dos povos africanos e voltar nosso respeito para os nossos mestres da cultura, pais, avós, tios, bisavós que são a meu ver os verdadeiros detentores da história, pessoas que nos ensinam sobre a vida e nos contam sua vivência, para ouvir, aprender, conhecer e assim escrever nossa história futura. Através dessas memórias compartilham conosco acontecimentos onde podemos olhar e realizar um registro documental, proporcionando uma melhor visão dos fatos no presente, ausentando nosso senso crítico.

A memória é uma fonte usada pela história, mas não é a história em si. São eventos e fatos do passado vividos pelo sujeito ou valorizados conforme seus interesses fazem parte de nós ou fazem parte de um passado que queremos que seja o verdadeiro ou único. Há ainda fatos que o sujeito não viveu, mas dependendo da sua ligação com aquilo se tornam também, as suas memórias, isso surge a partir de suas crenças de cunho ideológico, religiosas,

políticas, filosóficas, identitária e outros, mesmo que essas pessoas não tenham vivido aquilo ainda sim sentem que fizeram parte, ou seja, um compartilhamento do passado sem uma determinada metodologia ou crítica. Os personagens da memória surgem a partir de fatos que ligam determinados períodos a estes indivíduos, que se personificam no papel da memória coletiva ou compartilhada.

Para que se possa compreender a memória é importante ressaltar sobre os lugares da memória, lugares estes que não são apenas físicos, como espaços e prédios, museus, bibliotecas ou templos, mas também acontecimentos, eventos, datas comemorativas e cerimônias públicas que ficam gravadas em cada um de nós (NORA, 1993). Uma das maiores referências do país quanto a esse método hoje é a Fundação Getúlio Vargas no Rio de Janeiro, onde existe um centro de memória exclusivamente de história oral tornando-se assim também uma referência mundial no que diz respeito a esse método.

Segundo Freitas (2001, p. 20), “a História Oral, no nosso ponto de vista, pode ser dividida em três gêneros distintos: tradição oral, história de vida, história temática”. O ato de contar história vem de longas tradições humanas, principalmente entre os povos da África, que no costume de contar e repassar seus hábitos e culturas, mantém viva suas memórias. Manter viva suas memórias é curioso pensar que entre os costumes de povos mexicanos, sobre os ditos e lendas quanto à existência de vida após a morte relata-se que: se alguém morre, passa a viver em outro plano, uma vida paralela as memórias deixadas por essa pessoa em seus entes queridos, quando ninguém mais se lembra dela, em vida, esta por sua vez passa a não existir, mas em nenhum dos planos e é também por isso eles celebram o dia dos mortos em prol de seus entes falecidos, para que eles continuem a existir até que possam se reencontrar¹.

Para Jan Vasina (2010, p. 140), “a tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra”. Ainda nessa mesma perspectiva Jan Vasina reitera que “a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma Habilidade”.

Mas a tradição oral não está presente apenas nas comunidades tidas como “iletradas” ou tribais. Ela pode também ser identificada e resgatada em sociedades rurais e urbanas pela metodologia de História Oral. Por exemplo: as cantigas de rodas, brincadeiras e histórias infantis são transmitidas oralmente, de geração em geração (FREITAS, 2006, p. 07).

¹ Cenas fictícias como esse relato podem ser vistas em uma recente animação cinematográfica no filme “Viva - A Vida é uma Festa”. Direção: Lee Unkrich, Adrian Molina - PIXAR 2018.

Nesse sentido, a história oral bem como registros fotográficos, escritos entre outros, constituem base relevante para o andamento desta pesquisa. As entrevistas feitas nesse trabalho consistem em um processo de conversação entre a pesquisadora e os entrevistados, nos quais estes são a fonte de dados, eles contam sua história com a arte pesquisada, ao dar seu depoimento, criando, assim, registros documentais para a perpetuação da memória. Porém, não são eles o objeto de pesquisa, por meio destes dados busco compreender as relações sociais em que o objeto da pesquisa e seu relator estão inseridos. Segundo Freitas (2006, p. 46)

as histórias de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros, isto é, definem-se em função das informações, indicações, esclarecimentos escritos ou registrados, que levam a elucidações de determinadas questões e funcionam também como provas.

O processo de reconstruir o passado, através de registros históricos acerca do teatro, tem se tornado um duplo desafio, tanto pela dificuldade em reunir tais dados, quanto pelo desejo de oferecer um bom trabalho ao leitor. Nesta perspectiva, utilizar a entrevista, como forma de recolher depoimentos, mostra-se como um procedimento pertinente para esse propósito, ao utilizar esse método de oralidade busco seguir as orientações quanto às entrevistas, segundo orienta Freitas (2006):

Antes do início da entrevista, asseguramos aos nossos entrevistados que, naquela entrevista, ele terá todo o direito de não opinar sobre aquilo que não lhe for conveniente, solicitar o desligamento do equipamento, quando considerar necessário, ou mesmo censurar trechos da entrevista gravada e da sua respectiva transcrição (FREITAS, 2006, p. 91).

Diversos pesquisadores descrevem sobre história oral, destacando a importância de uma relação de boa qualidade entre entrevistador e entrevistado. Nesse sentido, Thompson (1998) considera que:

Há algumas qualidades que o entrevistador bem-sucedido deve possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoa e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela opinião deles e, acima de tudo, disposição para ficar calado e escutar (THOMPSON, 1998, p. 254).

O entrevistador deve deixar o entrevistado à vontade para expor, narrar e construir sua imagem sobre o fato ocorrido. Não lhe cabem impor algo ou atribuir juízo de valor em relação ao depoimento. A pesquisa traz um contexto histórico do lugar de memória, a partir do surgimento do município, meus relatos de memórias com o teatro, relatos de artistas da cena teatral do passado, da Cia Bom Intento desde o final da década de 1980, e décadas de 1990 a

2020 e registro de manifestações artísticas ligadas ao teatro, e outras artes existentes e não mais existentes em Bujaru. Essas informações compõem as bases para manter vivas as memórias teatrais do lugar.

1.2. História e Memória de Bujaru

Bujaru cidade altaneira
 Do nosso querido Pará
 Fundada pelos nordestinos
 que chegaram outrora no Guará.
 refrão: Avante Bujaruense
 Vamos saudar esta terra adorada
 Município do interlan paraense
 Salve o teu nome!
 Cidade por nós amada.
 Modesta, risonha e serena
 De palmeiras encantadoras
 Desperta do sonho ao trabalho
 Nas belas madrugadas promissoras.
 Avante Bujaruense...
 Terra gentil e hospitaleira
 Como a ti terra eu sei que não há
 Com a tua beleza brasileira
 Retrata-te nas águas do Guamá.
 Avante Bujaruense...
 Tens floresta rica e majestosa
 Teu rio é uma realeza
 Tua gleba é forte e ditosa
 O pôr do sol enfeita a natureza.
 Avante Bujaruense ...

Hino de Bujaru, composição de: Iracema Heitor, Benedita Luz, Oda Bernardo e Neuza Silva (1980).

Bujaru é lugar de origem indígena e quilombola, sustentada economicamente pela agricultura familiar e comércio de bens e serviços, destacando-se a produção de farinha de mandioca e de açaí, cultivados nas terras férteis e nas vargens ribeirinhas. Essas terras outrora foram chamadas de “Guaramuçú”, que em língua indígena quer dizer “cobra de boca grande”, isso porque o traço do rio visto do alto, assim como tantos outros rios amazônicos, lembra o desenho de uma grande cobra e a parte que desemboca no rio Guamá, o mesmo que banha Belém, seria a grande boca aberta da cobra.

O nome Bujaru tem mais de um ou dois significados: um seria origem do rio com mesmo nome, e que perpassa as terras do município. Porém, de acordo com os registros memoriais encontrados no livro tomo da Paróquia de Bujaru, frei José Álvares registra em

1943, a partir de suas pesquisas a origem do município, que: “quando os portugueses após a fundação de Belém subiram o rio Guajará [...], atualmente rio Guamá, ávidos de riquezas seguiram pelo rio e seus afluentes por conseqüente o rio Bujaru” (ÁLVARES, 1943, p. 03). . Ainda ao ouvir os moradores antigos o Frei Jose Álvares registra no TOMBO:

As informações que agora vou transcrever me foram fornecidas pelo erudito septuagenário Sr. Alfredo Francisco de Nazaré e Silva. Os portugueses denominaram o rio Bujaru de bela concórdia [...]. Porém, profetizando os nossos antepassados esse nome ficaria em antagonismo com o proceder dos seus descendentes, seus futuros habitantes, mudaram para **Bujaru** (grifo nosso). Diz à tradição que Bujaru era alcunha de um português, senhor de um engenho, com o mesmo nome de Bujaru para a foz do rio (ÁLVARES, 1943, p. 04).

A palavra Bujaru é junção de duas palavras de origens indígenas: Buja, quem vem de “Bujona” que é cobra grande; e “Aru” que é sapo em tupi. Uma lenda do nome Bujaru, também conta que um índio por ter avistado uma grande cobra com um sapo na boca gritou: Bujaru! Já os mais antigos moradores do lugar, contam que Bujaru antes era uma fazenda de nome Guaramucu, que por sua vez, era berço de muitos pássaros Guarás (pássaros vermelhos), nos seus mangues à beira do rio e pela presença de indígenas nessas terras, assim Iracema Heitor² (2018) define: “Guaramucu também é topônimo indígena que possui várias interpretações, entre estas significa: AVES e ÍNDIOS, derivadas do vocábulo tupinambá GUIRA que é aves, pássaros, e MAKU que na língua indígena da tribo Guajará, que quer dizer ÍNDIO”. Sendo assim Guarámucu uma terra antes habitada por índios e guarás.

O rio Guamá, que banha a cidade, está geograficamente dividido em três grandes afluentes: o Rio Bujaru, o Rio Guajará-Açu e Rio Igarapé Açu. Terra de povo gentil e hospitaleiro, desde as origens manifestando sua fé, fruto das missões religiosas que trouxeram com elas as artes e entre elas o Teatro. O município surge, oficialmente, por volta de 1758, quando ainda era distrito Guaramucu, subordinado ao município de São Domingos da Boa Vista, atualmente São Domingos do Capim.

Bujaru tem sua localização há 82 quilômetros da capital Belém, é possível chegar de barco pelo rio Guamá ou de carro pela BR 316, na PA 140, a partir do município de Santa Izabel do Pará, seguindo até a margem direita do rio Guamá, já nas terras do município de Inhangapi, chega-se ao porto da balsa, local de embarque em balsa para cruzar o trecho do rio Guamá que banha o município. Após pequena travessia, que dura cerca de vinte e cinco minutos, chega-se a Bujaru, na margem esquerda do rio Guamá, tem divisa com os

² Iracema Heitor: professora, pedagoga e escritora, a citação aqui reproduzida foi concedida em entrevista sobre a história de Bujaru em 2018.

municípios de Acará, São Domingos do Capim e Concórdia do Pará que outrora foi distrito de Bujaru. Este município faz parte da região Guajarina nordeste do Pará.

Bujaru, em 30 de dezembro 2020, completou 77 anos de emancipação. Sua população estimada, em 2016, era de 28.016 habitantes. Possui uma área de 990,399 km². (IBGE 2008). A partir do decreto lei 4.505, assinado pelo então interventor federal Magalhães Barata, o distrito de Guaramucu ganha o título de município. Antes é importante registrar que na época da colonização o lugar chamava-se Guaramucu, com o passar dos anos e a necessidades de desenvolvimento a cidade mudou de lugar e de nome e passa a se chamar Bujaru: “ai que saudades eu sinto de lá, Bujaru minha cidade, nas margens do Rio Guamá”. (Trecho de canção composta pelo cantor bujaruense Haroldo Reis, anos 2000).

Figura 1: Vista aérea de Bujaru na margem esquerda do rio Guamá.



Fonte: FARO (2019).

1.2.1 Igreja de Santa Ana no Alto Bujaru

Falar da história a de Bujaru não seria possível se não fosse iniciar pela história da igreja dedicada à gloriosa Santa Ana, no Alto Rio Bujaru, lugar onde se iniciou o povoado e vila de Santana, a primeira sede do município. Nascimento (2013, p. 78) relata que: “a igreja de Santana está localizada as margens do rio Bujaru desde 1759, conforme documentação histórica, embora relatos indiquem a presença da igreja no rio Bujaru desde o século XVII”.

Figura 2: Foto da Igreja de Santa Ana Alto Bujaru.



Fonte: Acervo pessoal de Iracema Heitor.

Ao descrever sobre a fundação da vila e a construção da igreja, comungamos da história repassada aos nossos antepassados, quanto ao período de colonização que ocorrera efetivamente a partir da doação de terras a colonos, através das cartas de sesmarias, que ainda segundo Nascimento (2012, p.50) eram “fornecidas pelos donatários das capitâneas e províncias régias”.

Devido às muitas exigências da Coroa, não era raro que essas sesmarias se tornavam ociosas: “no século XVII até meados do século XVIII, com muita frequência eram passadas, por testamento ou doação, as ordens religiosas, com a contrapartida de orações e missas” (NASCIMENTO, 2013, p. 51). Assim, os Frades Carmelitas, como demais ordens religiosas da época, receberam também suas primeiras propriedades ao longo do Rio Guamá e Rio Bujaru. Entre elas estavam às fazendas de Santa Tereza (engenhoca) no Rio Guamá, Fazenda Bom Jardim ou Nossa Senhora do Monserrate no Rio Bujaru, e Engenho de Pernambuco ou Nossa Senhora do Livramento, da estrela do Monte Líbano no Rio Guamá.

Ainda segundo Nascimento (2013), as terras do rio Bujaru foram sendo ocupadas entre os séculos XVII e século XVIII, não só pelo sistema de sesmarias, mas por colonos posseiros, além de outras formas de ocupação como mocambos e quilombos. Nesse sentido, podemos supor que a igreja tenha sido construída nesse período. De acordo com as informações colhidas pelo frei José Álvares do Perpétuo Socorro, “foi perto de uma fazenda de escravos

que foi erguida uma pequena capela de taipa sob a invocação de Nossa Senhora Santa'Ana" [...] o dono era o senhor português Narciso Gomes De Amaral que depois as doou juntamente com terras para sustento do capelão" (PÉRPETUO SOCORRO, 1943, p. 03). A igreja de Santa Ana, possivelmente, tornou-se um polo de colonos na região do rio Bujaru, sucessivamente sendo doadas aos frades carmelitas para fortalecer o papel da igreja na região.

Em 1788 houve a visita do 6º Bispo do Pará em Santana, Dom. Frei de Bulhões e Sousa. O mesmo descreve sua visita a Bujaru dando-nos a crer que até esse momento a igreja ainda era a construída de taipa pelo que diz: "a todos servi muito obsequio e liberalmente contribuíram para as despesas de hospital. A igreja é muito pequena de ordinário asseio: agora entram os fregueses a olhar para ela com maior zelo depois que os incitei a estabelecerem na mesma a confraria de Santa Anna, padroeira da igreja" (PÉRPETUO SOCORRO, 1943, p. 09).

A igreja de Santa Ana é uma construção que está prestes a fazer 300 anos de fundação, isso apenas pelo que se tem registrado como paróquia, não se pode afirmar ao certo quantos anos levou para ser construída, sabe-se apenas que parte do material vinha de Portugal por navegação e é uma construção arquitetônica de grande valor histórico. Segundo Nascimento (2012):

Santana não se moveu, mas algumas coisas mudaram na relação de Santana com a geografia. Ela continua Santana do Bujaru, pois o rio continua-lhe companheiro e testemunha de sua história. Foi a partir do Rio Bujaru que fora delimitada a sesmária doada a Balthazar de Fontes e sua companheira Maria de Mendonça por Bento Maciel Parente em 14 de Junho de 1624 e que em 1627 os mesmos repassaram aos padres carmelitanos que vieram compondo a estrutura da gestão do novo território. (NASCIMENTO, 2012, p. 02 apud PRAT, 1941, p. 143).

A partir do Decreto de emancipação de 1943, Vila Santana passa a ser a primeira sede do município, denominado agora de Bujaru, para tanto, criaram-se: cartório, posto médico, escola e cemitério. Na distinta vila existe uma igreja secular construída por ordem dos padres Carmelitas, uma igreja centenária em honra à Gloriosa Santa Ana, avó de Jesus, segundo a tradição católica. Essas informações são reforçadas por Iracema Heitor (2018) que afirma:

A primeira sede de Bujaru foi lá em Santana né? Aí, como viram que não ia ter desenvolvimento nenhum se a sede do município continuasse lá eles procuraram um local mais aprazível e veio para Bujaru e fizeram uma mídia do lugar e teve vieram os nordestinos plantavam arroz, milho (HEITOR, 2018)³.

De acordo com a arquiteta paraense Cláudia Nascimento, atual professora da faculdade de arquitetura da UFRR, apesar de seus traços arquitetônicos lembrarem em muito

³ Iracema Heitor: professora pedagoga e escritora. Entrevista sobre a história de Bujaru concedida em 2018.

os traços do famoso arquiteto italiano Giuseppe Antonio Landi, não é possível afirmar tal autoria. De certo, supomos diante dos estudos, que nossa igreja de Santana pode ter sido inspirada nos modelos de igrejas que eram desenhadas naquela época e que indicam influências do famoso arquiteto Landi, também foi fiel devoto de Santa Anna e contribuiu diretamente para o desenho arquitetônico de várias igrejas nessa região, como a de mesmo nome no centro de Belém.

Sobre a igreja de Santa Ana não se tem comprovação documental do arquiteto responsável, mas de acordo com suas evidências, pode se supor que também faz parte dessa leva de prédios construídos e influenciados pela arquitetura de Landi. Por isso, supomos que ela também poderia ter sido desenhada por um dos seus auxiliares, ou mesmo pelo devoto e grande arquiteto. Algo que nos leva a refletir sobre a chegada das artes na época da colonização, por volta do século XVIII, momento que diz respeito à construção das igrejas, paróquias e a importância da igreja católica com catequese e formação das primeiras cidades da região na ocupação da Amazônia. De fato, a presença da igreja nestas terras foi primordial para a fundação de Bujaru e cidades vizinhas da região do Capim, no nordeste do Pará.

II ATO: BUJARU E SUAS MEMÓRIAS TEATRAIS

Para adentrar as memórias do teatro em Bujaru, e conhecer um pouco mais sobre a presença do teatro nessa cidade, será necessário revisitar memórias da colonização portuguesa na Amazônia, algo que nos assemelha a muitas outras histórias da chegada do teatro na região. “As missões religiosas, mesmo tendo como foco o aspecto religioso e eclesial, ao interferir na vida de uma determinada comunidade, assumem dimensões que transcendem sua original intenção espiritual; atingem, também, dimensões que vão além do âmbito das convicções pessoais de fé” (PERDIGÃO, 2013, p. 19).

A existência do teatro nos municípios de interior do Pará está intimamente ligada à chegada da igreja nessa região. Após instalação do domínio português, artes como o teatro missioneiro, bem como o canto, a música e a dança, organizadas pelos padres Jesuítas e/ou outras ordens religiosas, tais como, Carmelitas, Franciscanos e outros, no intuito de colonizar e catequizar o povo, foi ferramenta essencial para cumprir a missão. Segundo Silva e Alves (2010, p. 01):

E para alcançar o objetivo de evangelizar os nativos, os jesuítas utilizaram de instrumentos como os autos, o teatro jesuítico, além do elemento lírico (a poesia por eles escrita) e foi a partir da convivência com esses povos ameríndios que jesuítas como José de Anchieta e Antônio Vieira produziram grande parte de suas obras.

O pesquisador Vicente Salles (1994) descreve que a história do teatro paraense inicia com a chegada dos missionários portugueses no séc. XVII, nessa época predominava o teatro missioneiro que servia de catequização para os nativos, nos moldes europeus, como divertimento para as famílias de posses. Destacam-se, no Pará, os primeiros registros em 1665 com as representações da solenidade da Paixão de Cristo, feitas pelos padres jesuítas. Em 1677, segundo Salles (1994, p. 04) realizou-se, na portaria do convento das Mercês, Belém, a representação de uma comédia.

Salles (1994, p. 04) destaca o padre Tomás do Couto como o primeiro ensaiador e que: “exercitava os seus discípulos a recitar poemas, declamar orações, representara admiravelmente comédias com que surpreendia toda a cidade. Primeiramente nas escolas e conventos sobre o olhar das famílias de posses, e depois ganhando as ruas e o jeito popular de encenar”. Nesse sentido, segundo Bezerra (2013, p. 33):

Vicente Salles diz que Belém tem uma longa relação com o teatro, desde a sua fundação no século XVII, com o teatro jesuítico, perpassando pela produção do chamado teatro popular, que seguia o calendário cristão, como As Pastorinhas, A Paixão de Cristo, a Quadra Junina, e a Quadra Nazarena; até apresentações que

seguiram um gosto europeizado ou de uma tradição desmontagem de textos do cânone dramático nacional e internacional; além da construção de espaços cênicos, como o Teatro Providência, o Teatro Charlet e o Teatro da Paz, fruto da *Belle Époque*.

Portanto são nas práticas culturais populares, que o teatro amazônica finca suas raízes, e está presente no cotidiano das terras do Pará. Com base nisso, queremos mostrar que o município de Bujaru também possui uma história teatral, que iremos narrar em seguida.

O fazer teatral em Bujaru tem sua origem plantada no convívio comunitário, parte dessa relação provém dos costumes religiosos, reforçados através da arte. A maioria dos artistas bujaruenses carrega um forte laço histórico com a igreja católica, a partir desse vínculo surgem às primeiras manifestações espetaculares, muitos desses tiveram seu primeiro contato com arte através da catequese, ou por meio de diversos serviços na igreja, a música e o teatro protagonizam desde sempre.

Os registros memoriais de personagens do teatro bujaruense e relatos de moradores antigos apontam para a existência do teatro, através da igreja, desde as primeiras manifestações religiosas realizadas no município. Ainda séculos depois da colonização da região do Capim, no distrito de Bujaru, a igreja continuava usando o teatro nas celebrações, principalmente em datas festivas como páscoa, natal e outras. O teatro servia para ajudar as pessoas a entender melhor a mensagem dos evangelistas além de contribuir para a catequese do povo segundo as doutrinas católicas.

No intuito de registrar a história teatral de Bujaru, esbarramos nos desafios próprios de construir uma narrativa que não será exatamente em uma linha cronológica, pois as memórias do lugar e seus personagens se perpassam, através dos séculos e dos recentes anos de forma especial e muito natural. Quando busco reunir tais registros, também pela falta destes, descubro que não temos dados suficientemente organizados para a montagem desse roteiro, nesse garimpar de informações entre pessoas do lugar, iniciamos a partir de memórias a tentativa de desenhar as cenas da nossa história.

Houve um tempo em Bujaru em que o povo estava afastado da igreja então o padre utiliza o teatro para trazer o povo até a igreja. Professora Iracema nos diz que sua vivência com o teatro ainda na infância vem de assistir muitas encenações do teatro da Paixão de Cristo, na Praça das Bandeiras de Bujaru, encenado por jovens católicos sob a direção do padre Frei João Francisco:

Em teatro eu recorro ainda quando eu era criança de ter assistido, é muitas encenações de teatro na Praça de Bujaru, na praça da bandeira na época era praça das bandeiras hoje é Praça das Bandeiras ou já voltou a ser da

bandeira... e lá o padre **Frei João Francisco** ele gostava de fazer a encenação da Paixão de Cristo (HEITOR, 2018).

Poucos registros históricos, como o livro tomo da igreja católica de Bujaru, (livro onde os padres registram fatos históricos da vida da igreja na comunidade) bem como os registros memoriais de Iracema Heitor nos ajudam a conhecer esses fatos acontecidos na segunda sede do município já nas margens do Guamá:

E lá o padre Frei João Francisco ele gostava de fazer a encenação da Paixão de Cristo e os atores principais eu lembro que eram a minha madrinha, Maria de Jesus Negrão que hoje ela reside em Santa Izabel e o esposo dela, o Seu Negrão, que inclusive foi prefeito de Santa Izabel. Na época eles moravam em Bujaru, ela era professora e eles encenavam a Paixão de Cristo, muita linda, muito linda mesmo em praça pública (HEITOR, 2018).

2.1 Uma Casa de Teatro em Bujaru

O Teatro Martins Melo, segundo a professora Iracema Heitor, foi o grande palco de muitas apresentações artísticas, shows, bailes carnavalescos e concursos de beleza, entre outras festas. Em princípio o local foi construído para ser uma fábrica de beneficiamento de grãos na cidade, o nome da empresa era Martins Melo, por isso esse nome. Localizado na atual Rua Tenente Pinon, Centro, o velho prédio abriga hoje o mercado de carnes.

Figura 3: Registro de desfile escolar em frente ao antigo prédio do Teatro Martins Melo década de 1970.



Fonte: Acervo pessoal de Iracema Heitor.

Figura 4: Prédio Teatro Martins Melo; atualmente como mercado de carnes de Bujaru.



Fonte: Biblioteca Municipal Veríssimo de Paula (S/D).

Sobre esse prédio, Iracema Heitor informa ainda que:

Na época que o Padre Basílio chegou já não estava mais funcionando como usina de Beneficiamento de arroz e ele pedia pra... já estava assim um espaço ocioso e ele pedia pra fazer apresentação desses teatros de santo, era teatro da vida de Santa Barbara, eu lembro bem desse teatro da vida de Santa Bárbara (HEITOR, 2018).

Após o fechamento da fábrica, o prédio foi primeiramente posto a venda e depois doado ao poder público, na época o prefeito era o senhor Raimundo de Campos Lopes, figura ilustre no município, aconteceu que o teatro ficou muito tempo parado sem eventos e o prédio fechado, então o padre foi pedir ao prefeito para que a igreja pudesse utilizar o espaço para fazer apresentações teatrais com as crianças. O prefeito cedeu de bom grado o lugar para ser o teatro, que ficou aos cuidados dos padres por longo período; foram tempos de muitas produções artísticas e eventos festivos no Teatro Martins Melo, lá aconteceram apresentações de páscoa, natal, concursos de miss, bailes carnavalescos e tantas outras, conforme alguns registros abaixo:

Figura 5: Registro de concurso de miss caipira em uma festa no prédio Martins Melo (S/D).



Fonte: Fonte: Acervo pessoal de Iracema Heitor.

Figura 6: Registro de concurso de miss Bujaru, Prefeito Raimundo de Campos Lopes com candidatas ao título no Teatro Martins Melo (S/D).



Fonte: Acervo pessoal de Iracema Heitor.

Havia o teatro do Pastoril ou Pastorinhas, apresentada no Teatro Martins Melo, que era organizado pela senhora Otilia e pelo senhor Doca (farmacêutico da cidade); e também um grupo de pássaros; o Cordão do Beija-Flor, onde Iracema Heitor, fazia o personagem caçador, na época o cordão de pássaro era organizado pela mãe de Iracema, a senhora Clélia Heitor” (HEITOR,2018).

Sobre os pastorinhos de Fátima, inclusive eu trabalhei nos Pastorinhos de Fátima eu era a Jacinta, ele fazia assim era dublado nos gravávamos antes e na hora do palco só fazíamos a encenação, era dublando todo tempo e era lotado, mas a entrada ele dava um papel que só podia entrar quem fosse na missa, entendeu? Aí era o papel da missa que era a entrada lá no Martins Melo então ele marcava já avisa logo e aí agente já avisava logo, todo mundo né, que só entrava com o papelzinho que agente recebia na missa, que era a entrada lá no teatro, todo mundo ia pra missa a igreja ficava lotada (HEITOR, 2018).

Figura 7: Pastorinhas no Teatro Martins Melo (S/D).



Fonte: Acervo pessoal de Iracema Heitor.

Figura 8: Pastorinhas no Teatro Martins Melo (S/D).



Fonte: Acervo pessoal de Iracema Heitor.

Na fala anterior de Iracema Heitor identificamos um pouco da metodologia usada na construção e reprodução sonora das cenas, quando relata que por instrução do Frei eles se autodublavam, trecho descrito em entrevista:

Figura 9: Pastorinhas. Iracema é a segunda da fila com lenço no cabelo (S/D).



Fonte: Acervo pessoal de Iracema Heitor.

Na imagem acima, vemos o registro da apresentação das Pastorinhas realizada pela paróquia de Bujaru, nela está a professora Iracema em destaque como a segunda criança na

fila com um lenço na cabeça, juntamente com outras duas meninas cercadas pelo público de fiéis que prestigiavam a apresentação. O teatro das pastorinhas, muito comum nas peças organizadas e apresentadas pela igreja consistem em retratar a aparição de nossa senhora de Fátima no monte de Fátima na Portugal, e, assim, ajuda os católicos a conhecer e aprofundar-se sobre os fatos ocorridos na história da igreja, geralmente, retratado a partir da encenação feita por crianças que representam os personagens da aparição, sendo incorporado à cena cantos e orações próprias do culto religioso.

Na história do teatro do Pará, é bem comum o registro dessas encenações, inclusive elas estão presentes também em muitas cidades do interior influenciadas pela capital Belém, fato comum da nossa história com o teatro amazônico. Sobre essas apresentações na capital do Pará, Vicente Salles (1994) escreveu:

Quase sempre frutos da iniciativa feminina, as pastoras do natal, ou pastorinhas, organizavam-se em cordão que percorria as ruas e exibia seus cantos e danças onde havia presépio. Em 1900 eram bastante numerosos os grupos que se espalhavam pelos bairros e subúrbios de Belém (SALLES, p. 310).

Não só de passagens religiosas eram compostas as encenações apresentadas pelas crianças e pelos religiosos em Bujaru, como informa Iracema Heitor, em entrevista:

A igreja se enchia para essas apresentações teatrais, inclusive também nós fizemos a fábula do coelho, muito lindo, eu fui coelhinho, eu era o coelhinho, eu ainda tenho foto dessa época, eu trabalhei como ... era o coelho ele queria fazer a casa dele, aí ele ia emprestar dinheiros dos amigos, muito bonito. Também era a fábula do coelho, emprestava o dinheiro de todos os amigos, pro galo, pra raposa, pra onça e pro caçador, ele marcava uma data e uma hora que os amigos iam chegando pra cobrar o dinheiro que tinham emprestado da casa, e eles iam um comendo o outro pra poder ele não pagar a dívida (HEITOR, 2018).

A peça relatada pela professora Iracema, identificada abaixo, como a “Fábula do Coelho”, trazia a história de um coelho que enganava os amigos, no intuito de se dar bem. No entanto, o objetivo além de divertir era buscar uma reflexão acerca do nosso cotidiano e das coisas que acontecem em nossa sociedade. Uma forma de fazer o público repensar as atitudes e, sobretudo, nas consequências das ações diárias, reflexões motivadas não só nos ensinamentos religiosos, mas também, de caráter social, assumidos pela igreja junto ao seu rebanho.

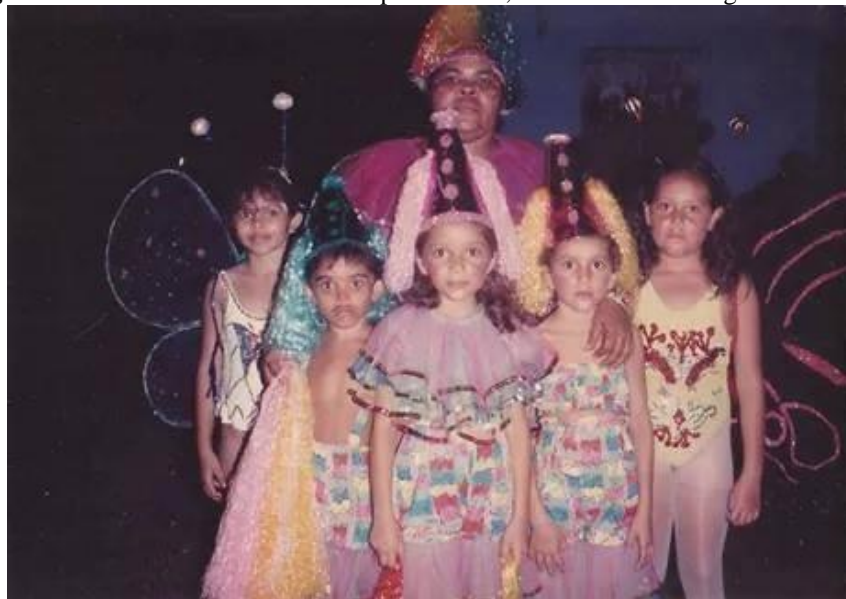
Figura 10: Peça Fábula do Coelho (S/D).



Fonte: Acervo Pessoal de Iracema Heitor.

No registro fotográfico acima estão, da direita para a esquerda, Frei João Francisco, em seguida Iracema Heitor (Coelho), algumas outras crianças que não foi possível identificar nas memórias da atriz, e a madrinha de Iracema, Maria de Jesus Negrão. Os bailes e festas dançantes também fizeram parte da história do teatro Martins Melo, e a alegria do povo no carnaval, e apresentações musicais. Abaixo registro de uma Festa de Carnaval onde ver-se a senhora Firmina Trindade⁴ grande personalidade da comunidade Bujaruense, e também o registro da banda do Pim Irmão do Pinduca em uma visita para show em Bujaru.

Figura 11: Baile Carnavalesco Municipal de 1993, Sra. Firmina com algumas crianças.



Fonte: Acervo Pessoal de Iracema Heitor.

⁴ Firmina Trindade foi enfermeira do posto de saúde por muitos anos, personalidade muito querida em Bujaru.

Figura 12: Baile com a Banda do Pim, (irmão do cantor paraense Pinduca) (S/D)



Fonte: Acervo Pessoal de Iracema Heitor.

Estes foram tempos de grandes produções artísticas do teatro bujaruense em uma casa própria. Após a partida do Padre Basílio de Bujaru, o Teatro Martins Melo fechou as cortinas de vez, e assim permaneceu por longos anos. Com o prédio de volta ao poder público, após anos fechado no primeiro mandato do ex-prefeito Miguel Bernardo, passou por reparos e modificações na estrutura, e o transformaram no mercado de carnes de Bujaru, continuando assim até os dias de hoje.

2.2 Teatro Popular - Pássaro Junino

“Nos cordões de bichos ou de pássaros no Pará, existe sempre um animal real ou lendário patrono do folguedo, por exemplo, o cordão da garcinha, do japiim, do caboclinho pardo, do rouxinol (aves), do quati, do macaco (mamíferos), do jacaré (réptil) e de animais lendários como o dragão”.

(MOURA, 1997, p. 67).

Em Bujaru, além dessas peças, várias outras formas de teatro também eram encenadas nesse tempo fora do Teatro Martins Melo, pelas ruas e terreiros na comunidade bujaruense. Grupos de teatro popular como cordões de pássaro e boi bumbá, eram outra forte manifestação cultural que o povo criava para se animar. Iracema Heitor relata que havia vários cordões de pássaros e o primeiro do qual ela tem memória foi organizado e fundado

pela sua mãe a senhora Clélia Fonseca Heitor da Silva, denominado “Pássaro Junino Beija-Flor”. Sua mãe foi diretora da Escola Estadual Dom Mário no município por mais de oito anos. Tempos depois, já formada em pedagogia, Iracema também viria a ser diretora na mesma escola no ano 2000. Enquanto era diretora na escola ela incentivou a prática de diversas apresentações e ações culturais de seus alunos.

Também teve o cordão de pássaros, o primeiro cordão foi o Beija-Flor, foi minha mãe que fez, eu era caçador né? sempre fui atuante [...] ela fazia esses cordão de pássaro, eu lembro que era o Beija-Flor, foram várias vezes, quase todos os anos ela apresentava o mesmo pássaro o Beija-Flor, e eu era sempre o caçador, me vestia de homem para fazer o caçador. Depois a dona Margarida Palheta fez o Japiim, o cordão do Japiim, era quase as mesmas músicas, mas ela fez umas novas, assim, mas ela já fez uma releitura do cordão de pássaros e era muito legal também, esse cordão do Japiim era um sucesso em Bujaru, com a dona Margarida Palheta que era uma senhora que gostava muito assim da cultura (HEITOR, 2018).

Figura 13: Montagem duas fotos de Iracema Heitor vestida de homem para fazer o caçador no pássaro Beija-Flor (S/D).



Fonte: Acervo Pessoal de Iracema Heitor.

Além desses relatos de Iracema, sobre a existência do teatro do “Pássaro Junino Beija-Flor”, fundado pela sua mãe Clélia Heitor, e do “Pássaro Japiim”, fundado pela dona Margarida Palheta, há a informação de que em outras comunidades de Bujaru já existiram outros grupos de pássaros, como o grupo do “Pássaro Bacurau”, que teria sido montado no km 03 de Bujaru, pela tia de Bento Henrique (professor de teatro formador pela ETDUFPA, também de Bujaru) uma vez ele relatou que esse pássaro teria sido apresentado apenas uma vez e criado por sua tia. Além de um cordão de pássaro junino chamado “Garça”, que seria da

comunidade ribeirinha de Conceição do Guamá, no interior de Bujaru. Infelizmente, desses outros teatros de pássaros, só se têm esses relatos e nenhum registro fotográfico. No entanto, depoimentos como os de Iracema reforçam a existência da arte teatro em Bujaru.

Figura 14: Registro do pássaro Beija-Flor (S/D).



Fonte: Acervo de Iracema Heitor

Na imagem acima, na apresentação do pássaro Beija-Flor, é possível ver os personagens Realeza e Fada. Apresentação em terreiro é possível ver a grande presença de público prestigiando o grupo.

A “luta”, no caso do cordão de bichos e de pássaros, se trava entre caçador e a ave ou bicho de estimação do amo, do rei ou da rainha do cordão. A Ave ou bicho são sequestrados ou *balados*, isto é, derrubados a poder de baladeira, designação local para o estilingue, ou mortos a tiros de espingarda. O animal, no entanto, acaba revivendo, ressuscitado graças à intervenção da medicina ou de meios sobrenaturais [...]. Tudo como se vê, de acordo com o binômio morte-ressureição (MOURA, 1997, p. 68).

Abaixo, em outro registro, vê-se o personagem caçador cercado pela maloca, em cena do espetáculo pássaro Beija-Flor de Bujaru.

Figura 15: Registro do pássaro Beija-Flor, cena da maloca, captura do caçador (S/D).



Fonte: Acervo de Iracema Heitor.

2.3 Teatro Popular - Boi Bumbá

Manifestação folclórica mais comum nas regiões norte e nordeste do Brasil, o Boi Bumbá é um tipo de teatro popular que agrega também a música e a dança em uma narrativa poética de caráter popular que remonta o século XVIII. Uma das maiores referências nortista encontra-se na cidade de Parintins, estado do Amazonas, onde ocorre o Festival Folclórico de Parintins. Ao som da toada o boi é o personagem principal da festa, mas também estão presentes o fazendeiro, o vaqueiro e sua mulher Catirina, o doutor, os índios, o pajé entre outros personagens, podendo variar de acordo com a região que o boi é encenado. Reconhecido desde 2012, como Patrimônio Cultural do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Bumba Meu Boi é uma das festas folclóricas mais importantes do país, comemorando-se no dia 30 de junho o Dia Nacional do Bumba Meu Boi.

O pesquisador Carlos E. Marcondes de Moura (1997) diz que um dos primeiros registros sobre o teatro de Boi-Bumbá na região Norte:

Pode ser encontrada em crônica do “autor português David Correa Sanches de Frias, visconde de Sanches de Frias (1845-1922), intitulada Uma viagem ao Amazonas. É nessa obra que se localiza um documento pioneiro, relativo à iconografia do folguedo. Trata-se de gravura, estampada à p.128 e que aqui se reproduz, na qual se

vê o “bomba” (sic.) desfilando por uma rua da localidade de Pinhel, a vinte léguas de Santarém, no interior da Província do Pará, precedido de festivo cortejo. Essa movimentada cena, na verdade um cortejo e cujos participantes eram todos negros, se transcreve, devido ao interesse que apresenta (MOURA, 1997, p. 56).

Figura 16: Gravura “bumbá” de 1883 em crônica “Uma viagem ao Amazonas”.



Fonte: Moura (1997, p. 56).

A apresentação do Boi Bumbá é outra forma de teatro existente em Bujaru, um dos seus grandes personagens foi o saudoso Sr. Joaquim Gomes da Silva, conhecido como Mareta, que era o amo do boi e trazia para as apresentações de rua na quadra junina o “Boi Brilha Noite”. Nesse sentido, é com grande orgulho que aplaudimos o trabalho da atriz e bailarina Jucelaine Silva, como mais uma personagem que a partir de agora, nos ajudará a contar também uma parte dessa história de teatro em Bujaru.

Jucelaine Silva dos Santos é professora graduada em Dança pela ETDUFPA em 2018, também é atriz oriunda do Grupo de Teatro Bom Intento. Em sua monografia de trabalho de conclusão de curso, ela trouxe a nós o registro histórico do teatro de Boi Bumbá de Bujaru, a partir do olhar etnocenológico. O grupo de Boi investigado, era organizado por seu avô, um senhor de apelido “Mareta”, a estudiosa denomina em sua pesquisa essa manifestação artística de “brincadeira do boi”, a partir de sua reflexão etnocenológica acerca do cantar, do dançar e do brincar. Já em nossa pesquisa acadêmica acreditamos que o Boi é mais uma forma de teatro popular, bem como o Pássaro junino que reúne em sua espetacularidade, dramatização, coro, diversos personagens, além do rico e criativo texto teatral. Em sua pesquisa, ela nos

ajuda conhecer um pouco mais sobre a história desse teatro encenado pelos comunitários que compunham o “Boi Brilha Noite”.

O Boi Brilha Noite surgiu em Bujaru por volta dos anos 1970, a partir da reunião de amigos. Jucelaine Silva (2018) relata que lhe foi reportado que, já na primeira reunião convocada por seu avô e amigos, mais de setenta pessoas apareceram para participar do grupo:

No início do surgimento do Boi Brilha Noite, suas apresentações eram realizadas em frente às casas dos próprios brincantes. Minha memória afetiva sobre a figura emblemática do Amo sobressai à lembrança do meu avô Joaquim Gomes da Silva, encenando o personagem do Amo. Meu avô junto com alguns amigos, que na época eram os pais de família que participavam da reunião de organização do Boi Bumbá, organizaram a brincadeira e a partir disso as famílias se mobilizaram e começaram o processo de criação do Boi Brilha Noite (SILVA, 2018, p. 29).

Jucelaine Silva (2018) nos diz que o seu avô era nordestino, ele e sua família migraram para Bujaru quando ele era apenas um menino. Esse fato nos remete e reforça a história da fundação do município, quando se diz que foi fundado, também, por famílias vindas do Nordeste que chegaram por essas terras e trouxeram na bagagem muitas lembranças e costumes da cultura nordestina. “Fundada pelos nordestinos que chegaram outrora no guará” é o que diz um trecho do hino municipal.

Seu Mareta criou o Boi Brilha Noite, para manter viva a recordação da manifestação popular do boi bumbá, que se lembrava de quando era criança na sua cidade Salto da Onça, no Rio Grande do Norte, onde ele nasceu. Ele chegou ainda criança, em Bujaru, mas sempre teve vivas essas lembranças da brincadeira de boi de sua terra. Nesse tempo não tinha energia elétrica, e as opções de diversão mais comuns eram as festas populares, como o período junino tanto aqui, como em outras regiões do Pará, era festa é esperada por muitos. Silva (2018), no trecho a seguir, nos relata e nos leva a imaginar a beleza e capricho da confecção dos figurinos do boi:

Minhas lembranças dele como Amo do Boi são poucas. Mas lembro-me de quando ia visita-lo, observava tão admiravelmente as roupas coloridas com fitas de cetim e espelhos. O Boi Brilha Noite era enfeitado de miçangas, lantejoulas e fitas, bem como, as máscaras (SILVA, 2018, p. 31).

De acordo com o depoimento de Silva (2018), todo o preparo do boi era feito pelos próprios brincantes, em que Seu Mareta sempre fez questão de tomar a frente dos trabalhos e cuidando dos mínimos detalhes, tudo por conta do desejo de manter viva a tradição cultural que trouxe na bagagem quando, juntamente com sua família, veio do Nordeste. Seu Joaquim, de origem nordestina, viveu a infância em um vilarejo pequeno na época chamado de Salto da

Onça e, muitas vezes, ao rememorar sua infância relatava para os filhos e netos com alegria como era bonito o cortejo de boi que ele participava no Nordeste.

A fim de concretizar seu desejo de cultivar a cultura herdada de seus pais, ele convidou alguns amigos para montar um grupo de Boi Bumbá em Bujaru, de acordo com o relato de sua neta. Um dos grandes colaboradores atuante até hoje no grupo, é o senhor Bruno Batista, com 66 anos, mais conhecido como Compadre ou Mestre Neco, ele também é cantor e compositor de carimbo e ajudou na composição de várias toadas para o boi. Por muitos anos o boi, foi atração muito esperada na quadra junina apresentando-se em diversos municípios vizinhos da região e até na capital Belém, onde foi representar nossa cidade. Contudo diante das dificuldades financeiras e após a morte do Seu Mareta, os componentes do grupo, tiveram dificuldades de montar o boi e por isso ele ficou muito tempo parado.

Atualmente o coordenador do boi é o senhor Jorge Oliveira, morador do Bairro da Palha, com muita dificuldade nos últimos anos os seus brincantes têm participado apenas do Auto do Padroeiro São Joaquim, em uma espécie de cortejo cultural que reúne vários artistas bujaruenses e percorre as ruas de Bujaru no dia do Santo Padroeiro da cidade. O auto sai sempre de alguma comunidade religiosa da paróquia com destino a frente da igreja matriz. Nesse cortejo vão os devotos do santo, músicos, bailarinos, grupos de dança, muitos artistas e o público em geral que acompanha o cortejo artístico, até o local de chegada e lá ocorre o levantamento do mastro e a apresentação completa do Boi Brilha Noite, ao som de toadas como as descritas nos versos a seguir:

Menina varre o terreiro!
 Que o Brilha Noite chegou!
 Menina varre o terreiro!
 Que o Brilha Noite chegou!
 Jogando terra no lombo,
 Pra assustar o pastorador!

Vaqueiro pula na frente e vai gritando ê Boi
 Vaqueiro pula na frente e vai gritando ê Boi
 Te alevanta menina da bancada de flor
 Te alevanta menina da bancada de flor

Vem ver, vem ver!
 O Boi brilha noite chegou!
 Vem ver, vem ver!
 O Boi brilha noite chegou!
 Toada de apresentação do boi (SILVA 1995).

Figura 17: Joaquim Gomes da Silva como Amo do Boi Brilha Noite.



Fonte: Silva (1995).

Acima é possível ver um dos poucos registros fotográficos, guardados pelos familiares de Seu Mareta, do tempo em que ele era o amo do boi. Também identificamos na foto a riqueza e beleza do figurino e confecção do boi, como bem disse Jucelaine Silva (2018) rico em fitas coloridas, lantejoulas e espelhos confeccionados pelos próprios brincantes, além de figurinos e adereços é possível observar ao fundo da imagem que o palco da apresentação se dava em espaço aberto mais comum nos terreiros ou frente de casas de algum morador da comunidade.

O Boi Brilha Noite no início da brincadeira em Bujaru era muito pesado, pois os materiais utilizados para a produção do Boi eram de ferros, ripas e crânio de boi revestido de pano, com pregos e arames. Atualmente o Boi é mais leve, ele é feito de arames, além de um tipo de madeira leve e papelão (SILVA, 2018, p. 34).

Figura 18: Boi Brilha Noite em apresentação na praça das bandeiras (1995).



Fonte: Silva (1995).

Os brincantes do Boi Brilha Noite relatam que, nos últimos 10 anos, houve muita dificuldade para manter viva essa tradição e a manutenção do calendário cultural de Bujaru, com uma intensa atividade artística, a participação de grupos de Bois, Pássaros juninos e outras formas teatrais, sofrem com a atual falta de valorização e apoio financeiro por parte das últimas gestões do poder público em Bujaru. Porém no último pleito eleitoral de 15 de novembro de 2020, ocorreu através da eleição municipal a mudança de gestor, por conseguinte, houve também a mudança de diretores e Secretário de Cultura, fato esse que nos anima a esperar por boas mudanças nesse setor.

Figura 19: Componentes do Boi Brilha Noite em apresentação no Auto do Padroeiro de Bujaru (2019)



Fonte: Acervo do Boi Brilha Noite. (2019)

III ATO: MEMÓRIA E HISTÓRIA DO GRUPO DE TEATRO BOM INTENTO

“O registro da história que não foi contada, com os indivíduos que, de alguma forma, foram excluídos e vozes silenciadas”.

(BEZERRA, 2013, p. 56).

Intentar descrever essa história quase perdida é também resistir, insistindo na luta pela valorização de nossa arte e cultura, em nosso lugar, acreditando na força e magia do teatro pela construção de uma plateia mais reflexiva e crítica, diante de um espetáculo trágico e cômico que protagonizamos cotidianamente. O teatro, bem como outras formas de artes já existia em Bujaru desde os seus primeiros moradores, havia peças que eram apresentadas na igreja e coordenadas pelos religiosos; tinham as apresentações de boi bumbá e pássaro juninos além de pastorinhas, Paixão cristo e outras peças criadas e encenadas pelo povo, o teatro sempre fazendo parte da cultura popular nas ruas e nos terreiros das nossas comunidades.

Sobre o surgimento do Grupo de Teatro Bom Intento, busquei ouvir relatos de memórias de alguns atores e amigos que fizeram ou fazem parte dessa trajetória, e descobrimos que o grupo de nome “Bom Intento”, surgiu oficialmente no mês de maio de 2000, resultado de uma oficina de teatro ministrado em Bujaru pelo Dramaturgo Ramon Stergmann⁵.

Com o atual nome de “Cia de Teatro Bom Intento”, estes artistas buscam nos dias atuais, resistir e existir em meios às dificuldades que a arte enfrenta em nosso país. Mas se tratando de teatro descobrimos através das memórias reveladas, que há uma existência teatral bem antes de o grupo receber o nome de “Bom Intento”. Para que possamos conhecer melhor esse capítulo do teatro bujaruense, várias pessoas protagonizam esse rememorar teatral que apresento nessa pesquisa, assim uma das pessoas que escolhemos para nos ajudar a contar essas memórias é a Professora Rosângela Vasconcelos⁶ pois ela foi à primeira coordenadora do grupo de teatro na década de 1980. Para tanto, passaremos agora a conhecer um pouco da

⁵ Ramon Stergmann é nome artístico do poeta, Carlos Alberto Ferreira Bitencourt, artista plástico, jornalista, ator, diretor teatral e dramaturgo, nascido em Belém do Pará em 6/08/1943, filho de Raimundo de Souza Bintercourt e Albertina Ferreira Bintencourt. Descendente de imigrantes alemães, que adentraram a Amazônia durante o século XVIII, morando na sua infância no Bairro de São Braz, onde hoje se encontra o Clube Monte Líbano, se transferindo mais tarde já adulto, para o Município de Ananindeua, onde fixou residência no Bairro da C. Nova VI, local esse transformado, em poente de suas atividades artísticas e abrigo também, no qual dezenas de jovens, oriundos dos mais diferentes municípios e de outros estados, vinham em busca de uma formação artística, acadêmica e profissional”. Disponível em: <http://grupoteatralmaromba.blogspot.com/2011> Acesso em: novembro 2019.

⁶ Rosângela Maria Vasconcelos Gomes é professora formada em letras, pós-graduada em Didática do Ensino Superior e Gestão Escolar, com mestrado em Ciências da Educação no Paraguai. Entrevista concedida em 2018 para a autora.

história do grupo através deste olhar memorial de Rosângela que também é uma importante personagem nesta história.

Professora Licenciada em Letras, com pós-graduação em Didática do Ensino Superior e em Gestão Escolar, nossa entrevistada nos recebeu em sua casa para falar sobre o teatro bujaruense. No início de seu depoimento, quanto a sua atuação com teatro ela diz que assim como a professora Iracema Heitor, foi através da escola paroquial a “Escola Sagrada Família” regida pelos padres e entre eles o Padre Basílio Bóssio, pessoa muito criativa em ações artísticas na época, que ela encontra as artes e que tudo funcionava no atual prédio onde hoje é o salão paroquial:

A minha atividade profissional aqui em Bujaru começou muito cedo, eu ainda não tinha nem a maior idade quando comecei como professora, e antes disso, eu estudei na escola, na época era escola paroquial Sagrada Família, e tinha uma equipe, inclusive o diretor na escola que na época era o padre Basílio, e cantando, a gente tinha como uma missão chegar na escola e cantava naquelas filas [...]. Não era bem um momento cívico, porque a gente não cantava o hino nacional essas coisas, era hino mesmo pertencente à escola, e dinâmicas que a gente fazia e até hinos da igreja mesmo. Então, eu cantando, o padre Basílio gostou, ele era uma pessoa muito rígida, nessa época e eu tinha não mais que cinco anos, ele ouviu, gostou e começou a me treinar, ensaiar para eu cantar na igreja e muito cedo eu comecei a cantar na igreja (GOMES, 2018).

Segundo a própria Rosângela, na época ela ainda era aluna e uma das organizadoras era uma senhora de apelido Santinha, que coordenava essas ações. Cantata de Natal, Auto de Natal, fazia também a Coroação, e nessa época Rosângela, como aluna da escola paroquial, estava sempre presente nestes momentos:

A Professora Santinha ela trabalhava essa questão: a Cantata de Natal, o Auto de Natal, ela também fazia a Coroação. Nessa época meus pais eram da igreja católica e a gente desde cedo foi criada ali nesse meio. E aí eu comecei a participar das cantatas de natal, fazíamos autos, sempre de acordo com algum tema ensinado, eu me lembro de que uma vez nós apresentamos até o Cisne em balé, treinamos a dança do cisne que eles gostavam, eles vinham da Itália, e os padres que vieram da Itália trouxeram toda a roupa, aquela roupa linda de bailarina e eu estava lá. A minha mãe costumava dizer assim, naquela época, que eu era o Guarasuco, “minha filha, tu és o Guarasuco, em tudo tu estais”. Nas danças da escola eu participava, era dia das mães, era dia dos pais, toda comemoração que tinha alguma coisa de dança, e de teatro eu estava ali envolvida, aí foi a coroação da Santa a gente fazia aquele evento lindo, as meninas todas, (trecho cantando) **“as mimosas florzinhas de maio, ofertamos a mãe de Jesus”**, era aquele monte de meninas entrando na igreja e cantando, eu achava muito lindo aquilo e eu adorava participar (GOMES, 2018, grifo nosso).

Há, portanto, duas gerações de teatro em Bujaru, uma primeira, que surge através dessas atividades motivadas pelos padres na igreja católica, em que Iracema Heitor e, também, Rosângela Gomes, iniciam no teatro a partir das atividades artísticas com crianças e

jovens que eram organizadas pelos padres, depois esse fazer continua pelos jovens que já fora dos grupos da igreja, também resolvem fazer teatro em Bujaru. Mais adiante na leitura, perceberemos que a segunda geração, advinda desta, busca firmar o seu trabalho artístico em um grupo de forma mais profissional e contínua denominando hoje de Cia de Teatro Bom Intento. Passaremos, assim, a conhecer uma e outra fase desse grupo, iniciando pela primeira geração, que atuou mais fortemente entre as décadas de 1980 e 1990.

3.1 1ª Geração/fase do Teatro Bujaruense - Grupo de Teatro Raio de Sol/Bom Intento

Ainda na infância Rosângela se destacava na escola, pelo canto, dança e teatro a princípio começa participar por incentivo do padre Basílio Bóssio, mas ao participar das cantatas de natal, danças e todas as comemorações na escola e na igreja foi criando em si maior interesse pelas artes. Ainda menor de idade, mas devido à necessidade e falta de professores, com cerca de quinze anos iniciou sua carreira docente através do programa Mobral de Alfabetização, na escola paroquial, muito criativa ela sempre levava para seus alunos também essas atividades artísticas. Então professora Rosângela foi ficando conhecida pelo trabalho na comunidade escolar e religiosa, e por essas participações nos eventos culturais. Alguns anos depois e já como funcionária da Prefeitura na década de 1980, ela sentiu a necessidade de formar um grupo teatral:

Aí surgiu a oportunidade de formar um grupo teatral, toda vez que a gente apresentava alguma coisa na igreja como por exemplo, a Crucificação, a gente precisava das pessoas para apresentarem naquele ano, quando era no outro ano tinha que está correndo atrás delas de novo. Então surgiu a ideia com o Raimundo Nonato Soares ⁷, que era o nosso famoso Tãngahá, como muitos o conheciam, a gente se juntou e formou o grupo, com algumas pessoas. Nesse grupo no primeiro momento, tinha a Raimunda Faro que é a Dica [...], o Antonio Carlos, que é o Coquinho, aí o Tãngahá e eu que sempre eu escrevia os textos que a gente ia apresentar (GOMES, 2018).

Nesse primeiro momento, esse grupo formado por Rosângela e os amigos motivados também por Tãngahá, formaram uma diretoria e registraram o grupo com nome de “Raio de Sol”. Rosângela ficou como diretora do grupo e para as apresentações eles iam convidando as pessoas de acordo com o texto, procurando na comunidade quem podia fazer determinado papel nas peças. Assim vinha um e vinha outro que sabia cantar, outro que podia encenar tal personagem, com isso figuras ilustres do lugar passaram pelo grupo de teatro. Devido o passar

⁷ Raimundo Nonato Soares (Tãngahá) foi um grande ator e músico bujaruense e primeiro diretor de cultura quando foi criada a Secretaria de Cultura de Bujaru em 2010. Faleceu em Manaus em 2016, vítima de infarto.

dos anos e os destinos e planos pessoais de cada um, essas pessoas foram saindo do grupo e entrando outras e a documentação do grupo foi perdida, bem como os textos que na época os integrantes não se preocupavam muito em guardar.

Rosângela destaca alguns textos dessa época, além da Paixão de Cristo, Pastorinhas e outras apresentações na igreja, surgiu o texto “Zambelê na Fazenda Bom Intento”, um dos primeiros trabalhos encenados pelo “Grupo de Teatro Raio de Sol”, conforme ela nos conta:

Surgiu à ideia desse texto “Zambelê na Fazenda Bom Intento” e eu lembro que uma das pessoas, além do Tãgahá e que sempre corria atrás dessas coisas, era nosso amigo Chermont, que já entrou um pouco depois, não muito tempo mas entrou ali para fazer uma participação em cenário [...]. O texto “Zambelê na Fazenda Bom Intento”, a primeira versão foi dentro do grupo Raio de Sol. Quando o Tãgahá fez o melhoramento do texto, aí já não era mais, não tinha mais o Grupo Raio de Sol, aí já era o grupo Bom Intento, alusivo justamente ao Engenho Bom Intento, porque surgiu também na época um movimento de tombamento do Bom Intento, justamente na época em que eu estive diretora do departamento de cultura, porque as coisas vão caminhando e aí surgiu essa ideia (GOMES, 2018).

Esse lugar o Bom Intento⁸, que dar nome ao grupo, é até hoje um sítio arqueológico abandonado cortado pelo igarapé de mesmo nome, fica distante cerca de três a quatro quilômetros da sede do município. Essa área rural é considerada sítio arqueológico, ainda não documentado, carrega extensa história sobre o período da colonização da Amazônia nessa região, guarda o lugar onde outrora fora um dos maiores engenhos de cana de açúcar da região, também foi palco de muito sofrimento de homens e mulheres negras escravizados, que eram forçados ao duro trabalho no engenho.

Figura 20: Ruínas do Engenho Bom intento (2021).



Fonte: SECULT Bujaru.

⁸ Bom Intento: localizado a três quilômetros do centro da cidade de Bujaru, hoje em ruínas é uma lembrança do que foi um dia uma grande propriedade agrícola comercial, onde funcionava um engenho para fabricação de açúcar, rapadura, mel e aguardente. Fonte SECULT Bujaru (2021).

Ocupando a posição de diretora do grupo, Rosângela também era responsável pelas dramaturgias encenadas, à mesma escreveu vários textos: além do texto “Zambelê na fazenda Bom Intento”, que foi o marco do grupo na época, ela escreveu uma adaptação da “Via Crucis”, “O Casamento na Roça” e o texto “Lendas da Terra”, que em suas palavras explica: “era a partir de uma parteira cega, que contava uma história da Matinta Perera, e aí conforme ela ia contando as cenas iam acontecendo, a ideia do texto foi minha, mas a ideia do cenário e dessa coisa foi do Chermont” (GOMES, 2018).

Com a chegada de Chermont ao grupo, que é artista plástico, passou-se a trabalhar mais a construção de cenários e figurinos. Sobre Chermont Martins ⁹ ela diz:

Eu continuava diretora do grupo e ele era, assim, o meu braço direito, era tudo, e qualquer coisa, Chermont, eu acho, assim, que foi uma parceria muito boa, não sei se o Chermont ver dessa forma, mas para mim foi uma parceria que deu muito certo, porque a gente se amparava um no outro, se ele tinha dúvida ele vinha comigo, se eu tinha dúvida eu ia com ele. Aí, mesmo ele sendo esse gênio em cenário, que todo mundo conhece, mas mesmo assim ele vinha: “Rosângela, tal coisa assim, será que tá bom?”. Em “Lendas da Terra” ele fez um cenário, eu lembro que tinha uma lua prateada, e a gente usava tudo reciclado, todo material era reciclado, material de cenário cortina, pouca coisa a gente recebia (GOMES, 2018).

O governo do Estado criou o projeto, “O Povo vai à Praça”, que encaminhou nesse ano equipes para diversos municípios do interior, para realizar oficinas culturais, com culminância sendo apresentações em praça pública. Foi com o texto “Lendas da Terra” que o grupo foi selecionado e se apresentou pela primeira vez no Teatro da Paz, pelo projeto “O Povo Vai a Praça”, em 1992 em Belém do Pará.

No evento, que ocorreu em Belém na Praça da República, aconteceu um grande marco para a história do grupo Bom Intento, narrado por Rosângela (2019): “havia um grupo que o Ramon Stergmann fazia parte desse grupo e como ele veio fazer oficina pra gente aqui, quando ele viu o texto de “Lendas da Terra” ele ficou maravilhado”.

Depois disso aconteceu à primeira oficina de teatro, ministrada pelo diretor João Queiroz ¹⁰ em Bujaru e com a oficina o grupo começou a se preocupar mais com a atuação. Na oficina foram feitas várias performances e apresentadas na Praça das Bandeiras de Bujaru. Então nesse momento, ainda na década de 1990 o elenco do grupo era composto por Rosângela Vasconcelos, Raimunda Faro (Dica), Antonio Carlos (Coquinho), Alcindo Barbosa, Jader Reis, Benicio Silva (Tio Pena), Raimundo Nonato Soares (Tangahá), Evert

⁹ Raimundo Ferreira Chermont, ator, artista plástico e diretor da Cia de Teatro Bom Intento, trabalhando com teatro e outras artes em Bujaru há mais de 30 anos.

¹⁰ João Queiroz, é um ator e diretor de Teatro paraense, mas vive há 20 anos em Berlim-Alemanha, continua atuando como diretor e artista de teatro.

Faro, Helton Faro, Rogério Lino, Antonio Maciel, Bruno Batista (Neco), Suelen Faro, Diogo Gomes. Participou também; Anna Correa, Carmen Correa, Lenne Correa, Jamile Cruz e Eder Paiva.

Com Rosângela trabalhando no Departamento de Cultura, eles conseguiram trazer, através da Secretaria de Cultura Estadual, o projeto “O Povo Vai a Praça” para Bujaru, no intuito de levantar novos talentos para as artes cênicas e uma das manifestações que se destacaram, também e que já existia nesse período era o cordão de Boi bumbá. Inclusive, Rosângela nos conta que seu pai, João Gomes de Vasconcelos, o João Cipó, era o segundo amo do Boi Brilha Noite:

Papai, ele tinha verdadeira paixão por encenação, sempre na igreja fazendo apresentação encenação [...]. Nessa rua da fazenda tinha um terreiro pra lá [...] e eles chamaram o Boi pra ir pra lá e quando chegava na hora ele fazia as toadas pro boi entrar [...] e tinha, assim, toda uma multidão que acompanhava o Boi [...]. São coisas assim, que está na nossa memória e que fez parte, da nossa infância e da nossa adolescência, que era muito diferente de hoje, sabe e que nos tornavam, era coisa simples, mas que faziam a gente tão feliz (GOMES, 2018).

Ainda Sobre esse período intenso de fazer teatral, a professora Rosângela continua a dizer: “Os anos que trabalhamos foi muito bom, teve as amostras teatrais que nós fomos por outros municípios, nós apresentávamos a nossa arte em outros municípios e eles apresentavam também. Saímos muito, a gente viajava, apresentava fora: Mojú, Acará, Abaetetuba, era assim bem intenso o nosso trabalho e muito valorizado pelo público” (GOMES, 2018).

O grupo não tinha apoio financeiro do poder público, pois não viam a arte como um investimento para sociedade. Então naquele momento, eles faziam tudo com o que tinham, ou conseguiam de doação, ainda assim ela declara: “eu costumo na minha memória, pra mim, assim, foi uma das fases mais bonitas da minha vida que realmente eu fiz o que eu amava que era a arte de encenar” (GOMES, 2018). Para ela o grande texto, nessa época era o “Zambelê na Fazenda Bom Intento” e ressalta: “foi um sucesso tão grande que eu creio que se a gente retomasse hoje de novo ele faria o mesmo sucesso” (GOMES, 2018).

O grupo não possuía um lugar específico para ensaios, então eles costumavam solicitar o salão paroquial para ensaiar ou o Auditório municipal. Então quando o Auditório passava por umas reformas eles se reuniam na praça, em colégios, onde fosse possível para ensaiar. Rosângela ressalta ainda sobre a importância da arte na sua formação humana e nas suas escolhas profissionais, sempre atuava em projetos sociais e semanas de arte nas escolas onde trabalhou:

Eu estudei Letras e sou apaixonada por literatura. E na minha formação profissional isso fez uma grande diferença. Porque eu fazia até de uma letra de uma música uma encenação com meus alunos. De um romance, como por exemplo, de “Morte e Vida Severina”, eu fazia um teatro, fazia uma nova versão, já que eu tinha essa habilidade de escrever [...], se o professor me desse um tema eu já jogava pra teatro (GOMES, 2018).

Vasconcelos (2018) também chama atenção para o trabalho da arte como alternativa de ocupação do tempo ocioso para uma geração de jovens, é possível ver a paixão com que a depoente fala da sua participação no teatro e isso mostram a grande importância de poder fazer esses registros.

Muitos personagens nos contam sobre a história do teatro em Bujaru, e não será possível ouvir a todos, mas continuaremos nesse processo de tentar colher essas memórias teatrais de quem vive ou viveu o teatro nesse lugar.

Conheceremos agora o relato do Sr. Antonio Carlos de Oliveira Cunha (Coquinho) que foi também da primeira geração do grupo e atuou, principalmente, na parte de figurino. Antonio Carlos (Coquinho) é professor Licenciado em Matemática, e faz uma Pós-graduação em Matemática Financeira. Antonio, atualmente é evangélico, mas já foi católico e nesse período ele era um dos jovens que frequentavam o grupo de teatro. Sobre teatro ele inicia dizendo:

Eu me identifico com o teatro da seguinte forma: eu acho que o teatro é uma forma da gente colocar em prática aquilo que a gente vive, viveu, vive e vai viver, é! De forma de expressão, tanto corporal, quanto encenação, ou como através de texto ou gesto é assim que eu entendo. O teatro na minha vida, ele começa lá no tempo de adolescência [...]. Quando eu era católico na minha adolescência, eu participava muito da igreja, dos grupos, principalmente na minha época de adolescente. Começou [...] quando a gente criou o grupo de adolescente na paróquia, a gente, na época da Semana Santa, tinha o habito de se apresentar na igreja, na Sexta-feira Santa, e começou com peças [...] bastante pequenas, duração de 10 a 15 minutos, isso foi se alongando com o passar dos tempos, fomos crescendo, amadurecendo, fomos estudando e aprendendo e assim foram criados dois grupos de jovens na paróquia, (CUNHA, 2019).

Já depois, com o passar do tempo, eles continuavam a estudar teatro, mas os grupos de jovens acabavam até brigando bastante e dando trabalho ao padre, porém, também era um grupo muito participativo e ativo na igreja, principalmente com o teatro da Paixão de Cristo e eles se dedicavam na produção do espetáculo e no final dava sempre certo. Sobre os figurinos Antonio reintera:

Eu particularmente eu trabalhava no figurino, eu confeccionava, é ate engraçado (risos) lembrando agora da história, a minha mãe tinha muita cueira, então além de pedirmos, ainda levávamos além das que ela nos dava, pra fazermos todo o figurino,

que usava vários tipos de matérias, saco de açúcar, tudo que podíamos fazer, fazíamos, nunca comprávamos nada, sempre reciclávamos e era uma coisa bastante legal, nos apresentávamos bem, as pessoas gostavam, era o momento mais esperado da Semana Santa, essas encenações que fazíamos eram tanto dentro da igreja como na rua. (CUNHA, 2019).

É possível perceber que as dificuldades financeiras não foram impedimento para o grupo realizar suas apresentações e a criatividade ajudava bastante nas horas de confeccionar os figurinos do grupo. Com o passar do tempo esses jovens foram tomando outros planos para sua vida, fato que é muito natural, alguns saíram do grupo de jovens e das atividades na igreja, mas outros continuavam a gostar de fazer teatro em Bujaru. Sobre essa fase Antonio (2019) fala do projeto “O Povo Vai a Praça” e da criação do grupo de teatro com o primeiro nome “Raio de Sol”, confirmando algumas informações que a Professora Rosangela nos relatou, ele continua dizendo:

Então não paramos e acredito que era a mão de Deus naquela época, que quando saímos da paróquia, foi no governo do Jader Barbalho, primeiro ano que ele criou o projeto “O Povo vai Praça” e Bujaru foi agraciado, veio pra cá esse projeto. Dentro desse projeto tinha a parte do teatro, inclusive teve o treinamento, que era palestrado por uma pessoa da Rede Globo [...] lembro que nesse período foi quando surgiu o Grupo de Teatro que existe até os dias atuais, surgiu lá atrás, teve a necessidade de se criar um nome que era para podermos nos apresentar nesse projeto, foi ai que surgiu o primeiro grupo de teatro que era o “Raio de Sol”, a parte que marcou mais, que alavancou que pudéssemos montar e criar esse grupo foi a última apresentação que fizemos com o grupo de jovens da paróquia, que montamos uma peça teatral que tinha um elenco com uma faixa de 50 pessoas, era um elenco bastante grande, tinha um figurino, o palco mudava muito rápido, uma história bastante complexa, na época foi muito bom, não lembro o ano e nem o evento que teve, mas era um evento muito grande que foi no Teatro Martins Melo, acho que foi o último evento lá antes de se transformar o que ele é hoje (CUNHA, 2019).

Os jovens tentaram montar uma sede para o grupo de teatro na época, mas sem o apoio do gestor municipal isso não aconteceu, também por conta de politicagem, contudo continuaram buscando alternativas para levar em frente o fazer teatral.

Foi daí que tudo começou e nós montamos o grupo, tentamos criar uma sede, mas tivemos muitas dificuldades, pois na época o gestor não gostava da gente, por que falavam que éramos de um partido e do outro e era aquela coisa. O material que foi construído o palco, nós pedíamos para o gestor naquela época, pra montarmos o nosso local e ele não deu, por esse motivo nós ficamos na rua, nos encontrávamos nas casas, hoje na minha, amanhã na casa de fulano e assim a gente sai, fomos pra Tomé-Açu, Concórdia, fomos em cima de caminhões pulando e foi uma história bastante gratificante. (CUNHA, 2019).

Antônio fala com saudade dessa época em que fez teatro e ressalta a importância do teatro para ele, fala da participação da juventude em Bujaru no teatro, e do seu desejo de contribuir com o teatro, fala da falta de apoio e incentivo do poder público para com a arte e essa é uma realidade comum na cultura brasileira.

E daí fomos crescendo o grupo, já veio mais pessoas novas, que são essas que estão recente, o Chermont assumiu o grupo, foi quando eu amadureci e fui me casar e sai do grupo. Hoje não sei como é que está, pois sai de Bujaru e voltei em 2015 pra cá, passei todo esse tempo fora e eu não sei como é que ficou. Eu tenho vontade ainda de participar, de vê como tá, de colocar umas ideias, ajudar dessa forma. O teatro surgiu aqui em Bujaru desta forma, começou na paróquia, veio com o incentivo do grupo paroquial e nós fomos montando, pegando pessoas como Edna Jordão, a Zeth, o Dhoy, o Tangahá, Edson que também participava, tinha o Genivaldo, o Peruquinha, o Francisco Mata, Lair, era um agrupo muito grande, tinha o Agenor, o Alcindo que nessa época ainda era criança, mas que participava e muitas outras pessoas que se formos listar aqui, iremos passar a noite e não conseguiremos listar todos que fizeram parte desse início de trabalho artístico (CUNHA, 2019).

Antônio (2019) conclui ressaltando a importância do teatro em sua vida e de como todas essas experiências foram essenciais para a construção da sua própria história em uma fala emocionante:

Hoje ficamos gratificantes por que vimos que vingou, sabemos que teatro é discriminado por muitas pessoas que dizem que é coisa de quem não tem o que fazer, mas eles não sabem qual a essência da coisa, qual é o objetivo, o que se passa tanto para o artista quanto para quem está assistindo, conheço pessoas que gosta de teatro que muitas das vezes trata como terapia. Tenho um amigo que às vezes me liga ou me passa mensagem: “olha, hoje estou naqueles dias e vou pro teatro, vou lá para o Waldemar Henrique ou então voou para o Centur ,ou então vou pra qualquer canto, vou assistir, preciso assistir uma peça de teatro, por que é pra mi acalmar”, então o teatro faz isso na vida das pessoas. Na minha não sou diferente, eu não participava porque não estava na cidade, sempre morei no interior, que como falei no início, sou professor, hoje não estou nessa função, hoje estou na Administração pública, mas não como professor, mas eu sempre gosto de assistir, ainda escrevo, continuo escrevendo historias, um tempo desse eu tinha (risos) um caderno que queimei, que tinha a minha história, história da minha vida, que resolvi escrever mas depois queimei, me arrependi, mas já tinha queimado, lá em Curuçambaba onde trabalhava, trabalhei quatro anos como professor, lá teve um projeto que era da escola e a parte que me tocou, foi que eu estudasse o nome do Curuçambaba, nós escrevemos um livro, esse livro está lá na escola, está guardado, no dia da culminância foi uma coisa muito bonita, pesquisamos, corremos atrás de pessoas, foi um trabalho gratificante, que é isso que o teatro faz, que pra montarmos uma peça ou fazer uma encenação a gente tem que estudar bastante, correr atrás da origem e é isso que é gratificante. Por isso que as pessoas que gostam de teatro se dão bem, porque ela vai se alimentar daquilo, na maioria das vezes a gente esquece, deixamos passar e hoje estou lembrando (CUNHA, 2019).

Também busquei ouvir um personagem muito querido e ex-ator do grupo Sr. Everton Faro (nego), ele fez parte desse primeiro elenco ainda na adolescência e tem muitas memórias desse tempo que participou do grupo de teatro e fala com emoção desse período.

Meu nome é Everton José Oliveira Faro, popular como Nego, conheci o teatro através da minha tia Dica Faro, que desde 1987 me convidou a fazer teatro [...] “eu era criança, eu já ia com ela pra ver. Olha! uma vez eu fui lá pros rumo de Tomé-Açu, passamos pra lá, quando nos chegava era de madrugada, nessa época anos 90, não tinha luz elétrica, nossa luz ia até 22h00 aí o papai que ia buscar a gente. [...] no tempo não tinha nome [...] tinha várias apresentações nos interiores, ia pra Tomé-açu, Quatro Bocas e vários municípios, através dela que me convidou pra fazer parte do grupo. Em 1992 teve o projeto “O Povo Vai a Praça” [...] desde aí teve o

grupo aqui, que era mais conhecido como os amigos do teatro. Foi, era “Paixão de Cristo” com os amigos, as pessoas, minha tia, meus primos, Jader Reis, Haroldo Reis, essas pessoas tudo convidaram pra participar, comecei no teatro como figurante, as pessoas chegam e conversam; _ Nego, você aceita? Aceito!, aí através do teatro eu conheci vários municípios, outros interiores, essas coisas. O principal que fazíamos era tornar a nossa cidade conhecida (FARO, 2019).

Everton detalha sobre os ensaios a questão de horários e como eles eram dedicados a esse processo de preparação dos espetáculos.

Era Paixão de Cristo que parava a cidade, parava a cidade toda pra ver às três horas da agonia, das três horas da agonia até meia noite o povo rodeando essa praça pra esperar o momento que era da semana santa e todo dia tinha ensaio, de madrugada nós íamos das 02h00 da manhã até às 06h00 da manhã, por que a maioria trabalhava a noite ou de dia, e os ensaios ia até três horas da manhã (FARO, 2019).

Faro (2019) também relata sobre o processo de mudança do nome do grupo, ocorre que como já não estavam sendo o grupo da igreja o “Raio de sol” e devido as constantes viagens para apresentar em outros municípios eles resolvem então organizar essa parte de nome para o grupo, por suas lembranças nos diz:

Aí nos teve que participar no teatro do estado, aí teve que se criar o nome aí se criou o Bom Intento, conhecido aqui o interior, aqui como um sítio arqueológico, é uma parte turística, as pessoas vão lá, aí já foi turismo, nós fazia de ano em ano e quando foi de 1999 à 2000 teve que criar o Bom Intento, que nós tinha que viajar essas coisas e tinha que ter o nome aí que criamos o nome Bom Intento. [...] debatemos e escolhemos, cada um deu sugestão, cada um da equipe que ia formalizar atores foi criado temas, sub-temas, [...] foi essa época que o Sr. Ramom veio prá cá, que fez o curso com nós, lá na sede dos idosos, lá que foi fundamental, que era dia e noite, que era nossa casa. Tinha dias que pra gente ir disputar o estadual, não o intermunicipal, que teve mais de 100 peças disputando, nós passava dois dias sem ir em casa, nós almoçávamos tudinho lá, e a recompensa veio em julho, cento e poucos municípios e nós do grupo Bom Intento “Espelho da Noite” que ficou em primeiro lugar (FARO, 2019).

Pergunto a Everton quais peças eles encenavam além da paixão de Cristo e ele revela:

Mas não!, Aqui em Bujaru, era vários tipos de teatro mirim para as crianças, e nas outras cidades que eram de fantoches, essas coisas e fomos ficando popular nessa região, [...] nós ficamos considerados, ganhamos no interior, mérito em Tomé-açu, Tailândia e vice-versa, tudo foi assim crescendo (FARO, 2019).

Esses relatos reforçam as informações de que o teatro do Pará é uma ação artística constante, forte e que mesmo sem os recursos financeiros e apoio governamentais esses grupos continuam a se movimentar e realizar festivais e mostras, na região há muitas décadas tanta nas cidades grandes quanto nos pequenos municípios do interior do estado. O grupo de

Bujaru se destaca talvez por sua perseverança e isso e constrói sua importância histórica e tem resistido ao longo destes mais de 30 anos.

Sobre o espetáculo da Paixão, ele reafirma também essa característica do grupo de ser um teatro da floresta e ribeirinho por ir fazer as apresentações nas comunidades rurais, onde o acesso muitas vezes é pelo rio ou por estradas de chão no meio da floresta, assim ele descreve a programação de apresentações durante a Semana Santa, no período em que ele fez teatro e se apresentavam:

Na vila Santana que era a primeira sede do município era apresentada a Paixão de Cristo, na Sexta-feira Santa, apresentava aqui na sede do município no sábado ou ia pra lá, Vila de Santana, ou vice-versa, no domingo nos fomos pro Igarapé Açu e às vezes tinha outros interiores, mas esses eram os principais (FARO, 2019).

Sobre os textos Everton fala que todos criavam seus personagens e traziam sugestões de texto, uma das pessoas que também contribuía muito era a professora Benedita Luz; “Professora Bené (falecida), escrevia, brincava, era pessoa humilde e querida por todos, outro ator que também já faleceu foi o Pena, conhecido como Benício, atuou em varias peças pelo grupo Bom Intento também participou da peça Espelho da Noite, quando foi campeã” (FARO, 2019).O grupo ficou conhecido entre os grupos de teatro da região e pela história desse lugar que deu origem ao nome ao grupo:

É, várias gerações, ai depois o teatro, depois de 2000 pra cá ficou conhecido como Bom Intento e toda a cidade se envolveu, né? Ai tinha programação tudo pra fazer, atores, atrizes, aí ficou conhecido como Bom Intento, todo mundo do interior, dos cento e quarenta e poucos municípios queria vim ver Bujaru pra conhecer quem era Bom Intento, qual era a história. [...] participamos do SESI, fizemos o especial, a abertura de 2001, nos fizemos, nos fomos convidados especial pra abrir o festival lá no Centur, nós ficamos tudo, tipo “besta” pois todo mundo esperando nós, aquilo todo mundo parou, Belém parou, quem gosta de teatro foi todo mundo [...] teve pela Faces Federação, nessa época era outra, a Faces já foi criada agora ja depois pelo Rassy, mas tinha a primeira federação [...] e apresentamos no CENTUR, Teatro Margarida Schivassapa, lá no Waldemar Henrique, no Teatro da Paz, e outra coisa nós chegamos também no teatro Gasômetro, fomos porque teve muito naquela época, como eu era desconhecido da cidade, ninguém sabia os nomes, né? [...] (FARO, 2019)

O depoimento de Everton (2019) trás uma riqueza muito grande em detalhes e memórias que você percebe o amor e alegria com que ele viveu essa época, outras vezes soa saudoso. Ele de fato é um homem de teatro, conseguiu entender a essência da coisa eu paro e fico relendo alguns trechos que a meu ver são a essência do que o grupo Bom Intento é na sua essência, e de como ele marca as pessoas que por ele passam. Everton encerra sua fala em um discurso emocionante:

No teatro tu aprende tudo, é uma aula da vida, quem faz hoje em dia teatro ele sabe, quando tu olha uma pessoa tu já sabe, quando ele ta falando a verdade ou mentira, [...] eu acho que o teatro ele é no mundo o melhor que tem, porque a novela você grava, ah não gostou tu corta, teatro tu ensaia, mas na hora se não acontecer, vai direto, tem que ser improvisado. Volta de novo à cena que deu errado, _ volta, amanhã vamos ensaiar. Mas no teatro não, quem faz teatro faz qualquer coisa na vida, o cara aprende. O teatro é um aprendizado que leva pra tudo. Quem hoje faz teatro tu sabes separar [...] na nossa vida automaticamente nos somos tudo, uma vida de teatro, pro bem, pro mal, a nossa vida é uma teatro só que temos que saber levar, [...] Tem que dar as respostas, porque briga hoje; acontece brigas, as vezes tem os mais velhos que não aceitam do mais novo entrar, porque quer superar, ser superior e não era pra ser assim. [...] Antigamente o cara começava a fazer teatro e quadrilha por amor, hoje não funciona, é por dinheiro, antigamente o teatro em Bujaru, no interior a maioria era humor, era aquilo que tu gostavas, hoje quando tu ta fazendo teatro: “ah, quanto é que eu vou ganhar, então não vou!”, prefere ir pra outro canto. [...] . O teatro era isso. Apresentando a minha perspectiva no teatro é um dia (...), hoje eu tenho meu filho de 11 anos, hoje em dia estou parado, mas eu gosto de vê, de assistir, quem sabe um dia a oportunidade aparece e eu possa fazer de novo, mas por enquanto ou tu faz teatro ou tu trabalha pra tu viveres, hoje em dia não dá pra ti conciliar a mesma coisa, [...] O Bom Intento hoje em dia faz essas coisas, já criaram outro nome, mas já teve outro, o grupo (FARO. 2019).

Outra pessoa que fez parte dessa primeira geração do Bom Intento e que continua no grupo na parte de direção teatral com a segunda geração de elenco é o Sr. Raimundo Ferreira Chermont. Ele já vinha colaborando muito no primeiro momento com Rosangela Gomes e os outros artistas do grupo através do trabalho de cenografia, pois já era reconhecido em Bujaru também como artista plástico e desenhista, ele é um dos primeiros artistas que resiste com esse movimento de teatro desde 1992, reafirmando essa existência do grupo mesmo com a saída dos jovens do local de ensaio da igreja e deixando de fazer só apresentações da Paixão.

Então nesse ano de 1992, quando chega à Bujaru o projeto do governo sobre esse ocorrido ele relata que:

O significado de tudo isso é dizer, teatro é vida! Que em 1992 começa tudo isso. [...] O fazer teatral era de forma empírica dentro da região o que a gente fazia, esse é o princípio, e quando surgiu o “Povo vai a Praça” esse grande projeto do governo então chegou à Secretaria de Educação, uma pessoa da Secretaria de Estado e nesse momento nós estávamos na biblioteca fazendo pesquisa, em Bujaru já me reconheciam como artista, nesse momento eu era o pintor, um cara que desenhava, e me apresentaram para a pessoa, a primeira oficina que me veio naquele momento foi fazer teatro. A primeira oficina muito importante que inicia todas as diretrizes do que vai ser isso daqui pra frente. [...] nesse momento três oficinas tinham sido contempladas, teatro, artes plásticas e de dança. E aí é um resultado muito bom. A tia Bené¹¹ ela fez artes plásticas e eu não entendi o que era aquilo [...] ela pintou e o oficinheiro naquela época disse que era um belo trabalho (CHERMONT, 2020).

¹¹ Tia Bené: era a Professora Benedita Luz, uma das várias pessoas que foram importantes para a história do grupo, hoje já não vive entre nós, faleceu em 26/02/2018, mas queremos registrar, contudo a nossa gratidão por sua enorme contribuição artística. Ela que participou da composição do Hino de Bujaru, foi premiada em 2014 no XXVIII Festival de Teatro da FACES – Tomé Açú/PA, como Melhor Atriz Coadjuvante pela Companhia de Teatro Bom Intento, espetáculo “O Carro dos Milagres” ela teve grande participação na difusão e democratização da arte teatro em Bujaru.

Sobre o grupo, Chermont (2020) diz “nós não tínhamos muito noção do fazer teatral era de forma empírica dentro da região”, eles criavam as peças sem formação, ate acontecer a primeira oficina de teatro com o diretor de teatro João Queiroz, fizeram a oficina para ir participar do projeto estadual e apresentar em Belém na Praça da República representando Bujaru. Foi lá que eles conheceram o Dramaturgo paraense Ramon Stergmam, e convidam ele para conhecer Bujaru, e fazer outra oficina de teatro com o grupo, ele aceitou o convite, veio a Bujaru e se encantou com a pequena cidade, voltando diversas vezes.

Depois vem o grande mestre chamado Ramon Stergmam, grande escritor e dramaturgo paraense, onde a gente começa a desenvolver todo o processo da linguagem, aí vem à proposta de mudança de nome, o primeiro nome era “Raio de Sol” não tinha conexão com a linguagem do teatro, do palco do espaço e tal, então mudamos. (CHERMONT, 2020).

Em Bujaru Ramon visita a comunidade onde existem as ruínas do engenho Bom Intento e tem o igarapé de mesmo nome, a partir disso surge à proposta de mudança de nome para o grupo, como afirma Chermont (2020): “Ramon visita esse local e se identifica com esse cenário, e ele ver o nome para instituir o grupo. [...] ele faz essa analogia desse espaço físico onde homens e mulheres trabalhavam e que foi um palco da história do negro em Bujaru”. Essa analogia do espaço de nome Bom intento é identificada na logo do grupo que tem; às mascara da comédia e tragédia, a sigla do nome; Grupo de Teatro Bom Intento, às mãos que rompem com essa escravidão e o nome do município do qual eles são filhos e protagonistas desse fazer artístico dessa luta e resistência:

Figura 21: Logo antiga do Grupo Bom Intento de Bujaru/PA



Fonte: Acervo pessoal de Chermont Martins (S/D)

Ramon explica e fala para eles do Grupo de Teatro Maromba, esse era o nome do grupo dele, e que tem esse nome por conta de a “maromba” ser uma espécie de palco onde os

colonos do Marajó colocam os bichos, gados, durante a cheia do rio e então, ele como escritor utiliza essa realidade do povo marajoara, aquilo que na visão artística representa um palco na cheia do rio, através desse olhar poético. “O Ramon traz essa mesma ideia pro Bom Intento, de usar essa analogia poética no nome, porque aquele lugar representa um palco da história negra local” (CHERMONT, 2020).

A partir daí surge o nome Grupo de teatro Bom Intento que hoje é Cia de Teatro Bom Intento, com uma nova postura, vem aí à terceira geração que se inicia após esses mais de 28 anos de toda essa trajetória. Na terceira geração nos conseguimos chegar até a formação, qualificação e perfeição da pessoa, das pessoas que partiram disso, essa perfeição se dar quando essas pessoas se dedicam a isso e chegam a Universidade, para continuar esse processo com a formação para poder formar outras pessoas e então se dedicar como professores de teatro, isso é um sonho realizado dentro do grupo!, Chegar à terceira geração e garantirmos para a nossa comunidade que nós temos pessoas com capacidade hoje de formação para essas pessoas, esse legado se dar por esse movimento, não é meu legado, é um legado que vem da igreja, do padre Basílio, da professora Bené da professora Emilia, da mãe do Jader Reis, do Sr. Marreta, da dona Margarida Palheta. (risos) Isso da até poesia. Então é isso que é existencial, é um legado comunitário (CHERMONT, 2020).

Reafirmo a fala de Chermont quando dizemos; é um legado comunitário, pois eu faço parte dessa turma que sai para buscar a formação profissional em teatro e nós somos a comunidade, somos nós que movimentamos uma linguagem artística teatral, mas é dentro de uma comunidade. Então se nós olharmos hoje para trás, olharmos para a nossa história que nos antecede iremos ver quem eram as pessoas que organizavam as práticas artísticas antes de nós em Bujaru, e identificaremos a própria comunidade que estamos inseridos. O que fazemos é teatro, mais é teatro-comunidade.

Um teatro comunidade e o mais importante, de uma linguagem própria, a gente começa a lapidar isso para ter esse resultado dentro da escrita, hoje a Universidade vai ter um livro falando disso. Então isso é importante pro Município de Bujaru, pra nós da comunidade, esse cortejo!, Vamos falar desse cortejo!, Dessa procissão que caminhou até esse grande altar que é o teatro da Paz. Isso para mim, quando eu fui pela primeira vez ao teatro da paz eu fui só, mas naquele momento o Ramon disse; Chermont os personagens que eram do Grupo Bom Intento tu vais ter que assumir. E eu tive que me tornar o grande coringa daquele espetáculo na época chamado: Boto Tucuxi. [...] nesse momento eu fui só, mas depois eu voltei com um grande elenco, eu não fui mais só, nos voltamos seis vezes ao Teatro da Paz, e isso é uma conquista maravilhosa, dentro de vários projetos que foi desencadeado dentro da linguagem, então assim, levar um grande elenco, eu fui como ator, e voltei como diretor de um grande elenco, e dizer a capacidade de cada um têm dentro dessa modalidade específica. Eu não tenho uma nota à dedicação pessoal de cada um que é importante no processo. Acho que aí tá o legado de cada um. Nas viagens passávamos fome, o banho que não era legal, então depois de passar por tudo isso é uma prova de vivência. Eu concluo assim a dizer que ter um pouco dessa história na vida é mais importante, e a gente trabalha para viver e vive com a alegria a nossa alegria tá no palco (CHERMONT, 2020).

3.2 2ª Geração/fase do Teatro Bujaruense - Grupo de Teatro Bom Intento

No processo de registro dessas histórias e memórias sobre o grupo de teatro em Bujaru, sou convidada a reunir várias pessoas das duas gerações, para conversar sobre o grupo Bom Intento. Devido à pandemia da Covid-19, que se iniciou em 2020, fechando e isolando tudo, deixando todo mundo em quarentena, nós fomos adiando essa conversa, nas tentativas de se adaptar às novas ferramentas de encontros. Enquanto grupo decidimos realizar no dia 21 de agosto de 2020, nossa primeira LIVE, pelo Facebook do grupo ¹². Nesse dia participaram: Chermont Martins, Suellem Faro, Jonilson Rodrigues, Luan Nunes, Jucelaine Silva, Keila Silva, e eu. Sobre o grupo, pude colher mais informações históricas, com as quais consigo fechar esse relato das gerações do grupo.

Figura 22: Registro Ensaio Cia Bom Intento de Bujaru/PA.



Fonte: MARTINS (2011).

Considero a Segunda Geração do Grupo Bom Intento a partir do ano 2000, quando o grupo entra em uma nova fase de atuação. Nesse período os jovens da primeira fase, alguns já encaminhados em suas vidas pessoais, buscavam outras direções, mas outros ainda continuam a fazer apresentações teatrais pelo grupo. Em julho de 2002, minha família retorna para viver em Bujaru, após morarmos por oito anos em Benevides-PA, tínhamos mudado, pois meu pai

¹² Endereço da página do Facebook do grupo: <<https://www.facebook.com/bomintento>> acesso em: Dezembro 2020.

trabalhava lá. Foi também, através da igreja de lá, que tive meu primeiro contato com o teatro, na encenação da Paixão de Cristo.

Ao voltar para Bujaru, soube da existência de um grupo de jovens que praticavam teatro, especialmente o teatro da Via Crucis. Nesse período, eu sentia muita saudade de meus amigos do grupo de jovens de Benevides, então pedi à minha mãe, Rosana Cruz, para me ajudar a me envolver em algum grupo da igreja em Bujaru. Um dia, após a missa, ela me levou para conhecer uma freira, que era a Irmã Aparecida Chaves, que morava e atuava na paróquia nessa época. Falei do desejo de envolver-me em trabalhos na igreja, também no teatro por ter participado da encenação da Paixão. Assim ela me informou sobre o diretor do teatro, senhor Raimundo Chermont, e então comecei a ir ver os ensaios do grupo no salão paroquial.

Os ensaios do teatro ocorriam sempre à noite, morava longe do centro em um bairro que estava sendo criado em uma área nova às margens da cidade, ruas de chão, recém-abertas e pouca iluminação pública contribuía para o receio de sair de casa à noite. Contudo, o diretor Chermont se comprometeu a me levar em casa sempre que terminasse os ensaios para eu não voltar só e às vezes iam também outras colegas do elenco e me acompanhavam, principalmente quando os ensaios terminavam muito tarde. Minha família não se opôs a minha participação no grupo de teatro, sempre houve confiança de meus pais quanto a poder sair e voltar depois desses ensaios.

Ao iniciar no grupo de teatro, no final de 2002, eu já esperava o ano seguinte, para fazer parte do elenco de encenação da Paixão de Cristo. O teatro da Paixão sempre foi muito forte em Bujaru, como se percebeu nos relatos de Iracema Heitor e Rosângela Gomes sobre suas experiências, principalmente por conta da influência da igreja católica nesse início do fazer teatral.

No Pará, esse teatro litúrgico, que surge nos grupos de igreja, acontece em diversos municípios e na capital Belém, onde acontecem lindas encenações na região amazônica no norte do Brasil. Nesse contexto, Karine Jansem (2009) nos diz que as peças da Paixão de Cristo são:

As produções do espetáculo teatral de maior tradição na Amazônia paraense a Paixão de Cristo [...] encontra-se uma significativa produção desta forma teatral, afinal 32,6% das paróquias da cidade realizam o espetáculo, um dos mais antigos desta terra. Os anos não desgastaram a cena da Paixão na sua popularidade, apenas 30,76% dos grupos precisam divulgar seu espetáculo na mídia (TV, Rádio, Jornal) para garantirem uma plateia lotada. A divulgação do espetáculo é realizada nas missas e a Via Sacra Viva, definida pelos criadores, como pequenas cenas ou esquetes apresentadas nas ruas da comunidade ou nas celebrações eclesiais (JANSEM, 2009).

Algumas pessoas já faziam parte do grupo, porém, o grupo crescia muito em elenco quando iniciava os ensaios da Paixão de Cristo. Nesse contexto, havia outras participações de pessoas da comunidade como o Sr. Dalmo Lopes, que sempre fazia o chefe dos soldados; depois convidamos o Diego Luis, para ser o Jesus, até porque, nesse tempo, ele usava o cabelo grande e combinava com o personagem. Foi também nesse período que convidamos outras pessoas da comunidade para participar da peça, assim, chegam ao grupo: Jonilson Lino, Aldevano Pinto, Neia Cordeiro, Adriana Pinto, Alessandra Pinto, Jucelaine Silva, Luan Nunes, e muitas pessoas da comunidade se envolviam nessa produção.

Tabela 1. Lista de personagens da Paixão de Cristo (S/D)

Nº	PARTE DO ELENCO E PERSONAGENS NA PAIXÃO DE CRISTO	
1	Dalmo Lopes	Chefe Dos Soldados
2	Everton Faro	Soldado
3	Mauro Lima	Soldado
4	Diogo	João Batista / Discípulo João
5	Rogério	Jesus
6	Benicio Pena	Pilatos
7	Joacir Barbosa	Soldado
8	Rilson Lima	José / Discípulo
9	Goberto Silva	Sacerdote /Discípulo
10	Jucelaine Silva	Maria Mãe De Jesus
11	Adriano Monteiro	Caifaz
12	Ângela Reis	Marta Irmã De Lázaro
13	Silvana Cruz	Maria Mãe De Jesus
14	Roseane Silva	Verônica
15	Jucelaine Silva	Carpideiras
16	Adriana Pinto	Carpideira/Bailarinas De Herodes
17	Alessandra Pinto	Carpideira
18	Rose Mendes	Mulher De Pilatos
19	Luan Nunes	Demônios Mirim
20	Jonilson Lino	Discípulo
21	Maira Abreu	Demônios Mirim
22	Maiza Abreu	Demônios Mirim
23	Kal Marx	Judas
24	Chermont Martins	Diretor
25	Afonso Souza	Som
26	Diego Luis	Jesus
27	Antonio Marciel	Cenografia

Fonte: Registros do Grupo, 2020.

Na segunda geração, destaco a presença de algumas pessoas que compõem esse elenco atual, uma delas é Keila Silva, atriz do Bom Intento, hoje formada em Agronomia pelo IFPA Castanhal, ela fala de sua participação e como foi para entrar no grupo, também destaca a importância do teatro para a sua vida:

Eu comecei no grupo teatral Bom Intento através da Paixão de Cristo, foi uma das apresentações que me chamou atenção e que me trouxe para o grupo, depois disso eu pensei que seria assim uma coisa assim passageira, aquela coisa de momento, mas eu vi que foi uma coisa que me chamou muita atenção e fez eu me apaixonar a ponto de ficar esse tempo todinho no grupo, mesmo quando agente ta sem atividade mesmo tendo cada um de certa forma seguindo um caminho, eu me formei em agronomia, vocês estão se formando na área mesmo, outras pessoas se formaram em dança, uns se formando em biologia, é! Mas o teatro sempre presente, por que através das apresentações a gente acaba ficando um pouco mais solto para apresentar, as atividades na faculdade e tudo mais e foi mais ou menos isso (SILVA 2020).

Figura 23: Elenco Paixão de Cristo na comunidade de Santana (2013).



Fonte: Acervo pessoal.

Sobre os ensaios, nesse período, recordo da exigência que o Chermont sempre teve conosco, trabalhando técnicas de dramatização, criação do personagem e domínio de palco. Ele sempre dizia: pesquisem, estudem sobre o personagem, leiam, construam o personagem, sempre foi muito cuidadoso com o elenco, e tratava a todos com grande carinho; sempre me dava textos sobre teatro para ler, falava dos teóricos e inclusive me presenteou de aniversário com uma edição do livro Panorama do Teatro Brasileiro.

Durante os ensaios, fazíamos exercícios com a luz, e às vezes os ensaios ficavam em dois ou um ator em cena executando técnicas de atuação, repetindo, repetindo e ele fazendo

observações sobre a cena e o restante do elenco só observando. Houve um ensaio em que ele trabalhou com induções, para que o ator conseguisse expressar emoções através de choro, nesse dia o elenco todo chorou, mas depois tínhamos que parar, porém, uma das atrizes não conseguia e o ensaio teve que ser encerrado até que ela se recuperasse. Outra vez ele trabalhava técnicas corporais, como cair e levantar, como sentar e até passar por entre as pernas de uma cadeira nos tivemos que passar. Também utilizava luz e sonoplastia para ajudar os atores a compor a cena. Iniciei na apresentação da Paixão como figurante, depois “Mulheres que choravam”; Marta, por dois anos fui narradora, Verônica, e na última vez Maria mãe de Jesus.

Figura 24: Atores Silvana, Bento Souza e Rubens Souza. Paixão de Cristo na comunidade de Santana (2013).



Fonte: Acervo pessoal.

Na produção, todos são responsáveis por tudo, para o cenário a maioria dos rapazes construía as cruces, arrumava o som, a iluminação, os adereços, as meninas ajudavam com figurino, maquiagem. O diretor dizia para cada um levar seu lençol, para ser seu figurino, e assim fazíamos; todo mundo ajudava, e na comunidade sempre tem uma vizinha que doa um pedaço de tecido, costura uma peça do figurino de graça, outro empresta um fio de energia e as coisas vão tomando forma.

A proposta de levar o espetáculo da Paixão de Cristo para a comunidade de Vila Santana, nessa segunda geração, se iniciou no período de um processo de estudo da igreja,

pelo IPHAN em 2012, também foi nesse período que conheci a Arquiteta Cláudia Nascimento, ela que fez sua tese de doutorado sobre essa igreja de quase 300 anos. O grupo decidiu fazer a peça lá, nesse lugar, onde iniciou a cidade de Bujaru, pois havia esse desejo de voltar a fazer um circuito pelas comunidades. Motivado pelo sentimento de a Vila de Santa Ana ser a primeira sede de Bujaru, e querer que ali na comunidade tivesse esse registro do grupo se apresentado nesse local, onde poderíamos reencontrar essa plateia, que são nossos próprios familiares, amigos, pessoas que convivem conosco e que talvez ainda tenha visto Keila Silva, Jonilson ou Chermont em cena.

Assim, um dos espetáculos que o grupo mais montou foi à Paixão de Cristo. Nesse fazer teatral, é muito comum em grupos de o interior iniciar com essa vertente de teatro que academia identifica como teatro litúrgico, surgindo nas igrejas, templos e comunidades religiosas. Na história do Grupo Bom Intento de Bujaru não é diferente. O que é muito comum em cidades do interior do estado é que se faça o teatro da Paixão. Nas grandes cidades e capitais como Belém, geralmente existem muitas outras companhias apresentando-se em grandes teatros e nas casas de apresentação. Mas, fora desse circuito, o comum é que pessoas e grupos, ligados muitas vezes à comunidade religiosa, são que ajudam a preparar essa montagem da peça no período da Semana Santa.

Figura 25: Paixão de Cristo na Rua em Bujaru. Ator Diego Amorim personagem de Jesus Cristo (2010).



Fonte: Acervo pessoal.

Assim, conheceremos também o relato da Jucelaine Silva dos Santos, uma das atrizes dessa geração que foi buscar a formação em dança, na perspectiva de se profissionalizar na

área artística. Ela já falou, nessa pesquisa, sobre o teatro de Boi Bumbá, que era coordenado por seu avô e que foi tema da sua pesquisa de monografia de graduação. Sobre a sua participação como atriz na Cia Bom Intento, Jucelaine se tornou a professora de dança da companhia, após fazer a Licenciatura em Dança na ETDUFPA.

Eu conheci a companhia mais ou menos em 2007 quando eu participava da PJ. Pastoral da juventude na igreja católica em Bujaru, aí a Silvana que também nessa época era da PJ ¹³ então ela disse assim; Juh tu quer participar da paixão de Cristo? E eu meu Deus! Eu nunca fiz teatro na vida, será que vou me meter nisso? [...] então eu fui conhecer a galera, o Chermont se apresentou como diretor do espetáculo e comecei a interagir com a galera, saber como eram os ensaios como era para conhecer o texto e para mim foi muito gratificante, [...] na oficina tinha que correr, parar, passar em baixo de uma cadeira, então mana foi tenso, mas foi. Daí por diante eu fui trabalhando isso e consegui adquirir, fazer com que meu corpo se entregasse a atividade que é fazer teatro por que eu comecei muito crua, e acabe saindo de lá com um apanhado de várias coisas, com relação a arte a dança, e já fui para o canto do Guará¹⁴ que é um grupo de danças aqui do município também e vi que eu queria isso para a minha vida. Ser artista, fazer arte e ser quem sou hoje, ter uma construção do meu corpo como de artista e seguir isso pra vida. E eu nunca imaginei que através do Bom Intento eu fosse apresentar no Teatro da Paz. Gente! Isso para mim foi maravilhoso, poder ta apresentam no maior teatro aqui do estado, um teatro maravilhoso incrível. As experiências foram ótimas também desde as mulheres que choram eu fui ser Maria na Paixão de cristo depois eu fui o demônio na Paixão de Cristo (SILVA, 2020).

Então essa é outra característica do grupo em que a gente tenta, e se não consegue totalmente, mas um dos maiores objetivos sempre na montagem é que todo mundo conheça todo texto, todas as falas dos personagens, porque, às vezes, um ator precisa ser substituído ou falta. Houve uma vez que fomos apresentar no Teatro Waldemar Henrique, em Belém, em 2011, e eu estava trabalhando e não chegaria a tempo de apresentar, então, a atriz Jucelaine estava pronta para me substituir na cena, uma vez que ela também conhecia toda a sequência e o texto. Portanto, tinha uma pessoa fazendo assim como outros do grupo poderiam fazer a cena. Jucelaine Silva fala ainda sobre a importância de sua participação no grupo para sua vida profissional:

Hoje eu sou formada em Licenciatura em Dança pela UFPA [...] e estar no teatro foi muito importante para a minha formação enquanto artista, para executar várias formas de fazer arte e levar essa arte para meus alunos. E no interior a gente teve muitas aventuras com o bom intento, (risos) e eu sou muito grata por tudo isso, eu acho que nós somos artistas da terra mesmo [...]. Nós podemos estar hoje reunidos e montar um espetáculo e levar lá pra praça e apresentar, como a gente já fez diversas vezes. Uma coisa que eu também lembro que a Paixão de Cristo na última vez que fizemos na cidade, ela foi na rua e no ultimo ensaio nos fizemos por volta de 23:00

¹³ A Pastoral da Juventude é ação evangelizadora da Igreja entre os jovens, onde os próprios jovens são protagonistas de sua evangelização, assumindo-se evangelizadores de outros jovens. Atuando na comunidade e na sociedade. Os espaços de participação e estruturas de organização são: grupo de base, em nível paroquial, Decanato (setor, área pastoral, forania), Diocesano, Regional e Nacional. Acesso em 31/01/2021.

¹⁴ O Canto do Guará: é um grupo de jovens de Danças folclóricas como carimbo, que foi criado por iniciativa própria, e participa de diversos eventos municipais e também em outras cidades representando Bujaru.

da noite e sério gente, tinha muita gente e muita gente acompanhou e já se emocionava e gritava, Jesus. Então tem muita a participação da comunidade é incrível. Só gratidão (SILVA, 2020).

Sempre muito bom é ver como o teatro movimenta a cidade. Nesse período é interessante ver a participação do povo. Jucelaine continua atuante como atriz no grupo e participando de várias montagens também.

Jonilson Lino Rodrigues, ator do grupo, atualmente, é estudante de pedagogia, trabalha o teatro inclusão, também é graduando da Licenciatura em Teatro pela ETDUFPA, turma 2015, e sobre sua participação no grupo ele diz:

Eu conheci o grupo através do Rogério Lino eu participava de um programa social de erradicação do trabalho infantil (PET) então o Rogério, o Chermont, sempre foram pessoas que trabalhavam na sec. de promoção social. E aí o Rogério Lino percebeu que eu tinha algumas delimitações; eu era muito tímido, retraído, eu tinha certos tabus era travado, então ele perguntou se eu conhecia o grupo de teatro Bom Intento, e me convidou para participar da montagem cênica da paixão de Cristo. Então através do Rogério eu entrei no grupo e lá vocês perceberam que eu era muito retraído, tímido então eu fui percebendo que o grupo de teatro foi fazendo eu me desenvolver, crescer como pessoa e hoje me tornado professor, através do teatro eu vi outras possibilidades, comecei fazendo uma faculdade, fui fazer direito, mas não me identifiquei [...] e o teatro ele foi para mim uma libertação, me libertou para muitas coisas, pra minha prática de pensamento pra minha prática crítica e olhar o teatro com um olhar mais carinhoso o olhar de inclusão. Então eu estou indo fazer o teatro de outras vertentes e colocar pessoas que vivem na margem junto com a gente (RODRIGUES, 2020).

Nessa fala, gostaria de ressaltar outra característica desse trabalho social do grupo de observação, e capacidade de identificar na comunidade pessoas, jovens e adolescentes que as vezes ninguém imagina ver num palco fazendo teatro, mas que a gente pode, de certa forma, auxiliar nesse desenvolvimento pessoal, como aconteceu com Jonilson. Na época em que ele entrou no grupo, era da turma do PET, pela Secretaria de Promoção Social do município, e ele não tinha conhecimento sobre teatro, era mesmo muito retraído e tímido, e o teatro o ajudou muito nesse desenvolvimento pessoal. Para o grupo Bom Intento, é importante vê-lo, hoje, como professor de teatro e, também, pedagogo, trabalhando o teatro inclusão na escola, a arte tornando-se a sua profissão. Ele, ainda, escreve dramaturgicamente e ajudou a adaptar a obra “Carro dos Milagres”, de Benedito Monteiro, para o texto teatral, espetáculo que apresentamos na cidade de Tomé Açu, no Festival de Teatro da FACES¹⁵, em 2014, e no Teatro Margarida Schivasappa, em Belém, no mesmo ano.

¹⁵ “A Federação Estadual de Teatro, FACES, existe em nosso Estado há 25 anos, realizando e oportunizando diversos projetos importantes para o trabalho dos artistas de teatro, em geral, proporcionando o reconhecimento dos mesmos, em seus locais de origem e também a nível estadual” (Facebook FACES Pará). As informações sobre a Federação podem ser encontradas em: <https://www.facebook.com/FACESpara/?ref=page_internal>

Outra atriz que fez parte do grupo de teatro na década de 1990 é Suellem Faro, que se mudou para o Rio de Janeiro para estudar teatro, faz diversos trabalhos como atriz, produtora teatral. Ao ouvir nossos relatos de como é esse fazer teatro atualmente, nessa geração, ela também faz um depoimento da sua experiência:

A minha participação não é diferente de todos vocês, então tudo começou na igreja, nos encontros de jovens, na PJ a gente, fazia a dramatização dos evangelhos todos os domingos. Um belo dia o Chermont, o descobridor de talentos de Bujaru, ele me convidou para fazer parte do grupo. Se eu não queria tentar participar de oficinas que estavam para ser realizadas aí na cidade, então eu aceitei acho que tinha de 11 a 12 anos. [...] então comecei fomos pra paixão de cristo começamos com a paixão de cristo também, na rua eu era a Marta, daí a gente partiu para as oficinas, tive oficina com o Ramon Stergman, com Edson Chagas também. Daí eu senti, percebi o quanto que eu amava, dramaturgia o quanto que eu amava o teatro, e onde eu percebi que eu poderia chegar muito além que eu imaginava (FARO, 2020).

Suellem participou de uma das primeiras montagens do espetáculo “Espelho da Noite” e relata sobre a participação do grupo:

Na nossa estreia como atores, eu como atriz, o Rogério, uma galera na época, nós fizemos uma participação na Amostra do Baixo Tocantins, em Barcarena, e a gente estava com o “Espelho da Noite”, do Ramon, e olha que na apresentação tivemos uns erros em cena, tivemos umas falhas, mas, mesmo assim, a gente não deixou a peteca cair. Mas no final do espetáculo, eu lembro bem até hoje, o Ramon Stergman chamou a gente e deu uma grande bronca, falou que a gente tinha sido péssimo, falou que eu tinha estragado com o trabalho dele. Nossa, ele descontou, ele falou muito, e, assim pra gente, que estava começando, aquilo eu fiquei, caramba, foi muito ruim, só que tinham as meninas, pessoas do grupo dele na época, e disseram não, mas ele quando gosta, ele não elogia, ele esculacha mesmo, ele não dá ibope para ator não se sentir. Relaxa não fica assim. E eu desesperada chorava, chorava. Eu lembro que a gente pediu: “Chermont, a gente vai embora, a gente não quer ficar mais aqui”. Só que a repercussão do espetáculo, com a galera que estava ali, todos os outros grupos, com todo mundo, foi incrível, todos elogiando a gente entre os outros grupos, elogiando. Então a gente se perguntou; “e agora, a gente vai ou não vai? Aí eu lembro que pediram pra mandar o ônibus pra buscar a gente, e o Chermont e o Habibe ficaram lá esperando o resultado do festival. O grupo ganhou como melhor espetáculo, direção, e melhor atriz. [...]. Foi o auge pra eu continuar, não desistir. E, assim, todas as dificuldades que vocês encontram hoje aconteciam da mesma forma (FARO, 2020).

A atriz falou das dificuldades e que já nessa época o grupo também não tinha um lugar próprio para ensaiar, ou equipamentos e incentivos para fazer figurinos, mas também, eram bastante perseverantes e motivados:

A gente ia para os lugares e, às vezes, não tinha nem transporte, ninguém cedia um ônibus para levar a galera [...] e a gente falava: “não, mas a gente vai. Junta um daqui puxa um dinheiro aqui, outro ali”. Mas o Chermont pegava o salário dele, a maioria não tinha salário, que a gente era tudo adolescente, e vumbora, tem dinheiro da passagem e tem pra comer um PF. Pegava aqueles sacos pretos, entrava na balsa com aquele monte de saco preto. Para pegar o ônibus lá do outro lado com um monte de cenários artesanais que o Chermont criava [...] as pessoas olhavam, quem são essas pessoas? Com um monte de saco preto, de lixo e a gente indo lá, atravessar para ir à busca de fazer nossa arte. E aí participamos de outros festivais, participei de

um espetáculo que eu gosto demais, na época conseguia até a dar cambalhotas, mas agora eu saio rolando, (risos), mas o “Quem Somos Nós? Eis o Enigma que nos cabe decifrar”, em cena. Eu conseguia colocar as minhas loucuras [...] e as loucuras do Chermont, e assim, eu e o Rogério Lino, o nosso grande amigo o Pena, que Deus o tenha, esse homem vai ficar marcado, pra sempre, na história do grupo, não só como ator, mas como amigo, como a pessoa que ele sempre foi. Tinha a Anna Correa também, a Jamile Cruz, então era uma galera assim que a gente metia as caras e ia (FARO, 2020).

Tabela 2: Tabela de espetáculos apresentados

EVENTO	ANO	SERVIÇO	PRÊMIOS
2ª Edição do 24 horas de Teatro no Ar – CENTUR	2011	Espelho da Noite	Luz, sonoplastia, elenco e direção
Baile dos artistas	2012		Grupo de Teatro Destaque 2011
Projeto Teatro 12 Horas no Ar, pela primeira vez no Theatro da Paz	2012	Espelho da Noite	Troféu De Participação
Seminário de teatro Castanhal – Federação de Teatro do Pará	2013	Espelho da Noite	Direção e Elenco
Seminário de teatro de grupos – Tomé Açú/PA	2014	Carro dos Milagres	Atriz coadjuvante
Projeto 24 horas de teatro – Federação de Teatro do Pará	2014	Carro dos Milagres	-
I Mostra De Teatro Amador Do TUCB – UFPA	2016	Espelho da Noite	Troféu de Participação
I Mostra De Teatro Amador Do TUCB – UFPA	2017	A Bem Faceja	Troféu de Participação
Paixão de Cristo em Bujaru	desde 1990		
Encontro de Estudantes de Artes UFPA	2018	O Despertar de um Gigante	Participação
Dia de combate a exploração sexual de crianças e adolescentes PMB Bujaru	2012	Menina abusada	Participação
Dia de combate a exploração sexual de crianças e adolescentes PMB Acará	2012	Menina abusada	Participação
Consciência negra itacoã – Acará	2012	Bom Intento Conta Zumbi	Participação
Combate a dengue PMB Bujaru	S/D	Dengue Mata. Mude sua atitude	Participação
Congresso da ABAA		Performance com Mel	Participação
III Mostra de Teatro do Baixo Tocantins	2002	“Quem somos nós? Eis o enigma que nos cabe decifrar”	Melhor Ator e Melhor Atriz.
II mostra de teatro do Baixo Tocantins	2001	Espelho da Noite	
PMB Bujaru 1ª geração	Anos 80	Zambelê na fazenda Bom Intento	Participação nas escolas

Fonte: Registro do Grupo, 2020.

Em 2010 conseguimos aprovar um projeto no Edital da Funarte “Microprojetos Mais Cultura — Amazônia”, pelo Ministério da Cultura. O projeto era do grupo, mas eu emprestei o nome como proponente, o projeto era o “Circuito Espelho da Noite”, valor de doze mil reais. Esse incentivo deu um fôlego novo para o grupo, nós conseguimos comprar alguns

equipamentos de luz, som, material de maquiagem, figurino, cenário. Com a produção em andamento e melhor qualidade técnica, nós fomos apresentando o espetáculo “Espelho da Noite”, em várias comunidades de Bujaru, até em comunidades fora do município, como na comunidade quilombola de Itacoã, na Alça Viária, já pertencente ao município de Acará/PA.

É importante destacar que esse espetáculo “Espelho da Noite” é um dos principais textos regionais que o grupo já montou, e a dramaturgia foi presenteada ao grupo pelo próprio dramaturgo, Ramon Stergman, quando ele veio fazer a oficina com o grupo, ainda nos anos 1990. Foi com esse espetáculo que o grupo, nessa essa segunda geração de atores, volta a participar dos festivais da FACES, apresenta-se nos teatros de Belém. Sobre o Ramon Stergman ¹⁶ e o teatro no Pará, o professor Paulo Santana ¹⁷, do Grupo Palha de Belém, relatou na Live que fizemos com o grupo, durante a pandemia em agosto 2020:

Ramon é um dos grandes do teatro paraense, dramaturgo, meu amigo dramaturgo, vivemos grandes viagens teatrais, vivemos, aprendemos igual, todos que passavam com a gente, no grupo, fazia de tudo carregava, pintava, maquiava, fazia o figurino entendeu? montava o cenário e se transformava também no público, esse é o teatro paraense que fazemos (SANTANA, 2020).

O Espetáculo “Espelho da Noite” é um texto regional que busca trazer para a cena a poética, a mística das lendas e dos contos amazônicos, traz o sotaque, a sensualidade e a comédia do caboclo amazônico, evidenciando problemas sociais e a preocupação com a natureza. Além disso é a principal dramaturgia encenada pelo grupo ao longo desses quase trinta anos de existência.

No espelho da noite
O negrume me criou
E me fez espanto espantinho
No espelho das águas
Que deságua meus prantos
e minhas mágoas.

(Trecho da dramaturgia “Espelho da Noite”, Ramon Stergman, S/D).

¹⁶ Andreza Pinto desenvolveu sua monografia de conclusão de curso da Licenciatura em Teatro da UFFa sobre Ramon Stergman e o grupo de teatro Maromba. Ver (PINTO, 2018).

¹⁷ Professor Paulo Santana: Doutorando Acadêmico em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFFa. Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da UFFa. Professor da Escola de Teatro e Dança da UFFa, nos cursos Técnicos e Graduação em Teatro e Dança. Exerceu o cargo de Diretor do Teatro Universitário Cláudio Barradas. Coordenador do curso de Licenciatura em Teatro da UFFa / PARFOR. Ator, Cantor, Diretor Teatral e Publicitário. Fundador do Grupo de Teatro Palha em 06/09/1980, no qual exerce as funções de diretor e encenador teatral. Possui mais de 39 anos de experiência neste fazer, tendo atuado e dirigido mais de 90 espetáculos nas áreas de Teatro, Música e Dança. Desenvolve atividades de extensão e pesquisa teatral, com ênfase no teatro popular e na linguagem da interpretação teatral. Informações coletadas do Lattes em 29/11/2020.

Figura 26: Apresentação Espelho da Noite. Teatro Waldemar Henrique (2011)



Fonte: Acervo Bom Intento

O Espelho da Noite, volta a ser montado pela segunda geração em 2011, na segunda edição do Festival 24 horas de teatro da FACES. No Teatro Margarida Schivassapa, recebemos os prêmios de melhor iluminação, sonoplastia, melhor elenco em cena, e melhor direção. Na foto abaixo, da direita para a esquerda, estão: Diego Luis (operador de luz), Chermont (diretor) e DJ Afonso (operador de som).

Figura 27: Participação no evento 24 horas de teatro FACES CENTUR



Fonte: Acervo Bom Intento. (2011)

Figura 28: Troféus (melhor iluminação, melhor sonoplastia, melhor direção e melhor elenco em cena, e grupo destaque no baile dos artistas)



Fonte: Fonte: Acervo Bom Intento (2011).

Tabela 3: Ficha Técnica da Segunda Geração do Grupo, em 2011.

Elenco	Equipe administrativa	Direções artísticas
Adriano Monteiro	Coordenação	Direção artística
Ângela Lopes	Chermont Martins	Chermont Martins
Déia Santos		
Diegho Luis	Secretaria	Figurino
Diogo Gomes	Silvana Cruz	Chermont Martins
Juh Santos		
Keila Silva	Tesouraria	Sonoplastia
Néia Show	Raimundo Gobert	Dj Afonso Mix
Rafael Silva		Rafael Silva
Raymond Gobert		
Rilson Lima		Iluminação
Robson Rogério		Diegho Luis
Rose Mendes		
Rubens Claudio		Cenografia
Chermont Martins		Chermont Martins
Silvana Cruz		Lucileia Vale
Tedinho Lima		
Walena Alcides		

Fonte: Registro do grupo, 2020.

Em 2013, o grupo cria uma nova logo, para sua identificação, e faz uma alteração no nome, ao invés de ser Grupo de Teatro Bom Intento, por escolha coletiva, muda-se o nome Para Cia de Teatro Bom Intento.



Fonte: Fonte: Acervo Bom Intento (2013).

Figura 30: Camarim do Teatro Margarida Schivassapa. Espetáculo “O Carro dos Milagres” (2014)



Fonte: Acervo Bom Intento (2014).

3.3 Memórias teatrais de uma atriz de Bujaru

Sou Silvana da Silva Cruz, bujaruense, paraense mulher negra na arte, a primeira de duas filhas, Sidleila Cruz e eu, filhas de um casal de trabalhadores rurais, Alfredo Piedade da Cruz (57 anos) e Rosana da Silva Cruz (56 anos), ambos nativos da floresta, cercados pelos rios e igarapés do interior do município de Bujaru. Atualmente, com 32 anos de idade, sou uma das muitas mulheres da numerosa família Cruz, em Bujaru, descendentes dos Marinhos e Piedade, também todos na sua maioria, moradores do campo, nas margens do Rio Guamá ou nas matas das terras bujaruenses.

Somos filhos, netos e bisnetos da matriarca e minha bisavó dona Alexandrina Marinho Piedade, uma descendente de quilombolas dessa região. Minha bisavó paterna (dona Quinina, como a conheciam) era mulher preta retinta de luta e que gostava muito de café. Minha bisavó materna, dona Joana Soares da Silva, não conheci, faleceu quando eu ainda era bebê, mas sei que era também, mulher preta, trabalhadora rural, mãe solo de minha mãe e que justamente por ser preta foi rejeitada pela família branca de meu bisavô e, por isso, criaria minha mãe sozinha até conhecer meu bisavô de criação, seu Antonino Pantoja da Silva, caboclo amazônico que trabalha até hoje no cultivo do açaí com seus dadivosos 81 anos.

Somos da floresta e das margens dos rios, já trabalhamos na roça, mas mudamos para a cidade, quando a roça não deu mais para oferecer a necessidade de estudos para os filhos. Minha mãe Rosana Cruz, cuida até hoje do lar, dedicando a vida a cuidar da família; papai foi trabalhador rural, braçal, tirador de pedra, pedreiro e carpinteiro até que um dia em uma ida aos correios, ele resolveu folhear um encarte de cursos que estava no balcão, mesmo com o pouco estudo, somente a antiga 5ª série, interessou-se pelo Curso de Eletrônica em Rádio e TV, nessa época trabalhava de tirador de pedras, foi uma das fases mais difíceis para nós. Tenho poucas lembranças desse tempo, mas lembro de que papai passava a semana longe de casa e chegava aos sábados à noite, depois que o patrão vinha para fazer o pagamento que era referente a alguns metros de pedras que eles demoravam uma semana para extrair, tirando a golpes de picareta na pedra bruta da pedreira.

Meu pai contou-me uma vez que quando estava fazendo o curso por correspondência, passava o dia trabalhando, já no fim do dia, quando voltava para o acampamento fazia sua comida no fogo de lenha, em seguida acendia duas lamparinas em uma mesinha feita de varas e cipós da mata, ali sentado em sua velha rede, lia os livros do curso, respondia os exercícios e na volta para casa enviava tudo pelo correio para o antigo Instituto Universal Brasileiro.

Assim, aos 34 anos, concluiu em 31 de maio de 1996, o curso de Eletrônica em Rádio e TV, seguiu no serviço de técnico em eletrônica, foi certamente sua maior conquista educacional, apenas com o nível fundamental incompleto. Profissão que até hoje tem sustentado a família com o pouco que ganha nesse trabalho.

Já na infância, minha primeira experiência com teatro ocorre através da igreja, por ocasião das celebrações católicas da Semana Santa. Na década de 1990, devido à necessidade de trabalho, mudamos para a cidade de Benevides-PA, onde meu pai arrumou emprego na pedreira, minha família, que é cristã católica, sempre foi muito participativa nas atividades da igreja. Ao fazer a primeira eucaristia, um dos sete sacramentos da igreja, fui convidada a fazer parte do grupo de perseverança, nesse grupo os adolescentes e jovens continuavam a catequese e realizavam várias atividades, entre elas o teatro.

Nos períodos da Semana Santa, nossa catequista, reunia os adolescentes para encenar a Paixão de Cristo. Ela não havia estudado teatro, nem tão pouco era atriz, nenhum de nós antes daquela experiência, mas tínhamos muita empolgação acredito, pois ensaiávamos poucos dias antes e usávamos as passagens bíblicas como dramaturgia alterar os textos bíblicos, só tinha texto os personagens principais da Paixão: Jesus, Maria, Pedro, Pilatos, etc. Meu primeiro personagem foi Verônica, a mulher que na Via Crucis, enxugou o rosto do Cristo com um pano e que nele ficou impresso o seu rosto.

A peça ocorria na procissão da Via Sacra pelas ruas próximas da igreja. Na sexta-feira da Semana Santa, nosso grupo participava de um retiro espiritual promovido pela igreja e na íamos para a Via Sacra e encenávamos durante a procissão as passagens bíblicas. A apresentação não era pensada como uma apresentação de peça teatral, objetivamente, pois era uma programação da igreja em que os jovens faziam as encenações como sua participação na procissão. No máximo tinha uma troca de figurino ali na rua, no meio do povo mesmo e a sonoplastia eram os cantos que os cantores puxavam na procissão e o povo acompanhava. Ainda assim era mesmo gratificante ver os fies se emocionando, fiz parte uns três anos dessa programação.

Por volta dos anos 2000, minha família volta a residir em Bujaru, lá já tinha alguns jovens que faziam teatro, e foi na igreja que fiquei sabendo de um grupo de pessoas, jovens em sua maioria, que haveria a encenação da Paixão de Cristo, estavam convidando pessoas da comunidade para fazer parte da peça. Logo fiquei interessada em participar, no dia do primeiro ensaio conheci o diretor, Sr. Raimundo Chermont, e alguns jovens que formavam o elenco. O grupo ainda não tinha nome oficial, eram os jovens da comunidade e jovens da PJ (Pastoral da Juventude), a paróquia disponibilizava o espaço do salão para os ensaios. Nesse

ano eu e outras pessoas participamos apenas como figurantes, éramos da cena do povo que acompanhava a crucificação de Jesus. No ano seguinte, já fazia o papel de uma das mulheres que choravam durante a passagem de Jesus rumo ao calvário; no outro ano já era a narradora da Paixão Cristo, não tinha um personagem específico na Paixão, mais no intervalo de cada cena eu declamava trechos de uma poesia e narrava o que aconteceria na cena seguinte, pois tive facilidade em decorar textos, então o diretor acrescentou a narração poética na cena.

Nos anos seguintes fui a personagem Verônica várias vezes. Na Paixão já fiz vários papéis: Verônica, Narradora, Maria, Povo, Mulheres que choram. Também ajudava bastante em toda a parte de produção do espetáculo, como sempre gostei de estar à frente das ações ficava ajudando na organização dos ensaios, preparação, produção, em tudo um pouco.

O grupo tinha algumas pessoas que já faziam teatro juntos desde as décadas de 1980 e nos anos 90, muitas figuras conhecidas de Bujaru já tinham feito parte da história do teatro bujaruense, entre eles sabemos da participação do ex-secretário de cultura, Jader Reis, a professora Rosangela Vasconcelos, Tangahá, além de atores, já falecidos como o professor Benicio Pena e professora Benedita Luz, entre outras personalidades do lugar.

Quando entro no grupo, faço parte de uma segunda geração do grupo, agora reorganizado com nome de Grupo de Teatro Bom Intento. Durante os primeiros anos de participação eu estudava, participava bastante da igreja, tinha o teatro como um lazer, não tinha consciência de que era uma pessoa de teatro, ou que o gosto por essa arte se tornaria minha futura profissão. Participava ativamente dos ensaios, houve um período em que fomos muito ativos. Enquanto segunda geração de teatro realizamos diversas apresentações para a comunidade, pelo Grupo Bom Intento, participei de vários trabalhos e fui gostando cada vez mais de fazer teatro.

Conhecendo um pouco mais sobre o que é fazer teatro, nos anos seguintes continuo a participação no grupo, e a experiência e o contato com a comunidade, através do teatro, motivou-me na busca pelo estudo superior, essa busca por conhecimento também era incentivada pelo grupo, para que seus participantes buscassem na leitura e nos estudos um futuro melhor.

3.3.1 Ser Professora de Teatro

Em 2014, trabalhava como secretária na paróquia São Joaquim de Bujaru, ligada à diocese de Abaetetuba-PA, mas queria muito fazer vestibular, porém, não sabia ao certo o que cursar, pela experiência de gestão no trabalho, resolvi fazer para a inscrição para cursar

Economia, e mesmo sem cursinho preparatório passei, no dia da divulgação do resultado, as pessoas do teatro Bom Intento foram comemorar comigo. Fizeram-me uma surpresa, chegaram à paróquia onde eu trabalhava e justo nesse dia, estava tendo um encontro com líderes e coordenadores das comunidades católicas. Como eu era secretária da paróquia não podia faltar. Sabia que ia sair o resultado da UFPA, mas não estava muito confiante. Então fui para o evento, e lá entrei na internet e faltavam poucos minutos para divulgarem o resultado do vestibular. Passaram mais alguns minutos, olhei no computador a lista de aprovados no curso de Economia ano 2014, vi meu nome, fiquei parada, nem acreditava, de onde estava não conseguir esboçar nenhuma reação.

Para qualquer paraense, passar no vestibular é a maior euforia e faz logo festa, e eu estava lá parada, sem saber como agir, em alguns minutos chega alguém e me diz que era para ir até a entrada do escritório, que alguém estava querendo falar comigo, achei estranho, mas fui, ao abrir a porta que dava acesso para a rua, olhei para um lado da rua, olhei para o outro e de repente, saíram sei lá de onde, os amigos do grupo; Jonilson Lino, Adriana Silva, Chermont Martins e outros, cada um com a mão cheia de ovos, trigo, ali mesmo, tomei uma chuva de ovos, eu tinha passado no vestibular e no Pará é assim que comemoramos, não sabia se eu ria ou chorava, foi uma festa só, emocionante ver meus amigos do teatro comemorando comigo aquela conquista.

Cursar Economia em Belém parecia bem difícil para alguém que morava e trabalhava em Bujaru, distante cerca de duas horas de ônibus do campus, mas teria que frequentar as aulas todas as noites e manhãs de sábado. Iniciei a jornada, ia a Universidade, saindo de Bujaru às quinze horas e estudava noite, pernoitando em Belém, na madrugada saía às cinco horas para voltar ao trabalho em Bujaru. Foi um período cansativo. No início do segundo semestre não estava tendo tempo para fazer os trabalhos de grupo e estava devendo a disciplina de Cálculo I, ainda do primeiro semestre. Desmotivada, já não podia continuar fazendo teatro com o grupo e as idas e vindas diárias de Bujaru para Belém eram muito cansativas, o meu rendimento no curso não estava bom. Foi o período que abriu novamente inscrição para o vestibular, a turma do teatro se apoiava em tudo e incentivava que todos buscassem continuar os seus estudos, nesse ano alguns membros do grupo; Bento Henrique, Jonilson Lino, Luan Nunes, Adriana Silva, quase todo mundo resolveu que iam prestar vestibular para teatro na UFPA.

A essa altura eu já pensava em parar o curso de Economia e já não me sentia feliz em continuar naquela rotina para assistir aulas, veio à inscrição do vestibular de 2015, fiz novamente, agora para teatro, e motivada pelos amigos que se passássemos iríamos estudar

juntos, nossa relação de afeto e amizade pesara bastante em minha decisão. Fizemos a prova prática na ETDUFPA, nesse dia estava em Belém e eles vieram todos juntos de Bujaru, nos encontramos na frente da escola de teatro, o diretor também foi para dar apoio ao grupo, ele ficou esperando lá na rua o dia todo até todos terminarem a prova, voltamos juntos para Bujaru nesse dia.

Quando saiu o resultado foi outra festa, agora com os amigos, e mesmo os que não haviam sido aprovados vieram festejar conosco, nesse ano foram aprovados: Bento Henrique, Jonilson Lino e eu, Jucelaine Silva já cursava Dança, ela passou em 2014, lembro que o diretor ficou tão feliz que parecia que nós éramos filhos dele e ele enchia o peito para dizer na comunidade que três atores do grupo Bom Intento, haviam sido aprovados no Curso Superior de Teatro da UFPA e também que tinha outra atriz cursando Dança, era muito afeto envolvido!. Ele ainda se emociona bastante quando conversamos sobre teatro como formação superior, ele diz que estamos realizando um sonho dele.

O Curso é Licenciatura em Teatro, por isso, formaremos professores de teatro licenciados para atuar com ensino do teatro, desde a educação infantil até o ensino médio, em escolas na educação regular, portanto, diferente de um curso de bacharelado em teatro que trabalha especificamente a formação do ator e as vertentes da cena teatral, a licenciatura propõe uma formação do artista de teatro como professor.

Tentar explicar as razões de porque ser professora, nos tempos de hoje, é preciso dizer que a última coisa que eu queria na vida era ser professora de qualquer coisa, pois quando terminei o ensino fundamental, em 2003, na escola tínhamos duas opções: escolher pelo ensino médio normal, ou o ensino médio magistério, pois seria o último ano em que a escola ofertaria essa opção para o nível médio. Não queria fazer magistério, apesar de que na infância foi uma das brincadeiras preferidas, brincar de dar aulas. Cresci e comecei a pensar, influenciada por uma realidade social em que nos diz que ser professor não tem futuro no Brasil, além de ser uma das profissões mais desvalorizadas de nosso país.

Quando resolvi prestar vestibular, escolhi logo a área administrativa, pensando em um retorno financeiro melhor. Após um ano cursando Economia e mesmo gostando da área, comecei a perceber as dificuldades de seguir na carreira de economista no Norte do país, aliado as dificuldades de permanência no curso, iniciei uma fase de dúvidas em relação a que rumo tomar, o certo seria tentar outro curso, mas uma pergunta fixava-se em meus pensamentos: Como você se ver no futuro? Refleti e pela primeira vez quis fazer algo por mim mesma, não para tentar agradar outras pessoas, alimentar expectativas alheias, nada disso, agora tinha certeza vou fazer o que quero. Mesmo com a pouca experiência que tive do

teatro em minha cidade. Comecei a lembrar do quanto fazer teatro me dava alegria, me fazia sentir-se bem, quando eu e alguns membros do grupo de teatro passamos em 2015, tinha consciência que Licenciatura em Teatro, me habilitaria para o ensino, então pensei que no fundo sempre quis isso, eu negava minha admiração por meus professores mas graças aos seus ensinamentos hoje estou numa faculdade e vou ser professora de teatro.

Trabalhar o ensino da linguagem teatral tem muitas dificuldades, mas mergulhar nesse universo do teatro tem me feito aprender mais que ensinar, o ensino/aprendizagem na busca do conhecimento é poder um dia compartilhar com crianças, jovens e adultos, qualquer pessoa, um pouco mais sobre a arte do teatro, isso é resistência é descolonizar as nossas comunidades, abrir caminhos e difundir a arte como direito.

3.4 O Curso de Teatro: Minhas Descobertas, Transformações e Empoderamento

Durante o curso foram inúmeras descobertas, muita coisa boa aconteceu comigo, foi a melhor escolha que fiz, fazer o que gosto, a pessoa que sou hoje e que o teatro ajudou a revelar é quem sou de verdade. Vivi muita coisa boa, aprendi com outras que não foram tão boas também, o mais valioso construí laços de amizade de carinhos e afetos. Foram oito períodos de muitas trocas e aprendizagens, conheci pessoas incríveis, ganhei amigos para uma vida inteira e cresci e amadureci em quatro anos o que esperava para boa parte da vida, a academia me ajudou a pensar e gostar de estudar e querer que outras pessoas também tenham acesso a esse espaço.

Tivemos várias disciplinas tanto práticas, quanto teóricas, meus trabalhos práticos foram todos muito especiais para essa formação, posso lembrar cada cena criada, textos que decorei personagens que descobri em mim e que me ajudaram a reconhecer-me enquanto pessoa. Nesse curso me reconheci também como a mulher negra que sou, e isso se tornou essencial para meu reconhecimento ancestral, autoestima feminina e amor próprio. Conheci muitas pessoas, reconheci-me nos seus corpos, seus olhares, seus cabelos, seus abraços. Apaixonei-me, vivi amores, desapaixonei, sorri e chorei, mas aprendi a buscar a fala, dirigir a cena, dividir o palco, aceder à luz, decorar o texto, conhecer a história, admirar, e provocar no outro aquilo que me incomoda.

Não aprendi tudo, ainda estou em processo, mas iniciei a caminhada para encontrar o tipo de teatro que quero fazer, tivemos muitos trabalhos encenados em salas, no pátio da escola, na praça, na rua, e nos barcos indo para a escola ribeirinha, no ônibus indo e voltando

da periferia. Porém, o maior de todos os trabalhos práticos que fiz no curso não foi o último, mas foi o que mais me possibilitou reconhecer-me enquanto pessoa, mulher e artista e este ocorre no sétimo período, um trabalho prático intitulado “Cicatriz a Verdade está na Pele”. Esse trabalho tem me feito pensar a questão do ser uma mulher negra e ser de teatro, despertando em mim a reflexão do quanto desejo e posso através do teatro contribuir para a valorização do meu semelhante, principalmente de outras mulheres negras. Na sua essência este e outros trabalhos fazem parte dessas transformações que me fizeram entrar em um processo de reconhecimento e me amar por ser quem assim.

O trabalho Cicatriz é um solo poético, criado a partir de partituras corporais motivadas por versos poéticos negros, que personificam o ser negro a partir do reconhecer-se em sua ancestralidade.

Assim, partindo do proposto na disciplina Dramaturgia Pessoal do Ator, ministrada pelo professor Paulo Santana, juntamente com a professora Tânia Santana, busquei através da leitura do texto “58 indícios sobre o corpo” de NANCY, perceber qual (is) destes indícios me atravessava de forma a iniciar um processo criativo, a partir da rememoração de minhas cicatrizes pessoais, podendo escolher uma que me instigasse nesse viver de uma atriz criadora, e poder trazer outros textos, autores e elementos que auxiliassem na escrita desta poética.

Neste sentido, ao escolher um indício e bibliografia para relatar a cicatriz em mim, fosse esta, curada, mal curada ou em processo de cura, mas que de fato marcou em minha pele, o ser e todo o resto dessa atriz/criadora em formação, percebi que não tinha outra coisa que pensasse e que significasse tanto para mim, quanto o processo de mudança, aceitação e empoderamento feminino negro que tenho vivido nos últimos cinco anos, desde que entrei na UFPA.

Para que melhor possas conhecer e compreender a criação dessa cena, EU vos dou passagem, para que possam adentrar em meu universo silvestre, no corpo feminino da atriz negra e seu fazer teatral nestas terras amazônicas.

Durante a criação do solo descobri o poema intitulado DA MINHA CONSCIÊNCIA ANCESTRAL, reconheci-me em cada verso enquanto lia.

Ontem, sentada frente ao espelho
 Ia cuidar dos meus cabelos com o creme de alisamento
 Abri o pote e o forte cheiro
 Adentrou-me as narinas tão violento.

Fazendo-me fechar os olhos por um momento
 Abri-os novamente e ela estava lá

Sentada ao pé da cama a me mirar
Pés e mãos acorrentados à lágrima no rosto a brilhar.

De onde vem, sussurrei do outro lado do mar
O fedor aqui é tão forte já não posso respirar
Ontem, sentada frente ao espelho
Ia cuidar dos meus cabelos.

Esperava a chapinha esquentar
Estiquei a primeira mecha mas
descuidada queimei a testa
Senti a pele a latejar

Fechei os olhos, contendo a dor e o ódio
E quando os abri, ela já estava lá
Na bochecha uma cicatriz
Quem lhe fez isso? Saber eu quis

Ela levantou-se e tocou minha queimadura
Depois falou-me com ternura:
Agora a qualquer lugar onde eu for
Saberão sempre quem é meu senhor

Ontem sentada frente ao espelho
Resolvi amar os meus cabelos
Sussurrei seu nome com zelo
Esperei ela se sentar

Ela se achegou sem receio
Recostou minha cabeça em seu seio
Começou a pentear
A cada mecha, a cada trança
uma memória, uma lembrança
Que o medo não pode apagar.
(DJOKIC, 2018).

Com este poema iniciei meu processo de construção poética a partir de um estado de consciência, ainda que esta esteja em construção, no entanto, está em mim, “a verdade está realmente em minha pele”, a cada hora que olho meu corpo, a cada hora que me dou conta que estou em frente ao espelho admirando o que antes eu não via ou não me deixavam ver, a beleza ancestral, que meu povo deixou de herança. Na cor da pele, no volume dos meus lindos cabelos crespos, nas bochechas e lábios carnudos, no quadril arredondado, nos seios fartos, na ginga preta, na sensualidade natural da mulher negra, no charme preto que habita em mim, os desdobramentos de ou das cicatrizes que me compõe enquanto ser vivente e atuante neste espaço tempo que me cerca.

Na busca de rememorar tais fatos que me marcam, a pele do corpo e da alma e no exercício de olhar de novo o agora passado tempo destas cicatrizes, retornam em mim sentimentos e sensações que mesmo ocultos ou adormecidos no sono da memória, são princípios das ações que hoje me conduzem. Volto-me para flechas de memórias como que

sonhos lembrados aos poucos e que vão e voltam a me fazem ver como em um grande telão as memórias projetadas que compõe essa cicatriz, em pele do corpo e pele da alma, pois para mim a pele ferida é a alma que está em mim e que habita em mim, a alma não tem cor, mas em mim ela habita em um corpo cor, da cor maior que eu conheço; cor preta. Nesse sentido, comungo com o historiador Denis ao dizer:

A relação do homem se dá por meio de signos que se estabelecem a partir de mecanismos responsáveis pelo funcionamento do corpo e da mente humana. Um desses mecanismos é a memória. E falar da memória é falar da relação do homem com o tempo (BEZERRA, 2013, p. 51).

Os signos que me reconectam ao tempo da memória ancestral figuram em representação de cores, formas e costumes que me remetem à cultura afro-brasileira. Assim, hoje vivo um tempo de retorno ao cultivar ações e representações que me associem a cultura de meus ancestrais. No 54º indício do corpo de NANCY (2012), fala-se na pele, no papel da pele e todas as impressões que ela recebe. Ao me reconhecer negra, ou quando me dou conta do peso que é carregar os estigmas de ser negro, começo a entender por que muitas coisas haviam acontecido antes comigo e de que:

Faça sol ou faça tempestade
meu corpo é fechado por esta pele negra
Faça sol ou faça tempestade
meu corpo é cercado
por estes muros altos – currais,
onde ainda se coagula o sangue dos escravos
Faça sol ou faça tempestade,
meu corpo é fechado por esta pele negra.
(VENTURA, 2006, p. 16).

Cláudio Melo Wagner ¹⁸ diz: “as emoções que nos afetam no dia a dia, deixam marcas em nossa expressão corporal, angústias, conflitos e sintomas do nosso modo de vida se corporificam em posturas, hábitos gestos e somatizações” ¹⁹. Lembrando o que dizia o indício escolhido sobre o corpo, meu corpo movia-se de forma agonizante, como se uma fala de verdade busca-se brotar, expondo-se em minha pele, minhas mãos tocavam de forma rápida minha pele por todo meu corpo, puxando e apertando a pele e em minha boca meus lábios repetiam: *o corpo a pele e todo o resto são literatura anatômica*, fragmento repetido do 54º indício sobre o corpo. Retorcia-me, tentando expor uma verdade por muito escondida em mim

¹⁸Cláudio Melo Wagner é Psicólogo (1980), mestre em Psicologia (Psicologia Clínica) (1994), e doutor em Psicologia (Psicologia Clínica) (2000), todos pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹⁹ O Corpo em Cena. Claudio Melo Wagner. Youtube <https://www.youtube.com/watch?v=J-WNIRQ8IXk>. Acesso em abril de 2018.

soltei meus cabelos, repuxei-os em todas as direções e o batom vermelho começa a manchar a pele, escrevi VERDADE em uma perna e na outra PELE, e fui contornando pontilhando riscando criando e expondo desenhos como que cicatrizes, e era isso mesmo que queria, era como se cada marca de batom fosse uma cicatriz vivida através dos preconceitos que sofri das vergonhas que um dia me fizeram sentir por ser preta.

Durante a cena, entregava meu corpo para que o público escrevesse ou marcasse com o batom vermelho em mim, ia até eles e entregaria meu corpo para que escrevessem suas cicatrizes.

Durante os dias de criação, poesias do livro “Costura de Nuvens” (2006), contemplavam parte dessa fala que fora calada em mim, que me vez entrar em um estado de reflexão e consciência ancestral sobre o SER preta. Durante estes dias foram fortes as memórias do período em que meu inconsciente iniciou o caminho de volta à consciência ancestral, desde que inicio a minha transição capilar de volta ao crespo, cabelo aquilo que mais me caracteriza fisicamente. Eu quis que a cena mostrasse bastante isso o reconhecer-se nessas marcas que me ligam às minhas origens afrodescendentes. Cada frase, linha das poesias de Ventura ecoava em pensamento como se eu fosse percebendo nelas sinais dessa consciência. Nossa turma concluiu a Disciplina Dramaturgia no sétimo período com a apresentação de solos no dia 15 de junho de 2018, no Teatro Cláudio Barradas da UFPA.

Apresentei o solo “Cicatriz A Verdade Está na Pele”, iniciando a cena em pé, cabelos soltos, com figurino mínimo sendo roupa íntima de cor bege e um sobre tudo transparente de cor vermelha, intrinsecamente fazendo alusão a ancestralidade religiosa, no vermelho que remetia a cor usada por Iansã.

Em posição lateral, atravessaria o palco, no chão à minha frente quatro cuias marajoaras, dentro delas água e essência de priprióca, com flores de jasmim branco, também havia uma garrafa com decoração rústica cheia de água; elementos para o preparo de um banho de proteção e força para a travessia, que para mim simbolizava o caminho de volta e em frente dessa identidade agora reconhecida por mim. Nesse caminho, em cada partitura buscava lembrar a história dos meus ancestrais afros, declamadas em trechos de poemas de Adão Ventura no livro “Costura de Nuvens” (2006).

Partitura: 1- A sonoplastia iniciava com som de águas correntes e natureza, iniciava movimentos como que de um banhar-se com as cuias e com a água da garrafa, retirava o figurino e a pele era preparada para caminhar, recitando fraguimento poético:

- Faça sol ou faça tempestade, Faça sol ou faça tempestade, meu corpo é fechado por esta pele negra. (Ventura, 2006, p.16) Trecho usado no solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.

Figura 31: Registro do solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.



Foto: Danielle Cascaes.

Partitura 2- Nos movimentos a seguir os toques fortes na pele, o repuxar do cabelo movimentos de busca por falar no corpo a verdade da pele. A sonoplastia crescia aos sons de tambores tribais e os movimentos iam crescendo buscando a exaustão e caminhando a frente. Enquanto recitava o seguinte trecho do poema de Ventura:

- Em negro teceram-me a pele. Enormes correntes amarram-me ao tronco de uma nova África. (Ventura, 2006, p.9) Trecho usado no solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.

Figura 32: Montagem com duas fotos do registro do solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.



Foto: Danielle Cascaes.

Partitura 3- A sonoplastia baixa nos momentos de fala, o caminhar continua intercalando música e texto.

- A pele o corpo e todo o resto é literatura anatômica.
- Senzala é a minha carne retalhada pelo dia a dia.
- A história do Negro é um traço num abraço de ferro e fogo. (VENTURA, 2006, p.18). Trecho usado no solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.

Figura 33: Montagem com duas fotos do registro do solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.



Foto: Danielle Cascaes.

Partitura 4- A sonoplastia baixava eu ia até o público e este era motivado a escrever ou marcar em meu corpo uma cicatriz com batom vermelho.

- De pés no chão atravesei frios guetos de duras cicatrizes.
- Eu pássaro preto cicatrizo queimaduras de ferro em brasa...
- Eu pássaro preto cicatrizo queimaduras de ferro em brasa...
- (VENTURA, 2006, p.10,12.) Trecho usado no solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.

Figura 34: Montagem com duas fotos do registro do solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.



Foto: Danielle Cascaes.

Com a realização da poética, caminhei um passo a frente nessa estrada de minha consciência ancestral que me leva a buscar o fazer teatral a partir do teatro negro de atores, e estórias negras que buscam firmar e representar a nossa ancestralidade na cena.

- *Minha carta de alforria costurou meus passos aos corredores da noite de minha pele.* (VENTURA, 2006, p.10,12.). Trecho usado no solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.

Figura 35: Registro do solo “A verdade está na pele”. 15.06.2018.



Foto: Danielle Cascaes.

Como bem disse o ator e diretor negro Alexandre Sena (2016):

Existe uma luta contra a invisibilidade de nós negros e negras, mas a gente não pode deixar de falar da invisibilidade da mulher negra que é muito maior que a do homem negro. [...] e o que a gente tem de ferramenta para a sobrevivência são as nossas estórias os costumes a nossa forma de falar e a nossa ligação com a tradição com os nossos ancestrais, a gente resiste para sobreviver para existir, o que falta mesmo é sensibilidade de alguns setores para compreender essa nossa luta para existência não só física, mas também simbólica.²⁰

O mais recente trabalho como atriz na temática negra foi no Projeto Novos Encenadores do GTU - Grupo de Teatro Universitário da Escola de Teatro e Dança da UFPA, em 2018, um trabalho de protagonismo feminino e negro no qual consiste em um processo de construção e um experimento cênico, protagonizado por mulheres negras na UFPA. Após mais de três meses, já foram realizadas duas temporadas de um espetáculo denominado

²⁰ Alexandre Sena é ator e diretor de teatro negro. Ele discute sobre essa questão em entrevista para o programa AGENDA Canal Rede Minas TV em 2016. Conferir vídeo Teatro Negro e o negro no teatro. Youtube <https://youtu.be/j5Pww8PLUfk>. Acesso em abr 2018.

“*Pauta Negra Manifesto*”, o espetáculo é protagonizado por mulheres negras e trazendo a temática do feminismo negro ao teatro (texto coletivo do elenco 2018). A seguir o poema “Retina Negra” de Cristiane Sobral²¹, que compõe a dramaturgia de uma das primeiras cenas que apresento:

Eu sou preta fujona
 Encaro diariamente um espelho
 Que tenta me massacra por dentro
 Que tenta me iludir com suas mentiras brancas
 Tenta me descolorir com seus feches de luz

Eu sou preta fujona
 Preparada para enfrentar o sistema
 Empino o Black sem problema
 Invado a cena

Eu sou preta fujona
 Defendo um escurecimento necessário
 Tiro qualquer racista do armário
 Enfio o pé na porta e entro. (SOBRAL, 2016).

Figura 36: Elenco do GTU Manas na ETDUFPA novembro 2018.



Foto: Tarsila França.

²¹Cristiane Sobral é carioca e mora em Brasília desde a década de 90. Escritora, poeta, atriz, diretora e professora de teatro. Ganhadora em 2017, do Prêmio FAC-Secult-DF de Culturas Afro-Brasileiras. Imortal cadeira 34 (Academia de Letras do Brasil). Mestre em Artes (UnB), Especialista em Docência Superior pela Universidade Gama Filho, RJ. Licenciada em Educação Artística; Bacharel em Interpretação Teatral (Universidade de Brasília). Professora da SEDF — Atuando como Coordenadora Intermediária na Regional de Ensino do Núcleo Bandeirante — DF. Diretora de literatura afro-brasileira no Sindicato dos Escritores. Começou a publicar em prosa e poesia em 2000 na antologia *Cadernos Negros*. Suas obras poéticas e ficcionais são *O tapete voador* (2016), *Espelhos*, *Miradouros*, *Dialéticas da Percepção*, *Não vou mais lavar os pratos*, e *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*. Você pode ver o trabalho de Cristiane em seu blog (<https://cristianesobral.blogspot.com/>.) Acesso em 31/01/2021.

Foram vários trabalhos práticos que realizei durante o curso, mas acredito que estes são dois dos que mais me orgulho em ter feito, pois eles compõem parte indispensável nesse processo acadêmico. Tenho orgulho em dizer que amo meu curso, e mesmo com todas as dificuldades que existem e com todas as circunstâncias que buscam dificultar a vida de professores, há em mim um pulsar, um sentir, que me faz resistir, e não desistir. Imagino que emoção não deva ser sentir-se importante no processo de crescimento e formação de outra pessoa e contribuir para que ele se dê de forma prazerosa. Transformar realidades de crianças em comunidades, ilhas, escolas, institutos, igrejas, centro culturais, poder resgatar um adolescente das mazelas sociais através do conhecimento e da arte e se isso acontecer já terá valido todo o esforço. Tudo me impulsiona a buscar esse ensino/aprendizagem, querer aprender para então ensinar. Imagino que não consigo mais viver outra coisa na vida que não me relacione com a arte-teatro e culturas, compreendo que educar é muito mais uma missão e não só uma profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propor-me ao exercício da escrita sobre a existência do teatro em terras bujaruenses, acontece como parte de todo um processo construtivo, que busco visando um maior desenvolvimento intelectual e social não apenas na área profissional, mas também pessoal.

Registrar a história do teatro, fora das grandes vinculações das produções nacionais, principalmente do sul e sudeste brasileiro, é um exercício aguerrido que o Grupo de Pesquisa PERAU vem assinalando. Deste modo, identifico para firmar esse objetivo de colocar em evidência a história de um grupo de teatro no município de Bujaru, é extremamente necessária à existência de espaços na universidade que promovam pesquisas compromissadas socialmente e culturalmente, que valorize a memória e as narrativas que se encontram nas periferias, vilas, comunidades e quilombos.

A perspectiva de registrar a história teatral de Bujaru evidencia memórias, vozes e personagens que não se encontram e emergem cronologicamente, então o exercício que aqui foi proposto, se deu em trazer esses registros a partir de um exercício de imersão de uma forma natural e especial.

A Cia de Teatro Bom Intento se apresenta nesse trabalho entrelaçada na minha trajetória pessoal e como um impulsionador dos caminhos que percorri até aqui. A ideia foi de não se distanciar desse lugar de pesquisadora, mas apostar nesse enlace que me forjou. E isso reflete em uma pedagogia outra, uma educação que tem suas raízes nas relações interpessoais, que buscam como veículo de informação e fundamentação crítica, o cotidiano dos sujeitos, e incentivar a busca pela educação formal num ensino informal. E isso acaba refletindo no meu caminhar.

A busca pela graduação foi um período desafiador de aprendizagens e vivências que me inseri nos últimos cinco anos na ETDUFPA. Trago comigo as inúmeras expressões poéticas postas em cenas, perpassadas por este corpo feminino preto que reverberam a minha própria história. Caminhei diante de um sistema que precisei enfrentar e ir ao encontro de tentar entender, conhecer e principalmente aceitar; aceitar-me e então reconhecer-me nesse outro ambiente.

Busquei me inserir e conhecer de perto muitas de todas as oportunidades e direitos que a graduação poderia me proporcionar. O contato com a prática teatral em estágios, projetos, e formações livres em teatro, constitui sólida base para minha formação, reconheço-me militante de movimentos negros, por entender que como mulher, preta e de periferia, não

conseguiria trazer o exercício do teatro para a educação sem vivenciar a prática pelos direitos de ser quem sou de onde venho e de toda a história que me antecede.

Buscarei sempre levar adiante os ensinamentos e aprendizagens do estágio através do Projeto de Extensão e Ensino PREAMAR em ilhas de Belém com a utilização de métodos do Teatro do Oprimido, em suas mais diversas vertentes de ação e luta pelos direitos e em oportunizar com o teatro a fala de crianças, mulheres e pessoas que vivem em situação de opressão, chegar às mais diversas ilhas sejam de rios ou na floresta, desejo que o teatro não seja apenas uma ferramenta educacional, mais um instrumento de comunicação e grito de liberdade, refletindo ações concretas em nossas comunidades e quilombos. Sinto-me em um contínuo processo de buscar aprender e multiplicar cada vez mais os ensinamentos de TO que chegam a mim para vir a ser uma professora *koringa* de Teatro do Oprimido, junto a uma plateia de espect-atores que possam através de nossas trocas e aprendizagem adentrar a cena e se tornarem protagonistas de suas histórias e lutas.

Considero ainda indispensáveis para a conclusão dessa graduação os diversos processos de trocas que vivenciei em organizações estudantis ou de base comunitária na periferia Guamá; em oficinas e ações de teatro em uma das maiores comunidades periféricas de Belém. A experiência junto com colegas de faculdade à frente do Centro Acadêmico de Teatro pela melhoria do ensino de graduação, as lutas sociais e feministas, de classe e políticas que pude fazer parte dentro desta organização institucional que é a Universidade Pública Federal do Pará.

Nem sempre foi fácil, mas necessário, por vezes precisei parar e respirar, para poder continuar cada dia e minuto, precisei me cobrar e ao mesmo tempo tentar também compreender que não precisava responder de imediato a todas as milhares de expectativas alheias postas sobre mim; antes precisava ser fiel em cumprir apenas as minhas próprias para esse desafio que me propus.

Agradeço aos mestres da minha faculdade, aos meus familiares e amigos por tudo quanto me oferecem e paciência a mim disposta, gratidão a todos.

Trago esse trabalho para o olhar da minha comunidade, dos meus, antes de atender às exigências burocráticas da academia. Foram eles que me impulsionaram nessa caminhada então se a eles eu puder oferecer parte dessa construção, já terá por si válido muito a pena. Entendo também que esse será o início da mais longa estrada que vou percorrer, mas sei que antes o cansaço da viagem do que a angústia do desistir.

Coragem, menina! O caminhar se inicia com o primeiro passo. Avante!

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Félix de Souza. **Grupo de Teatro Amador Êxodo**: memórias teatrais na Cidade de Gurupá (1999-2011). Monografia de Graduação, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Plano de Ações Articuladas Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR, Curso de Licenciatura em Teatro, Universidade Federal do Pará, 2018.
- BEZERRA, José Denis de Oliveira. **Memórias cênicas**: poéticas teatrais na cidade de Belém (1957-1990). Belém: IAP, 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: Lembranças de Velhos. 3ed.– São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FREITAS, Maria Sonia de. **História oral**: Procedimentos e possibilidades. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.
- JASEN, Karine. A dramaturgia das Paixões de Cristo em Belém do Pará. **Revista Ensaio Geral**, Belém, v.1, n.1, jan-jun/2009.
- LIGEIRO, Zeca. “**Algumas palavras**”. Texto de abertura do curso Teatro na Educação, oferecido pelo Serviço Nacional de Teatro em conjunto com CEGG e CEDEPE, realizado em dezembro de 1974.
- LOUREIRO, J. de J. P. **Cultura Amazônica**: uma poética do imaginário. 4.ed. Belém, PA: Cultural Brasil, 2015.
- MARTINS, D. S. **A AMAZONIA E O PODER DA IGREJA CATOLICA NO SECULO XII**, 2006.. Acesso em 17 de 06 de 2019, disponível em webartigos.com: <https://www.webartigos.com/artigos/a-amazonia-e-o-poder-da-igreja-catolica-no-seculo-xii/140322>
- NASCIMENTO, Campos. H. Santana de Bujaru: Lugar e Identidade. **Anais do I Congresso Pan-Amazônico de História Oral**. Belém: UFPA, 2012. Acesso em 17/06/ 2019, disponível em: https://www.academia.edu/8442726/Santana_do_Bujaru_lugar_e_identidade
- PAVIS, Patrice. **Dicionário do Teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- PERDIGÃO, Jordan Lima. **Os Carmelitas na Amazônia Ocidental as missões Carmelitas na colonização da Amazônia Portuguesa Ocidental (séculos XVII e XVIII)**. Dissertação de Mestrado, História, Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2013.
- PONTES, Filho Raimundo Pereira. **Estudo de História da Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2000.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: FFLCH-USP, Centro de Estudos Rurais e Urbanos-CERU, 1983.

SALLES, Vicente. **Épocas do Teatro do Grão-Pará ou Apresentação do Teatro de Época**. Belém: EDUFPA, 1994.

SILVA, Ágda Priscila; ALVES, Ildegarde Elouise. O Teatro Jesuítico como Prática Educacional na América Portuguesa. **Anais da XVIII Semana de Humanidades**, UFRN - Rio Grande do Norte 2010. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/shXVIII/artigos/GT33/O%20TEATRO%20JESUTICO%20COMO%20PRATICA%20EDUCACIONAL%20NA%20AMERICA%20PORTUGUESA.pdf>>. Acesso em 13 jan.2021

PERPÉTUO SOCORRO, Frei José Alvares do. Depoimentos. In: PARÓQUIA DE BUAJARU. **Livro Tombo**, 1943.

PINTO, Andreza da Silva. **Ao Mestre com carinho**: a poética de Ramon Stergman. Monografia de Graduação, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África**. Vol. I: Metodologia e pré-história da África. São Paulo: UNESCO/Ática, 2010. p. 139-167.

Sites:

Funarte

<https://www.funarte.gov.br/artes-integradas/anunciado-o-resultado-do-edital-microprojetos-mais-cultura-na-amazonia-legal/> acesso em 30/01/2021.

Pastoral da Juventude

<https://cnbbs2.org.br/pastoral-da-juventude-2/> acesso em 30/01/2021

Médium com Mulheres

<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/tres-poemas-de-cristiane-sobral-80533a80496c>. acesso em 30/01/2021.

Blog Spot de Criztiane Sobral

<https://cristianesobral.blogspot.com/>

Facebook da Companhia Bom Intento

<https://www.facebook.com/CiaTeatral-BOMINTENTOoficial-646422255471987>

Entrevistas

HEITOR, Iracema. **Entrevista**. Realização e transcrição por Silvana Cruz. Bujaru, ago. 2018.

GOMES, Rosangela Maria Vasconcelos. **Entrevista**. Realização e transcrição por Silvana Cruz. Bujaru, set. 2018.

CUNHA, Antonio Carlos. **Entrevista**. Realização e transcrição por Silvana Cruz. Bujaru, out. 2019.

CHERMONT, Raimundo Ferreira. **Entrevista**. Realização e transcrição Silvana Cruz. Bujaru. Ago. 2020

FARO, Everton. **Entrevista**. Realização e transcrição por Silvana Cruz. Bujaru, ago. 2018.

SILVA, Keila Silva. **Entrevista**. Realização e transcrição Silvana Cruz. Bujaru. Ago. 2020

SANTOS, Jucelaine Silva. **Entrevista**. Realização e transcrição Silvana Cruz. Bujaru. Ago. 2020

RODRIGUES, Jonilson Lino. **Entrevista**. Realização e transcrição Silvana Cruz. Bujaru. Ago. 2020

FARO, Suelayne De Oliveira. **Entrevista**. Realização e transcrição Silvana Cruz. Bujaru. Ago. 2020

CRUZ. Silvana da silva. Entrevista Live com Grupo Bom Intento <https://web.facebook.com/100001543278054/videos/3389780827749993/>

Documentos

BEZERRA, José Denis de Oliveira. **Grupo de Pesquisa Perau – Memória, História e Artes Cênicas na Amazônia**. Arquivo do grupo. Belém, 2020.

APÊNDICES

Apêndice A: Entrevista - Professora Iracema Heitor Da Silva



Sou Iracema Heitor da Silva, professora aposentada. Tenho nível superior, sou formada em Pedagogia e tenho especialização em Gestão Escola. Fui durante mais de 20 anos diretora da Escola Estadual Dom Mario de Miranda Vilas Boas. Hoje, me tornei escritora, estou escrevendo um livro sobre Bujaru e pretendo lançar ainda este ano “Estudos Amazônicos uma contextualização histórica do município de Bujaru”.

Sobre o teatro, eu recorro ainda quando eu era criança de ter assistido é muitas encenações de teatro na Praça de Bujaru, na praça da Bandeira. Lá o padre Frei João Francisco gostava de fazer a encenação da Paixão de Cristo e os atores principais, eu lembro, que eram a minha madrinha - Maria de Jesus Negrão que hoje reside em Santa Izabel e o esposo dela, o seu Negrão, que inclusive foi prefeito de Santa Izabel na época eles moravam em Bujaru. Ela era professora e eles encenavam a paixão de Cristo, muito linda, muito linda mesmo em praça pública. Depois... quer dizer todos os anos tinha a encenação... e depois teve a dona Otilia com seu Doca, ele era farmacêutico e eles faziam teatro mais do Pastoril, e apresentavam no teatro Martins Melo que hoje foi transformado em Mercado Municipal. Mas, Martins Melo foi palco de muitos teatros, muitas apresentações e lá apresentava-se o pastoril, tinha as pastorinhas... naquela época tinha “a estrela, a lua florista, ai tinha a encenação do nascimento de Jesus e todo aquele pessoal ia visitar. Era salão, era florista era os galegos; Eu lembro que eu era galego. Galegos eram os portugueses que cantavam. Tudo era cantado. Eu lembro que a gente cantava assim, “*olé olai ô muria vamos jae*” - eu não sei bem imitar, mas naquela época a gente fazia, cantava e ai dizia assim; “*vamos ver o bom menino que nasceu para nos salvar*” tipo português, com sotaque português, todos vinham cantando e ofertando alguma coisa para Jesus esse era o pastoril. Aí, no fim, se despediam. Eu comparava assim um cordão, o cordão também que fazem de pássaro, assim mesmo era o pastoril muito lindo que foi se apresentando. Também teve o cordão de pássaros, o primeiro cordão foi o Beija-Flor foi minha mãe que fez. Eu era caçador, sempre fui atuante.

Como era o nome da sua mãe?

Era Clélia Fonseca Heitor da Silva, ela também foi diretora da escola Dom Mario mais de 8 anos, e ela fazia esses cordões de pássaro. Eu lembro que era o Beija-Flor, foram várias

vezes, quase todos os anos ela apresentava o mesmo pássaro o Beija-Flor, e eu era sempre o caçador, e vestia de homem para fazer o caçador. Depois a dona Margarida Palheta fez o Japiim, o cordão do Japiim, era quase as mesmas músicas mais ela fez umas novas, já fez uma releitura do cordão de pássaro, é muito legal também. Esse cordão do Japiim era um sucesso em Bujaru, com a dona Margarida Palheta que era uma senhora que gostava muito da cultura, de cultura.

Depois chegou o padre Basílio Bujaru, mais ou menos em 1964. Naquela época ninguém ia na igreja só ia um casal que era o seu Domingos Faro a dona Isabel João e a Santinha filha deles. Só os três que iam para a igreja. Quando o padre Basílio chegou em Bujaru e ele resolveu fazer alguma coisa para levar o povo para a igreja e resolveu fazer teatro lá no Martins Melo onde já apresentavam o Pastoril, apresentavam cordão de pássaros.

O Martins Melo ele era um prédio da Prefeitura, do poder público? como ele era?

Esse Martins Melo, ele era uma usina de beneficiamento de arroz na época da fundação de Bujaru, porque a primeira sede de Bujaru foi lá em Santana. Aí, como viram que não ia ter desenvolvimento nenhum se a sede do município continuasse lá, eles procuraram um local mais aprazível e veio para Bujaru e fizeram uma mídia do lugar. Vieram os nordestinos, plantavam arroz, milho, tudinho; e esse Martins Melo, era para beneficiar arroz. E nessa época que o padre Basílio chegou já não estava mais funcionando como usina de Beneficiamento de arroz e ele pedia pra... já estava um espaço ocioso e ele pedia pra fazer apresentação desses teatros de santo, era teatro da vida de Santa Barbara, eu lembro bem desse teatro da vida de santa Barbara, sobre os pastorinhos de Fátima, inclusive eu trabalhei nos pastorinhos de Fátima, eu era a jacinta. Ele fazia assim, era dublado, nós gravávamos antes e na hora do palco só fazíamos a encenação, ta era dublando todo tempo e era lotado, mas a entrada ele dava um papel que só podia entrar quem fosse na missa, entendeu? Aí era o dado o papel na missa, que era a entrada lá no Martins Melo. Então, ele marcava já avisa logo e aí a gente já avisava logo, todo mundo né, que só entrava com o papelzinho que a gente recebia na missa que era a entrada La no teatro, todo mundo ia pra missa lotada.

A igreja fazia essas apresentações teatrais, inclusive nos fizemos a “Fábula do Coelho; muito lindo, eu fui coelhinho. Eu ainda tenho foto dessa época, eu trabalhei como ... era o coelho ele queria fazer a casa dele ai ele ia emprestar dinheiros pros amigos muito bonito também era a fabula do coelho, emprestava o dinheiro para todos os amigos, pro galo pra raposa pra onça e pro caçador; ele marcava uma data e uma hora que os amigos iam chegando pra cobrar o

dinheiro que tinham emprestado da casa e ele iam um comendo o outro pra ele não poder pagar a dívida.

Apêndice B: Entrevista - Professora Rosangela Vasconcelos Gomes



Eu sou a professora Maria Rosangela Vasconcelos Gomes, mas conhecida como Rosangela Vasconcelos, e hoje eu estou de volta a Bujaru depois de quase 20 anos trabalhando em outros estados, outros municípios. Hoje, estou de volta, atualmente estou parada de atividades profissionais. Eu voltei em fevereiro deste ano de 2019, e até então ainda não consegui entrar no mercado de trabalho.

Eu sou Licenciada Plena em Letras, tenho uma pós-graduação em didática do Ensino Superior e Gestão Escolar e estou aguardando, já coloquei meu currículo e estou aguardando algum chamado, se Deus quiser. Fiz também um trabalho de intercambio no Paraguai, um Mestrado em Ciência da Educação, onde faltou a defesa da tese, por conta de problemas pessoais como falecimento da minha mãe as coisas foram regredindo um pouco aí e até agora não pude voltar por conta disso. To aqui em Bujaru de volta.

A senhora pode falar sobre o teatro em Bujaru a sua participação?

A minha atividade profissional aqui em Bujaru começou muito cedo eu ainda não tinha nem a maior idade quando comecei como professora. Antes disso, eu estudei na escola na época a escola paroquial sagrada família, e tinha uma equipe, na escola sagrada família, inclusive o diretor na escola que na época era o padre Basílio. A gente tinha como uma missão chegar na escola e cantava naquelas filas.

O momento cívico?

Não era bem um momento cívico, porque a gente não cantava o hino nacional, essas coisas; era hino mesmo pertencente a escola, dinâmica que a gente fazia, hino da igreja mesmo. Então, eu cantando o padre Basílio gostou, ele era uma pessoa muito rígida nessa época eu tinha não mais que cinco anos, ele gostou e começou a me treinar ensaiar para eu cantar na igreja e muito cedo eu comecei a cantar na igreja. nessa época era a professora Santinha. Ela ainda é viva?

A Professora Santinha trabalha essa questão, a cantata de Natal, o auto de natal ela fazia a coroação, nessa época meus pais eram da igreja. A gente desde cedo foi criado ali nesse meio. E aí eu comecei a participar das cantatas de Natal, fazíamos autos de acordo com algum tema ensinando. eu me lembro que uma vez nós apresentamos até o Cisne, treinamos a dança do cisne que eles gostavam. eles vinham da Itália, os padres que vieram da Itália, e

trouxeram toda roupa, aquela roupa linda de bailarina; e eu estava lá. A minha mãe costumava dizer assim, naquela época, era o guará suco, *minha filha tu és o guará suco em tudo tu estais*. Nas danças da escola eu participava, era Dia das Mães, era dia dos pais, toda comemoração que tinha alguma coisa de dança de teatro eu estava ali envolvida. A coroação da santa a gente fazia aquele evento lindo, as meninas todas.

Trecho cantando: *“as mimosas florzinhas de maio, ofertamos a mãe de Jesus”*, aquele monte entrando na igreja e cantando, eu achava muito lindo aquilo e eu adorava participar, então da ir eu fui tomando gosto, na verdade pela situação. Quando eu já estava mais madura né eu comecei a trabalhar muito cedo, a dona madalena me convidou para eu participar. era necessidade que havia. Naquela época tu tinha o 5º ano, a quinta série já podia ensinar alguma coisa e eu tinha acredito que 14/ 15 ou 16/17 já podia trabalhar. Ela me chamou para eu trabalhar na escola, só que ela que assinava pra mim porque eu não tinha idade ainda para assinar. Então comecei muito cedo e eu trabalhava naquele programa Mobral. Foi nesse programa que eu comecei a trabalhar como professora, e depois eu trabalhei no programa PEI que era Programa de Educação Integral, isso tudo coma menor idade ainda na administração do seu Sancler. E a partir daí eu comecei a trabalhar com alunos com os meus alunos fazendo dinâmica, fazendo... o que eu tinha de amor de afinidade com a arte de representar eu levava para os meus alunos, e aí depois disso eu comecei a trabalhar já na como funcionaria mesmo da prefeitura porque até então era um programa.

Depois eu comecei a trabalhar como professora já na prefeitura, e aí a gente ficou sendo conhecida pelo nosso trabalho. E aí surgiu a oportunidade de formar um grupo teatral, porque a gente sentia essa necessidade. Toda vez que apresentava alguma coisa na igreja, como a crucificação, a gente precisava das pessoas naquele ano quando era no outro ano tinha que está correndo atrás das pessoas. Então, surgiu a ideia com o Raimundo Nonato Soares que era o nosso famoso Tangahá como muitos conheciam a gente se juntou e formou o grupo com algumas pessoas. Esse grupo num primeiro momento tinha a Raimunda Faro , que é a Dica o Antonio Carlos que é o Coquinho aí o Tangaháh eu que sempre escrevia os textos que a gente ia apresentar, e aí e outros, nós formamos aquele grupo e fizemos tudo, na época inclusive agente escreveu a ata de formação do grupo, porque o Tangaháh também ele era muito metódico nesses assuntos e aí ele orientou para a gente fazer isso e nós fazíamos só que ele não parava muito, ele ficava aqui um pouco e daqui a pouco ele já estava e outro lugar e andava fazendo trabalhos. Na verdade, nessa época ele ainda não estava em Macapá, mas ele saía.

Como que o Chermont faz hoje, era mais ou menos assim, e então nós formamos esse grupo; registramos e formamos uma diretoria e nessa diretoria a gente tirou o presidente do grupo diretor e na época fui eu que fiquei com essa missão.

A senhora lembra a década?

Eu creio tenha sido 80 e alguma coisa, porque desde aí eu vinha trabalhando eu ainda não tinha filho e eu lembro que em 90 já por ali eu já tinha minha filha. ela participava junto já pequenina, acho que o Chermont lembra daquela peça teatral que fizemos na igreja e ela se emburrou lá e a outra tomou a fala dela. A Luciana tomou a fala dela e ela ficou muito aborrecida. Tinha a participação do Raimundo Soares também algumas vezes ele não era direto ali, mas algumas vezes ele participava até porque a gente ficava procurando, tinha uma trilha sonora para tocar; o Antonio Carlos o Tangahá que eram muito bons.

Ia lembrando das pessoas aí a gente pensava... fulano da pra fazer isso, fulano dar pra fazer esse papel, tinha umas meninas as filhas do seu Bené, que já faleceu também, era na época, era a Carmem a Vera participaram algumas vezes também, mas participou pouco. A Carmem e a Ana participaram bastante. Depois foi toda uma trajetória, mas na frente já entrou a mais nova a Lucilene Correa, a Lene já depois, mas aí elas foram cada uma na sua geração na sua década e aí nós apresentamos várias peças teatrais.

Nós apresentamos essa ideia do zambelê na fazenda Bom Intento. Foi um texto que foi criado a partir da ideia da gente começar na escola, a falar sobre o Bom Intento e as ruínas que existiam lá; aí surgiu essas idéias do Zambelê na fazenda Bom Intento. Eu me lembro que uma pessoa na época que dava muito apoio além do Tangahá e que sempre corria atrás dessas coisas era aqui o nosso amigo Chermont que já entrou um pouco depois, não muito tempo entrou alí para fazer uma participação em cenário.

Então vocês criaram o grupo e foi esse grupo que era o raio de sol?

Era o raio de sol, a princípio. Aí a gente fazia só algumas apresentações e o texto zambelê na fazenda bom intento, a primeira versão foi dentro do raio de sol, depois esse texto foi adaptado, foi melhorado, teve a participação do Tangahá também na escrita que ele não fugiu da ideia. Eu tive a ideia de fazer o tema zambelê na fazenda bom intento era um escravo que tinha ideias de libertação e resistiu aos desmandos do patrão, dos senhores e planejou a fuga dele e da família dele, e nessa fuga ele foi pego, e aí começa toda a saga do zambelê na fazenda bom intento. E quando o Tangahá fez o melhoramento do texto, aí já não era mais não tinha mais o raio de sol, aí já era O Grupo Bom Intento alusivo justamente ao Bom

Intento, porque surgiu também na época um movimento de tombamento ao bom intento, justamente na época em que eu estive diretora do Departamento de Cultura, porque as coisas vão caminhando e aí surgiu essa ideia. O texto zambelê na fazenda Bom Intento foi um sucesso tão grande que eu creio que se agente retomasse hoje de novo ele faria o mesmo sucesso.

Tivemos outros textos já, como Grupo Bom Intento, e o Chermont sabe disso. Aí quando o Chermont entrou, depois disso, já como Bom Intento ele já estava comigo e aí a gente as vezes, dava ideia do texto ele trazia uma ideia. *“Rosangela tal texto assim dar pra te escrever”*, Chermont borá ver a gente escreve, inclusive a *Paixão de Cristo né a versão contemporânea da Paixão de Cristo colocando os personagens... dar pra ti fazer Rosangela?* Eu disse vou pesquisar e vou fazer, escrevi um texto muito bom não foi Chermont? e nos fizemos anos e anos e anos esse auto da Paixão de Cristo aqui que era caminhar na praça era a via sacra, a Via Crucis.

Você lembra onde se reuniam, ensaiavam?

Na paróquia, ou no auditório da Prefeitura, aquele auditório lá atrás que não sei se ainda é, mas naquela época não era como é hoje, houve uma mudança quando eu estive Secretária De Educação que foi um dos cargos que eu assumi em Bujaru aí nós fizemos uma reforma, mas nessa versão que ele está agora foi mais ou menos na época que a gente estava na Secretaria de Educação.

R: Mas aí um dos textos que mais me chamou a atenção e que nós trabalhamos foi zambelê na Fazenda Bom Intento, que foi o marco do grupo, a Via Crucis e Lendas da Terra, que também foi autoria minha que era partir de uma parteira cega que contava uma história da Matinta Pereira e aí conforme ela ia contando as cenas iam acontecendo. A ideia do texto foi minha, mas a ideia do cenário e dessa coisa foi do Chermont.

Eu continuava diretora do grupo e ele era assim o meu braço de ferro, era tudo, tudo, qualquer coisa. Chermont, eu acho assim foi uma parceria muito, não sei se o Chermont ver dessa forma, mas para mim foi uma parceria que deu muito certo, porque a gente se amparava um no outro, se ele tinha dúvida ele vinha comigo se eu tinha dúvida eu ia. Aí mesmo ele sendo esse gênio em cenário que todo mundo conhece, mas mesmo assim ele vinha, *Rosangela tal coisa assim será que ta bom né?* e em Lendas da terra ele fez um cenário, eu lembro que tinha uma lua prateada, e a gente usava tudo reciclado, todo material era reciclado, material de cenário cortina, pouca coisa a gente recebia. Nós tivemos assim um apoio maior já foi no governo do Miguel, o Ademir antes deu também um apoio, esse material tudo foi ele que

ajudou para a gente adquirir esse material. Mas aí no governo do Miguel a coisa se solidificou um pouco mais. Então nós fizemos a Lenda da terra e fomos apresentar no Teatro da Paz, foi um grande evento que teve lá na praça.

Tinha um grupo lá que o Ramon Stergman fazia parte desse grupo e como ele veio fazer oficina pra gente também e quando ele viu o texto né de lendas da terra ele ficou maravilhado.

A senhora tem ainda o registro desses textos?

Eu não tenho, não sei se deixei com o Chermont, para mim eu tinha deixado contigo tanto faz o zambelê como o outro. Eu não sei se eu tenho. Eu fui à reforma que nos derrubamos a casa velha e fizemos a nova e nessa perdeu muita coisa, Chermont: A ida a Praça Da República foi resultado da oficina com o João Queiroz do projeto “O povo vai a praça em 92”, aconteceu a primeira oficina com o João Queiroz. Então, quando chega a equipe do Estado eles me encontram na biblioteca e foi uma sorte eles me encontrarem porque eles vieram sem saber com quem iam falar na prefeitura aí eu estava lá e aproveitei pra indicar que queríamos as oficinas de artes plásticas teatro e dança.

Eles viram por causa do projeto o povo vai a praça. Nessa época eu já trabalhava na Prefeitura, mas eu ainda era só professora não tinha ainda nenhum cargo na cultura.

Apêndice C: Entrevista Antônio Carlos de Oliveira Cunha



Eu me chamo Silvana Cruz, estou dando continuidade a pesquisa “A história do teatro em Bujaru/PA”. Hoje são 07 de outubro de 2019 e irei entrevistar mais um personagem dessa história.

Eu me chamo Antônio Carlos, tenho 52 anos, sou professor licenciado em matemática, estou fazendo uma pós-graduação em matemática financeira, sou evangélico, mas também já fui católico, e eu me identifico com o teatro da seguinte forma: acho que o teatro é uma forma da gente colocar em prática aquilo que viveu, vive e vai viver de forma de expressão tanto corporal como encenação, através de textos e gestos, é assim que entendo.

O teatro na minha vida começa lá no tempo de adolescência, como falei, hoje sou evangélico, mas fui católico na minha adolescência e participava muito da igreja, dos grupos, principalmente dos adolescentes, e foi aí que tudo começou quando criamos o grupo na paróquia e na época da Semana Santa tínhamos o hábito de nos apresentarmos na igreja na Sexta-feira Santa.

Começamos com peças teatrais bastante pequenas, com duração de 10 a 15 minutos, isso foi se alongando com o passar dos tempos, fomos crescendo, amadurecendo, fomos estudando e aprendendo e assim foram criados dois grupos de jovens na paróquia, que esses grupos por sinal brigávamos bastante, o Padre Carlos tinha um trabalho muito grande com a gente. Nessa época nós tínhamos um grupo bastante ativo na igreja e essas apresentações eram mais encenadas na semana santa com a Paixão de Cristo, então escrevíamos os textos, tinha a pessoa que colocava no papel que era a Edna Jordão (in memória), eu particularmente trabalhava no figurino, eu que confeccionava.

Geralmente a gente (riso) é até engraçado, lembrando agora da história, a minha mãe tinha muita cuieira, então além de pedirmos ainda levávamos além das que ela nos dava, pra fazermos todo o figurino, que usava vários tipos de matérias, saco de açúcar, tudo que podíamos fazer, fazíamos, nunca comprávamos nada, sempre reciclávamos e era uma coisa bastante legal, nos apresentávamos bem, as pessoas gostavam, era o momento mais esperado da Semana Santa, essas encenações que fazíamos era tanto dentro da igreja como na rua.

Na maioria das vezes o Cristo era o Haroldo Reis e a Dona Maria, mãe dele, sofria muito nesse dia, porque nós batíamos muito, violentamente, mas ele que pedia: “Olha, não refresca”, e nós batíamos.

Então o grupo foi crescendo, nós ficando adultos e fomos nos dispersando da paróquia, mas como disse, o teatro está sempre no sangue, essa coisa de se apresenta, de fazer, de se expor assim, colocar o que a gente sente, está dentro de min. Eu gosto muito de palestrar, gosto muito de ensinar, então não paramos e acredito que era a mão de Deus naquela época, que quando saímos da paróquia, foi nos governos do Jader Barbalho, primeiro ano que ele criou o projeto “O Povo vai à Praça” e Bujaru foi agraciado, veio pra cá esse projeto.

Dentro desse projeto tinha a parte do teatro, inclusive teve o treinamento, que era palestrado por uma pessoa da Rede Globo, tivemos certificado, nós tínhamos todas essas documentações, que vez em quando dou uma olhada, lembro que nesse período foi quando surgiu o Grupo de Teatro que existe até os dias atuais, surgiu lá atrás, teve a necessidade de se criar um nome que era para podermos nos apresentarmos nesse projeto.

Foi ai que surgiu o primeiro grupo de teatro que era “Raio de sol”, a parte que marcou mais, que alavancou, que pudéssemos montar e criar esse grupo foi a última apresentação que fizemos com o grupo de jovens da paróquia, que montamos uma peça teatral que tinha um elenco com uma faixa de 50 pessoas, era um elenco bastante grande, tinha um figurino, o palco mudava de figurino muito rápido, uma história bastante complexa, na época foi muito bom, não lembro o ano e nem o evento que teve mas era um evento muito grande que foi no Martin Melo, acho que foi o último evento lá antes de se transformar o que ele é hoje.

Essa peça contava a história de uma família que invadia um terreno para sobreviver. Tinha um fazendeiro ele mandava prender um dos invasores e a história se dava que essa pessoa ia para o julgamento, tinha o juiz, promotor, advogado de defesa e acusação, soldados, a cadeia e tinha a fazenda.

Foi ai que começou basicamente tudo, era um elenco bastante grande, pessoas que hoje já são falecidas que participavam que era o Peruquinha (in memória), ele fazia o papel do preso, o Genivaldo (in memória) que era o fazendeiro, pessoas que já se foram porém fazem parte dessa história, ai veio o “Povo vai a Praça” e precisávamos escrever um roteiro bastante criativo que tínhamos que apresentar esse projeto para podermos participar do Projeto “Povo Vai a Praça”, e lembro que eu, Tangahá Luz, Rosangela, não sei se o Chemont participou, sentamos e fomos escrever, cantar uma história da escravatura na cidade de Bujaru, e depois de entregamos e eles levarem o nosso roteiro, sempre que passava algo referente na Globo, sempre verificávamos pra vê se não era a nossa peça, mas nuca vimos nada igual a o da

história que era muito bonita, que conta a vida dos negros aqui, que eles iam fugir, era “muito bonito”.

Foi daí que tudo começou e nós montamos o grupo, tentamos criar uma sede mas tivemos muitas dificuldades, pois na época o gestor não gostava da gente, por que falavam que éramos de um partido e do outro e era aquela coisa.

O material que foi construído o palco, nós pedíamos para o gestor naquela época, pra montarmos o nosso local e ele não deu, por esse motivo nós ficamos na rua, nos encontrávamos nas casas, hoje na minha, amanhã na casa de fulano e assim a gente sai, fomos pra Tomé-Açu, Concórdia, íamos em cima de caminhões pulando e foi uma história bastante gratificante.

E dai fomos crescendo o grupo, já veio mais pessoas novas, que são essas que estão recentes, o Chermont assumiu, foi quando eu amadureci e fui me casar e sai do grupo.

Hoje não sei como é que está, pois sair de Bujaru, voltei em 2015 pra cá, passei todo esse tempo fora e eu não sei como é que ficou. Eu tenho vontade ainda de participar, de ver como tá, de colocar umas ideias, ajudar dessa forma.

O teatro surgiu aqui em Bujaru desta forma, começou na paróquia, veio com o incentivo do grupo paroquial e nós fomos montando, pegando pessoas como Edna Jordão, a Zeth, o Dhoy, o Tangahá, Edson que também participava, tinha o Genivaldo, o Peruquinha, o Francisco Mata, Lair, era um agrupo muito grande, tinha o Agnor, o Alcindo que nessa época ainda era criança mas que participava e muitos e muitas outras pessoas que participavam, que se formos listra aqui iremos passar a noite e não conseguiremos listar todos que fizeram parte desse início de trabalho.

Hoje ficamos gratificantes porque vimos que vingou, sabemos que teatro é discriminado por muitas pessoas que dizem que é coisa de quem não tem o que fazer, mas eles não sabem qual a essência da coisa, qual é o objetivo, o que se passa tanto para o artista quanto para quem está assistindo, conheço pessoas que gostam de teatro que muitas das vezes trata como terapia. Tenho um amigo que às vezes me liga ou me passa mensagem: “olha, hoje estou naqueles dias e vou pro teatro, vou lá para o Waldemar Henrique ou então voou para o CENTUR ou então vou pra qualquer canto, vou assistir, preciso assistir uma peça de teatro, por que é pra mim acalmar”, então o teatro faz isso na vida das pessoas. Na minha não é diferente, eu não participava porque não estava na cidade, sempre morei no interior, que como falei no início, sou professor, hoje não estou nessa função, hoje estou na Administração pública mas não como professor, mas eu sempre gosto de assistir, ainda escrevo, continuo escrevendo historias, um tempo desse eu tinha (risos) um caderno que queimei, que tinha a minha

história, história da minha vida, que resolvi escrever mas depois queimei, me arrependi, mas já tinha queimado, lá em Curuçambaba onde trabalhava, trabalhei 4 anos como professor, lá teve um projeto que era da escola e a parte que me tocou, foi que eu estudasse o nome do Curuçambaba, nós escrevemos um livro, esse livro está lá na escola, está guardado, no dia da culminância foi uma coisa muito bonita, pesquisamos, corremos atrás de pessoas, foi um trabalho gratificante, que é isso que o teatro faz, que pra montarmos uma peça ou fazer uma encenação a gente tem que estudar bastante, correr atrás da origem e é isso que é gratificante. Por isso que as pessoas que gostam de teatro se dão bem, porque ela vai se alimentar daquilo, na maioria das vezes a gente esquece, deixamos passar e hoje estou lembrando dos momentos que passávamos de discursões, eu lembro que fomos fazer uma festa pra angariar fundos para o nosso teatro e que essa festa teve um sucesso razoável, mas que mais que tivemos uma perda muito grande, no outro dia o nosso professor de educação física, faleceu, morreu afogado aqui, ele não era daqui veio pra festa, ficou aqui na festa e quando foi no outro dia ele foi tomar banho no rio e morreu, isso são coisas que iremos lembrar pois fazem parte da história.

A gente fica muito gratificante, eu fico muito gratificante em poder está participando desse seu trabalho, por que é uma coisa que sempre te acompanho nas redes sociais, eu vejo lá, curto, de vez e quando dou uma coisinha lá (risos), por que a gente vê muitos lá no comentários criticando pelo fato de não entenderem o que você é, por que você está fazendo aquilo que você gosta e acha que que deve fazer, muitas das vezes as suas performances estão ali e não é não é nada pra querer aparecer nem pra iludir ninguém é uma forma de mostrar o teu trabalho e quem é você e o que você quer da vida, e isso é importante pra gente.

Que bom que seria se todo mundo pudesse ser livre, nós somos assim, nós somos livres, nós sabemos usar (risos) essa nossa liberdade. Dizemo-nos que que moramos em um país democrático, mas nós mesmos nos escravizamos porque vivemos dessa forma, vivemos presos por nós mesmos com nosso orgulho, essa nossa crítica.

O Grupo de Carimbó, o Grupo de Dança, as Quadrilhas, u gosto de conversar com as pessoas, gosto de dá as m minhas ideias, sou evangélico, como já falei, mas não é por sou evangélico que não irei fazer parte da cultura, não aceitamos participar das coisas que vai levar pro mal, vai fazer mal, mas aquilo que faz bem a gente tem que está apoiando, tem está ali incentivando, porque a cultura faz parte, não podemos fugir dessa nossa realidade, por que se formos querer viver como há 30 anos, não iremos sobreviver, não iremos andar dois passos, então temos que ser assim. Nós não criticamos as coisas e sim apoiamos, incentivamos por precisarmos disso.

Hoje que bom que seria que todos os jovens de Bujaru pudessem estar participando desse grupo de teatro, que não estaria de jeito que está o nosso município, estaria totalmente diferente, mas sabemos que quando se fala de teatro, encontra essa barreira aí, essa coisa de que são “um bando de pessoas que não tem o que fazer, que não sei o quê, que ali são desocupados”, mas sabemos que não é por aí. Então essa é a parte que eu lembro, das datas eu não me lembro, mas faz bastante tempo que isso começou, hoje tenho 52 anos, então eu era adolescente já um bocado de anos atrás (risos) e a gente não esquece de vez em quando eu até sonho com aqueles momentos bons do que a gente plantou.

Lembro que nós fomos (riso) pro Curuçamba apresentar uma vez o grupo de teatro (risos), porque essa peça rodou muito ela foi muito solicitada, e a gente foi e na volta o barco ia lá em cima e caía, era grito, era muito (risos) foi muito bom. A gente fica muito gratificante (risos) tinha até de dá apelidos dos personagens da peça para as pessoas do grupo, a nossa coordenadora, que já é falecida, Prof.^a Benedita (in memori), nos chamávamos de Inhaquerina, que era uma personagem da peça (risos), a gente a chamava assim e morreu sendo chamada assim por nós do grupo, isso era muito bom.

Então é isso o que tenho pra falar, se eu lembro de mais algo, algum momento a gente chama pra falar de novo.

Eu agradeço as suas memórias, esse registro e assim, eu só queria tirar mais algum coisa sobre esse momento, se lembra de quem ele chamou pra participar do grupo?

Pois é, lá quando a gente veio nesse processo da paróquia, fomos nós mesmos que tivemos a ideia, não foi ninguém que disse “olha vocês precisam” não, “bora fazer uma peça? Vamos” e naquele grupo que estava lá Zeth, eu, a Edna, a Edna que era principal, Juarez, “vamos fazer, vamos montar na peça aqui”, tinha um evento que não me lembro o que era só sei que era da paróquia que reunia, Concórdia, Tomé-Açu, pessoal de Abaeté, eu lembro que nessa época que tinha lá, e foi assim, não foi assim que ninguém que disse.

Já “O Povo Vai a Praça” não, foi a Secretaria de Cultura ou de Educação, que não me lembro se tinha secretaria de cultura nessa época, que disse assim “Oh, já que vocês têm esse grupo, que vocês se reúnem e fazem teatro, vocês têm que criar um nome, tem que até registrar, mas nessa época era complicado, que é pra vocês poderem participar do Projeto”. Aí que a gente ganhou, nos fomos pagos também por causa dessa apresentação, a gente fez na época foi a primeira vez que eu, nós falamos para uma plateia, que acho que tinha umas 3.000 mil pessoas, na época era na praça mesmo. Silvana: foi aonde mesmo esse evento? Antônio Carlos: Foi lá aonde hoje é aquela área na frente da paróquia, que era o parquinho, o palco era

na praça e aquela área todinha estava tomada de gente, então era, porque o projeto era na praça mesmo, então era um palco muito grande e a gente se apresentou ali.

Então foi a primeira experiência que a gente teve, nesse outro tinha pouco gente, na faixa de 200 a 300 pessoas, que era dentro do Martin Melo, aonde é o mercado hoje lá em cima, mas esse foi o primeiro e o de Tomé-Açu agente também se apresentou para a plateia bastante grande, que foi na associação dos japoneses, a gente foi lá, nessa época o Chermont que era o responsável pelo cenário e lá tinha bastante espaço pra fazer, a gente dividiu o palco nas três partes que a gente ia usava, por que nas outras a gente “desmonta, corre, vai e tal” e lá a gente já tinha esse espaço, foi bom.

É por aí, que eu lembro dessa parte, foi assim, fomos nós eu e a Edna Jordão, que tivemos a ideia e começamos, o grupo era bastante unido, a gente colocou em prática.

Você falou um pouco sobre o figurino, os textos, as apresentações de vocês em outros lugares, aí um pouco já puxando para seu pessoal assim, qual a importância para sua vida de ter feito teatro? O senhor já falou um pouco no início, mas queria reforçar um pouco disso, para você ter participado, ter tido acesso a essa arte, de ter feito parte de um grupo, você considera que isso contribuiu positivamente pra sua vida?

Sim, claro! Hoje sou o que sou devido o teatro, assim como falei para você, eu gosto de escrever, eu não sou muito de ser ator, de atuar, mas de escrever, eu que escrevia parte de todos os, tipo assim, na paróquia, ah vamos lá escrever, precisa fazer, aí eu ia pra bíblia, ia ler a bíblia e ia montando as falas, eu fazia sempre. O texto do “O Povo Vai a Praça”, eu escrevia e depois a gente deu pro Tangahá, acho que ele levou pra Belém e foi ele que fez a patê final, mas o, vamos dizer aqui, o grosso foi parte da gente, o que ele colocava lá, foi colocar dentro dos padrões, que na realidade a gente foi conhecer um pouco no projeto, nos fomos pegar um treinamento de uma semana com técnica e prática também, a gente pegou. E gratificante porque se hoje eu tenho essa desenvoltura, que eu não sabia falar um pouco, mas agora falo até demais (risos) é por causa disso, porque é necessário, quem participar dessa desenvoltura, precisa esquecer a timidez, não tem que ser tímido. Então, pra mim, foi essencial, hoje na minha vida é usada, por que hoje eu estou em um trabalho na igreja com grupo, eu preciso da palestra, eu dou palestras muito pra casais, então a gente precisa, e isso tudo o teatro que me ajudou a fazer, até na forma que você, conforme o assunto que você vai dá, você vai tá com a postura (é uma performance) é uma performance, que você tem que está, e isso me ajuda bastante, então conforme aquele momento a gente está ali, quando é sério a gente tá sério,

quando é pra gente tá palhaço a gente tá palhaço, quando a gente tá mais sei lá, de qualquer forma, isso o teatro me ajudou muito, bastante.

De vez em quando, é o único certificado que tenho que guardo com bastante carinho é ele, inclusive no meu último, concurso não, é processo seletivo eu inclui ele, há não precisa, mas eu vou incluir ele porque eu nunca coloco e ele fica sempre esquecido lá (risos), aqueles que não usam ,então colocar ele quem sabe não ajuda (risos), então a gente colocou , por que é uma coisa bastante gratificante, então teatro hoje, eu digo que 60% do que eu sou hoje ele tem culpa disso.

É uma das, assim particularmente para mim, foi uma das coisas que me fez me encontrar na vida. De entender o que estou fazendo, o que quero da minha vida, muito por conta da faculdade assim porque também quando eu entro na faculdade, foi assim na coragem mesmo, eu não sabia muito, fazia, gostava, mas como diversão mesmo, mas me encontrei exatamente nesse curso. Eu agradeço a sua atenção, a gente está nesse projeto de escrever um pouco sobre essa história da arte teatro em Bujaru e ai eu pretendo ainda esse ano apresentar essa pesquisa e vou lhe chamar, se Deus quiser, para ler depois o meu trabalho.

Com certeza, tá bom? Eu agradeço. Eu não vou nem dizer assim que eu quero, eu exijo (risos).

Está bom, eu tenho um sonho de entregar um exemplar na biblioteca, na secretaria de cultura e deixar aqui como gesto de gratidão também pela história do grupo, do teatro aqui em Bujaru. Eu agradeço, então espero que a gente possa se encontrar logo, pra vê essa.

Se você precisar de alguma coisa. Quando a gente começava a varrer, aí eu lembro, isso aqui eu nunca me esqueço de que era a fala do Seu Neco: “E Deus, cadê ele?” (risos), ninguém aguentava, a gente tinha que estar bastante sério pra aguentar, a forma de como ele falava, era coisa, essa fala eu não me esqueço nunca. Eu acho que eu era o principal, eu não lembro mais como era que eu. Eu sei que eu morria no final, fazia o meu enterro, aí no final era a Rosangela que encerrava com uma poesia.

Apêndice D: Entrevista - Keila Silva da Silva

LIVE BOM INTENTO ELENCO - HISTÓRIAS E MEMÓRIAS, realizada em 21/08/2020.



Comecei no grupo teatral Bom Intento através da Paixão de Cristo, foi uma das apresentações que me chamou atenção e que me trouxe para o grupo, depois disso eu pensei que seria assim uma coisa assim passageira, aquela coisa de momento, mas eu vi que foi uma coisa que me chamou muita atenção e fez eu me apaixonar a ponto de ficar esse tempo todinho no grupo, mesmo quando a gente sem atividade mesmo tendo cada um de certa forma seguindo um caminho. Eu me formei em Agronomia, vocês estão se formando na área mesmo. Outras pessoas se formaram em dança, uns se formando em Biologia. Mas o teatro sempre presente, porque através das apresentações a gente acaba ficando um pouco mais solto para apresentar, as atividades na faculdade e tudo mais e foi mais ou menos isso. Me lembro muito das nossas dificuldades sobre os ensaios que a gente teve muito, eu lembro que a gente foi expulso de um espaço que a gente ensaiava, aí tivemos que ensaiar no cais para a nossa primeira apresentação no Teatro da Paz, mas a gente foi com unhas e dentes mesmo com todas as dificuldades a gente foi e mostrou que mesmo no improvisado um pouco em cima da hora, mas nos sempre honramos nossos compromissos.

Qual o local que o grupo se reunia para ensaio?

No início nós ensaiávamos muito no salão paroquial, depois do salão paroquial a gente começou a ir lá para o cais, ensaiávamos no cais, depois do cais a gente conseguiu um espaço no Colégio São Joaquim, foi cedido um espaço para a gente ensaiar onde a gente ficou um bom tempo, até nas últimas atividades que a gente teve foi lá. Depois disso aí o pessoal saiu para estudar, o grupo acabou dando aquela dispersada.

Quais os espetáculos assim que você participou?

O que eu mais participei foi o espelho da noite, que é um carro chef do grupo, depois desse eu participei do da “menina abusada”, Bom Intento conta zumbi e da Paixão de Cristo. Teve um ano que a Paixão de Cristo, foi aquele percurso que foi na rua, foi feito todo aquele trajeto que para mim foi um dos melhores espetáculos que tivemos fora o de Santana, (na localidade de Santana) a apresentação de Santana foi belíssimo e marcou a vida de todo mundo que participou de ano.

Eu lembro que para a comunidade Santana, nós resolvemos levar a apresentação para lá porque, se iniciou um processo de estudo da igreja, pelo IPHAN foi nesse período que conheci a professora e arquiteta Cláudia Gomes que fez sua tese de doutorado sobre essa igreja de quase 300 anos e queríamos então fazer a peça lá nesse lugar onde iniciou a cidade de Bujaru na Vila de Santa Ana. Eu identifico também que o grupo fez e faz parte da vida de muitos jovens; estamos na segunda geração de jovens a frente do teatro em Bujaru, já se encaminhando para a sua terceira geração, que através de novas pessoas que chegam no grupo dar-se continuidade a esse movimento de idas e voltas passagens como o movimento do rio mesmo, muitas pessoas mergulharam, outras só molharam os pés e outras só admiraram em movimento teatral do Grupo de teatro. Mas é impossível negar a história e trajetória desse grupo e toda sua participação através da arte na sociedade bujaruense. Então, um dos espetáculos que o grupo mais montou foi à Paixão de Cristo e nesse fazer teatro é muito comum em grupos de o interior iniciar com essa vertente de teatro que hoje academia identifica como teatro litúrgico, surgindo nas igrejas, templos e comunidades religiosas, na história do Grupo bom intento não é diferente. O que é muito comum em cidades do interior é que se faça o teatro da Paixão de Cristo. Nas grandes cidades e capitais como Belém, geralmente existem muitas outras companhias apresentando-se em grandes teatros e casas de apresentação. Mas no interior o comum é que pessoas e grupos que são ligados muitas vezes a comunidade religiosa e que ajudam a preparar nessa montagem da peça no período da Semana Santa. Então foi com esse sentimento de que a vila de Santa Ana foi a primeira sede de Bujaru e querer que ali na comunidade tivesse esse registro do grupo se apresentado também nesse local nos pudéssemos estar reencontrando essa plateia que são nossos próprios familiares, amigos pessoas que convivem conosco e que talvez ainda não houvessem visto em pessoas como a Keila, o Chermont ou a Silvana em cena. Então o grupo leva o espetáculo para esse circuito em várias comunidades. Então, em 2010 foi quando nós conseguimos aprovar um projeto no Edital da Funarte Microprojetos Mais Cultura — Amazônia, pelo ministério da Cultura. O projeto era do grupo mais foi eu que emprestei o nome como proponente e o projeto era o “Circuito Espelho da Noite” valor de 12 mil reais. Então deu um fôlego novo para o grupo nós conseguimos comprar, alguns equipamentos de luz, som, material de maquiagem, figurino, cenário. Fomos apresentando o espetáculo do Espelho da Noite em várias comunidades de Bujaru, até em comunidades fora de Bujaru como na comunidade quilombola de Itacoã na alça viária já pertencente ao município de Acará/PA.

Pra gente chegar lar, nos passamos uma dificuldade muito grande, porque uma das maiores dificuldades do grupo sempre foi o transporte. Pra chegar até a vila de Itacoã a gente foi em um carro clandestino até a estrada da Alça viária, de lá foi que a gente pegou outro carro pra chegar até a comunidade.

Nesse dia/ nós saímos de Bujaru pela estrada de chão que inicia no km 26 da PA 140 em Bujaru e até a alça viária são uns 45 kilometros até a entrada na estrada da Alça no km 24 e era inverno a estrada estava terrível de lama, inclusive até ficamos atolados com o carro na volta.

O ônibus tinha ido buscar a gente lá a noite e nós tivemos que dormir no meio da estrada porque tinham dois caminhões atolados na estrada, nós tivemos que passar a noite lá esperando o trator vim resgatar a gente. Mas o retorno que tivemos da comunidade lá em Itacoã foi pra os tão gratificante que valeu a pena todo o sufoco que passamos, não tinha um local para dormir, uns dormiam no ônibus outros embaixo de uma arvores na beira da estrada. [...] de todas essas apresentações não têm nenhuma que não tenha uma história assim de aventura (risos). Até para sair de Bujaru para ir apresentar em Belém que é mais fácil o transporte sempre havia esse sufoco, ou era pelo transporte ou alguém do grupo que se perdia ou sumia e a gente ficava desesperado atrás e sempre teve essas histórias (risos).

Me conta um pouco sobre cachê, como era o cachê no grupo?

Bom isso aí, o nosso cachê era só a diversão, porque financeiramente quando íamos para Belém a gente mesmo dava um jeito de pagar as nossas passagens e a gente sempre fez teatro por amor não por questões financeiras, pois financeiramente o nosso grupo sempre foi na raça, na garra porque não dava para contar com dinheiro. As vezes nos ganhávamos, frutas, (risos) uma vez a gente ganhou frutas sentados lá na frente do Waldemar Henrique, alguém deu magas ou quando já estávamos no ônibus voltando alguém deu tucumã, era assim.

É interessante ver as características dessa companhia desse teatro é um grupo que vai levar a arte/teatro para comunidades, rurais mas que também é um grupo que se apresenta e participa de vários festivais na capital Belém e outras cidades, e a pesar de sermos um grupo de Bujaru, um município pequeno um poço distante dos centros urbanos, nós somos um dos poucos grupos dessa região que já se apresentou em diversos teatros como: o Teatro da Paz, o Teatro Margarida Schivassapa, Teatro Waldemar Henrique, Teatro Gasômetro, o teatro Cláudio Barradas da Universidade, em festivais e eventos de teatro e até na Praça da República mesmo em Belém.

Em Bujaru nós nos apresentamos muito na praça, isso sempre, também já apresentamos diversas vezes, no auditório da prefeitura, no ginásio.

A importância do teatro nas tuas escolhas profissionais o grupo de alguma forma te motivou a buscar fazer uma faculdade algo assim?

Sim; porque foi através do grupo que eu conheci uma pessoa que hoje não faz parte do grupo, mas através dele que eu conheci a área que hoje eu sou formada que é agronomia. E eu agradeço muito a ele, que foi quem me incentivou muito e talvez se eu não tivesse entrado pro grupo, não o tivesse conhecido hoje eu não poderia dizer que sou engenheira agrônoma. Então as vezes eu saía, mas cedo da aula para ir ver as apresentações do Bom Intento. Quando foi no Teatro da Paz eu disse essa eu não posso ficar de fora. Eu matei uma aula para eu ir para lá, pois assim como eu dava importância pros meus estudos eu nunca larguei de mão o grupo por conta disso, pois foi através do grupo eu fui pra lá. E o Bom intento tem isso de sempre motivar a gente a nunca desistir e sempre buscar aquilo que a gente quer. Por que olha só quem conviveu só quem viveu e vive a realidade do bom intento sabe que não é tão fácil assim. As vezes as pessoas veem a gente por aí, veem a gente apresentando, já viram nossas apresentações nesses palcos de teatro por aí, levando o teatro, mas não sabe de todas as dificuldades. Que muitos se chegasse a passar pela metade das dificuldades que a gente já passou, teria desistido e talvez isso me incentivou bastante a não desistir na minha vida profissional, porque ele me fortaleceu mais o teatro em si, acabou me fortalecendo para eu enfrentar as dificuldades que encontrei para me formar.

Apêndice E: Entrevista - Jucelaine Silva dos Santos

LIVE BOM INTENTO 21/08/2020



Assim, nós conheceremos também o relato da Jucelaine Silva que já falou nessa pesquisa sobre o teatro de boi Bumbá em Bujaru, através da sua pesquisa de TCC pela graduação em dança na ETDUFPA e agora relata sobre a sua participação como atriz na Cia Bom Intento.

Eu gostaria assim de dizer que Juh é a nossa professora de dança da companhia ela que fez ETDUFPA, eu também faço ETDUFPA juntamente com Bento Henrique e com o Jonilson, nós somos o pessoal do Bom Intento na universidade no curso de teatro ocupando esses espaços. Me conta sobre essa tua participação com no teatro o que te motivou a entrar para o grupo e depois a importância disso na tua vida.

Primeiro que essa Live tá me trazendo muitas recordações lá de trás, do início da Cia. Eu conheci a companhia mais ou menos em 2007 quando eu participava da PJ. Pastoral da juventude na igreja católica em Bujaru, aí a Silvana que também nessa época era da PJ, então ela disse assim: “Juh, tu queres participar da Paixão de Cristo?” E eu meu Deus! Eu nunca fiz teatro na vida, será que vou me meter nisso?, Vou né, por sou artistas (risos) então eu fui conhecer a galera, o Chermont se apresentou como diretor do espetáculo e comecei a interagir com a galera, saber como eram os ensaios como era para conhecer o texto e para mim foi muito gratificante, eu escolhi logo a cena, que não tinha muitas flash, pois eu tinha muita vergonha, ainda tenho muita, mas... e eram as cenas das mulheres que choram, e o que o Chermont fez, nosso diretor? Disse tem que chorar. Eu meu deus do céu, como vou fazer isso? Acabou que foi então a gente fez oficinas onde assistia vídeos da Paixão de Cristo, começou a ver várias cenas de emoção e na oficina tinha que correr, parar, passar em baixo de uma cadeira, então mana foi tenso, mas foi. Daí por diante eu fui trabalhando isso e consegui adquirir, fazer com que meu corpo se entregasse a atividade que é fazer teatro porque eu comecei muito crua, e acabei saindo de lá com um apanhado de várias coisas, com relação a arte a dança, e já fui para o canto do Guará que é um grupo de danças aqui do município também e vi que eu queria isso para a minha vida. Ser artista, fazer arte e ser quem sou hoje, ter uma construção do meu corpo como de artista e seguir isso para a vida. E eu nunca imaginei que através do Bom Intento eu fosse apresentar no Teatro da Paz. Gente! Isso para

mim foi maravilhoso, poder ta apresentam no maior teatro aqui do estado, um teatro maravilhoso incrível. As experiências foram ótimas também desde as mulheres que choram eu fui ser Maria na Paixão de cristo depois eu fui o demônio na Paixão de Cristo.

Então essa é outra característica do grupo em que a gente tenta, e se não consegue totalmente, mas um dos maiores objetivos sempre na montagem é que todo mundo conheça todo texto, todas as falas dos personagens, porque as vezes um ator precisa ser substituído ou falta. Houve uma vez que eu nós íamos nos apresentar no Teatro Waldemar Henrique e eu estava trabalhando e não conseguiria chegar a tempo, então eu fiquei triste por não poder apresentar, mas estava tranquila porque sabia que a Juh estava pronta para me substituir na cena, uma vez que ela também conhecia toda a sequência e o texto. Então tinha uma pessoa fazendo assim como outros do grupo poderiam fazer a cena. Então me conta Juh sobre a importância dessa participação no grupo e como ta a tua vida hoje fora do grupo Bom Intento?

Bem gente hoje eu sou formada em licenciatura em dança pela UFPA e me vejo como essa artista experiente e estar no teatro foi muito importante para a minha formação enquanto artista, para executar várias formas de fazer arte e levar essa arte para meus alunos. E no interior a gente teve muitas aventuras com o Bom Intento, (risos) e eu sou muito grata por tudo isso, eu acho que nós somos artistas da terra e mesmo que em Bujaru hoje não tenha tantos eventos culturais, mas nós artistas estamos aqui. Nos podemos estar hoje reunidos e montar um espetáculo e levar lá pra praça e apresentar, como a gente já fez diversa vezes. Uma coisa que eu também lembro que a Paixão de Cristo na última vez que fizemos na cidade, ela foi na rua e no último ensaio nos fizemos por volta de 23:00 da noite e sério gente, tinha muita gente e muita gente acompanhou e já se emocionava e gritava, Jesus. Então tem muita a participação da comunidade é incrível. Só gratidão.

É muito bom ver como o teatro movimenta a cidade nesse período é interessante ver a participação do povo nesse período. Então, você é um dos primeiros artistas que começa com esse movimento de teatro com o Grupo Bom Intento. A forma de fazer teatro era de forma empírica dentro da região o que a gente fazia, e quando surgiu o povo vai a praça esse grande projeto do governo. Chegou na secretaria de educação uma pessoa do estado e nesse momento nós estávamos na biblioteca, fazendo pesquisa, e nesse momento Bujaru já me reconhecia, eu era o pintor, um cara que desenhava, e me apresentaram para a pessoa, e a primeira oficina que me veio naquele momento foi fazer teatro. A

primeira oficina muito importante que inicia todas as diretrizes do que vai ser isso aqui. [...] nesse momento três oficinas tinham sido contempladas, teatro, artes plásticas e de dança. E aí é um resultado muito bom. A tia Bené ela fez artes plásticas e eu não entendi o que era aquilo [...] ela pintou e o oficinairo naquela época disse que era um belo trabalho.

Cheguei, assim com a tia Bené. Bem, então faze teatro para mim é um grande sorriso. Então para mim em 1992 começa tudo, nós não tínhamos muito noção o fazer teatro, esse resultado dessa oficina que foi com o João Queiroz, e depois vem a oficina com o Ramon Stergmam, O Ramon veio para visitar o Bom Intento em Bujaru, ele visita esse local e se idêntica com esse cenário, e ele ver o nome par instituir o nome do grupo, e pelo bom intento ter sido esse palco. Ele explica que o nome Maromba que é o grupo dele tem esse nome por conta de a ma romba ser uma espécie de palco onde os colonos do Marajó colocam os bichos, gados durante a cheia do rio e aquilo fica como que um palco e através desse olhar artístico ele puxa essa poética para que nós após a oficina possamos dar o nome bom intento para o grupo. A partir daí surge o nome Grupo de teatro Bom Intento hoje Cia de Teatro Bom Intento, com uma nova postura, vem aí a terceira geração que se inicia após esses mais de 28anos de toda essa trajetória. Na terceira geração nos conseguimos chegar até a formação e qualificação e perfeição da pessoa, das pessoas que partiram disso, e essa perfeição se dar quando essas pessoas se dedicam a isso e chegam a universidade, para continuar esse processo com a formação para poder formar outras pessoas e então se dedicar a essa formação de professores e isso é um sonho realizado dentro do grupo, chegar na terceira geração e garantirmos para a nossa comunidade que nós temos pessoas com capacidade hoje de formação para essas pessoas, esse legado se dar por esse movimento, não é meu legado, não, é um legado que vem da igreja, do padre Basílio, da professora Bené da professora, Emilia da mãe do Jader, do Sr. Marreta, da dona margarida palheta. Então é isso que é existencial.

É um legado comunitário. Nós somos a comunidade, nós movimentamos uma linguagem, mas é dentro de uma comunidade. Então se nós olharmos hoje para trás, olhar pra nossa história iremos ver quem eram as pessoas que organizavam as práticas artísticas em Bujaru, vemos que era a própria comunidade. É um teatro, mais teatro de comunidade. Um teatro comunidade e o mais importante de uma linguagem própria, a gente começa a lapidar isso para ter esse resultado dentro da escrita, hoje a universidade vai ter um livro falando disso. Então isso é importante pro município, pra nós da comunidade, esse cortejo, essa procissão que caminhou até esse grande altar que é o teatro da Paz. Isso para mim, quando eu fui pela primeira vez ao teatro da paz eu fui só, mas naquele momento o Ramon disse Chermont os

personagens que eram do grupo bom intento tu vais ter que assumir. E eu tive que me tornar o grande coringa daquele espetáculo na época chamado: Boto Tucuxi [...]. Mas, o mais importante é que nesse momento eu fui só, mas depois eu voltei com um grande elenco, eu não fui, mas só, nos voltamos 6 vezes ao teatro da paz, e isso é uma conquista maravilhosa dentro de vários projetos, que foi desencadeado dentro da linguagem, então assim levar um grande elenco eu fui como ator e voltei como diretor de um grande elenco, e dizer a capacidade de cada um dentro dessa modalidade específica. Eu não tenho uma nota a dedicação pessoal de cadê um é importante no processo.

As viagem, passar fome, o banho que não era legal, então passar por tudo isso é uma prova de vivência. Eu concluo assim a dizer que um pouco dessa história a vida é mais importante, e a gente trabalha para viver e vive com a alegria. E nossa alegria está no palco.

Apêndice F: Entrevista - Suelayne de Oliveira Faro

LIVE BOM INTENTO 21/08/2020



A minha participação não é diferente de todos vocês, então tudo começou na igreja, encontro de jovens, a PJ. A gente fazia a dramatização do evangelho todos os domingos. Um belo dia o Chermont, o descobridor de talentos de Bujaru, ele me convidou para fazer parte do grupo. Se eu não queria tentar participar de oficinas que estavam para ser realizadas aí na cidade, então eu aceitei acho que tinha de 11 a 12 ano [...]. Então, comecei fomos pra Paixão de Cristo começamos com a

Paixão de Cristo também, na rua eu era a Marta, daí a gente partiu para as oficinas, tive oficina com o Ramon Stergman, com Edson Chagas também. Daí eu senti, percebi o quanto que eu amava dramaturgia o quanto que eu amava o teatro, e onde eu percebi que eu poderia chegar muito além que eu imaginava. Se bem que na nossa estreia como atores, eu como atriz o Rogério, um pessoal na época, nós fizemos uma participação na Amostra do baixo Tocantins em Barcarena, e a gente estava com o espelho da noite, do Ramon, e olha que na apresentação tivemos uns erros em cena tivemos umas falhas, mesmo assim a gente não deixou a peteca cair. Mas no final do espetáculo, eu lembro bem até hoje o Ramon Stergman chamou a gente e deu uma grande bronca, falou que a gente tinha sido péssimo, falou que eu tinha estragado com o trabalho dele, nossa ele descontou, ele falou muito, e assim pra gente, que estava começando, aquilo eu fiquei caramba foi muito ruim só que tinham as meninas, pessoas do grupo dele na época, e disseram não, mas ele quando gosta, ele não elogia, ele esculacha mesmo, ele não dá ibope para ator não se unir. Relaxa não fica assim. E eu desesperada chorava, chorava. Eu lembro que a gente pediu: “Chermont a gente vai embora a gente não quer ficar mais aqui”.

Só que a repercussão do espetáculo, com o pessoal que estava ali, todos os outros grupos, com todo mundo foi incrível, todo mundo elogiando a entre os outros grupos, elogiando. Então a gente, se perguntou; e agora a gente vai ou não vai. Aí eu lembro que pediu para mandarem o ônibus pra buscar a gente e o Chermont e o Habibe Maciel, ficaram lá esperando o resultado do festival. O grupo ganhou como melhor espetáculo, direção e melhor atriz. [...] foi o auge, o eu continuar, não desistir. E assim, todas as dificuldades que vocês encontram hoje aconteciam da mesma forma.

Não tínhamos espaço para ensaio como não tem hoje, não tínhamos equipamento, nós não tínhamos incentivos, figurino, a gente tinha um saco preto com as mesmas roupas de sempre. A gente ia para os lugares e as vezes não tinha nem transporte, ninguém cedia um ônibus para levar a galera. Não sempre, mas às vezes isso acontecia e a gente falava, não, mas a gente vai. Junta um daqui puxa um dinheiro aqui outro ali, mas o Chermont ele pegava o salário dele, a maioria não tinha salário que a gente era tudo adolescente, e vambora, tem dinheiro da passagem e tem pra comer PF. Pegava aquele saco preto, entrava na balsa com aquele monte de saco preto. Para pegar o ônibus La do outro com um monte de cenários artesanais que o Chermont criava, [...] as pessoas olhavam, quem são essas pessoas? com um monte de saco preto, de lixo. E a gente indo lá, atravessar para ir em busca de fazer nossa arte. E aí participamos de outros festivais, participei de um espetáculo que eu gosto de mais, na época conseguia até a dar cambalhotas, mas agora eu saio rolando, mas o “quem somos nós? Eis o enigma que nos cabe decifrar, e em cena eu conseguia colocar as minhas loucuras e as do morto, e as loucuras do Chermont, e assim Eu o Rogério o nosso grande amigo pena que deus o tenha, esse homem vai ficar marcado, pra sempre, na história do grupo, não só como ator mas como, amigo, como a pessoa que ele sempre foi, e assim tinha a Anna Correa também, a Jamile cruz, então era uma galera assim que a gente metia as caras e ia.

Apêndice G: Entrevista 7 - Jonilson Lino Rodrigues
LIVE BOM INTENTO 21/08/2020



Eu conheci o grupo através do Rogério Lino eu participava de um programa social, (PET). Então o Rogério, o Chermont, sempre foram pessoas que trabalhavam na Sec. de Promoção Social. E aí o Rogério Lino percebeu que eu tinha algumas delimitações; eu era muito tímido, retraído, eu tinha uns certos tabus era travado. Então, ele perguntou se eu conhecia o grupo de teatro bom intento, eu falei que não e ele me convidou para participar da montagem cênica da Paixão de Cristo. Então, através do Rogério eu entrei no grupo e lá vocês perceberam que eu era muito retraído, tímido então eu fui percebendo que o grupo de teatro foi fazendo eu me desenvolver, crescer como pessoa e hoje me tornado professor. Através do teatro eu vi outras possibilidades, comecei fazendo uma faculdade, fui fazer direito, mas não me identifiquei [...] e o teatro ele foi para mim uma libertação, me libertou para muitas coisas, pra minha prática de pensamento pra minha prática crítica e olhar o teatro com um olhar mais carinhoso um olhar que tenho de inclusão. Então, eu estou indo fazer o teatro de outras vertentes e colocar pessoas que vivem na margem junto com a gente. Esse olhar durante a faculdade, durante estar nesse processo investigativo, fazer esses processos e antes de entrar na universidade. Eu já comecei a me identificar com dramaturgia, algumas a concepções cênicas, e aí meio que eu me adentrei no “Carro dos Milagres”, que é uma dramaturgia que a gente foi organizando adaptando a obra do Benedito monteiro para essa pegada paraense com esse olhar poético, imagético para essa concepção. Porque o Chermont queria muito fazer um espetáculo que fosse essa pegada bem paraense. No espelho eu nunca fui convidado, inclusive a minha crítica para o Bom intento (risos) eu só entrei no espelho da noite porque a oração foi saindo, saindo e tipo assim olha sobrou pra ti agora tu entra (risos) aí eu fui entrando, mas antes disso eu nunca fui convidado para um personagem principal eu era só figurante.

Nessa fala eu gostaria de ressaltar uma outra característica desse trabalho social do grupo de observação captação de identificar na comunidade pessoas, jovens adolescentes que as vezes ninguém imagina ver num palco fazendo teatro mas que a gente pudesse de certa forma estar auxiliando nesse desenvolvimento pessoal e o Jonilson foi assim. Então na época em que ele entrou no grupo ele era da turma do PET, pela Sec. de promoção

Social, então ele não tinha conhecimento sobre teatro e era mesmo muito retraído e tímido e o teatro ajudou muito ele nesse desenvolvimento pessoal e hoje estar se tornando um excelente professor de teatro também pedagogo trabalhando o teatro inclusão na escola, tornando se a profissão dele. Ele também escreve ajudou adaptar a obra do carro dos milagres para o texto teatral que a gente apresentou em Tomé Açu no Festival de teatro da FACES 2014 e no Margarida Schivassapa. Jonilson fala um pouco então desse processo de construção dessa dramaturgia.

Bem começou assim, o Luan Nunes, emprestou o livro, através da leitura do livro eu fui construindo as cenas, mas elas eram soltas, precisava organizar no formato de dramaturgia cênica, então eu fui pedir a ajuda de uma professora de português, ela pediu para não identificar ela. então não vou falar nome, mas ela ajudou a montar o texto, e agente foi construindo todo o roteiro as ações, sonoplastia como ia ser, estudar as sonoplastias para cada cena e a gente conversando com o Chermont para ir fazendo a parte cênica parte de direção para ver se ele acatava, e o Chermont falou ta faltando um ponto, a personagem vó, quem é a vó na história? Então foi pensado na tia Bené, e ele disse falta o pensamento da avó, então eu falei. Eita, Chermont então a vó ela pode fazer uma escrita livre, falamos com ela e foi o que ela fez, mas no texto ela começou a devanear quando ela me entregou o texto dava 5 folhas, [...] e eu olhei vi que era muito disse vamos enxugar? Então fizemos um resumo e encaixamos no texto.

Apêndice H: Entrevista 8 - Raimundo Chermont Ferreira
LIVE BOM INTENTO ELENCO 21/08/2020



Então você é um dos primeiros artistas que começa com esse movimento de teatro com o Grupo Bom Intento. Era de forma empírica dentro da região o que a gente fazia, esse é o princípio, e quando surgiu *O Povo Vai A Praça* esse grande projeto do governo. Chegou na Secretaria de Educação uma pessoa do Estado e nesse momento nós estávamos na biblioteca, fazendo pesquisa, e nesse momento Bujaru já me reconhecia, eu era o pintor, um cara que desenhava, e me apresentaram para a pessoa, e a primeira oficina que me veio naquele momento foi fazer teatro. A primeira oficina muito importante que inicia todas as diretrizes do que vai ser isso aqui. [...] nesse momento três oficinas tinham sido contempladas, teatro, artes plásticas e de dança.

E aí é um resultado muito bom. A tia Bené ela fez artes plásticas e eu não entendi o que era aquilo [...] ela pintou e o oficineiro naquela época disse que era um belo trabalho.

Bem, então fazer teatro para mim é um grande sorriso. Então, para mim em 1992 começa tudo, nós não tínhamos muito noção o fazer teatro, esse resultado dessa oficina que foi com o João Queiroz, e depois vem a oficina com o Ramon Stergmam, O Ramon veio para visitar o Bom Intento em Bujaru, ele visita esse local e se identifica com esse cenário, e ele ver o nome par instituir o nome do grupo, e pelo bom intento ter sido esse palco. Ele explica que o nome *Maromba* que é o grupo dele tem esse nome por conta de a maromba ser uma espécie de palco onde os colonos do Marajó colocam os bichos, gados durante a cheia do rio e aquilo fica como que um palco e através desse olhar artístico ele puxa essa poética para que nós após a oficina possamos dar o nome Bom Intento para o grupo. A partir daí surge o nome Grupo de teatro Bom Intento hoje Cia de Teatro Bom Intento, com uma nova postura, vem aí a terceira geração que se inicia após esses mais de 28 anos de toda essa trajetória. Na terceira geração nós conseguimos chegar até a formação e qualificação e perfeição da pessoa, das pessoas que partiram disso, e essa perfeição se dar quando essas pessoas se dedicam a isso e chegam a universidade, para continuar esse processo com a formação para poder formar outras pessoas e então se dedicar a essa formação de professores e isso é um sonho realizado dentro do grupo, chegar na terceira geração e garantirmos para a nossa comunidade que nós temos pessoas com capacidade hoje de formação para essas pessoas, esse legado se dar por esse movimento, não é meu legado, não, é um legado que vem da igreja, do padre Basílio, da

professora Bené, da professora Emilia da mãe do Jader, do Sr. Marreta, da dona Margarida Palheta. Então, é por isso que é existencial. É um legado comunitário. É um legado comunitário, nós somos a comunidade, nós movimentamos uma linguagem, mas é dentro de uma comunidade. Então, se nós olharmos hoje para trás, olhar pra nossa história iremos ver quem eram as pessoas que organizavam as práticas artísticas em Bujaru, vemos que era a própria comunidade. É um teatro, mas teatro de comunidade.

Um teatro comunidade é o mais importante de uma linguagem própria, a gente começa a lapidar isso para ter esse resultado dentro da escrita, hoje a universidade vai ter um livro falando disso. Então isso é importante pro município, pra nós da comunidade, esse cortejo, essa procissão que caminhou até esse grande altar que é o teatro da Paz.

Isso para mim, quando eu fui pela primeira vez ao Teatro da Paz eu fui só, mas naquele momento o Ramon disse, *Chermont os personagens que eram do grupo Bom Intento tu vais ter que assumir*. E eu tive que me tornar o grande coringa daquele espetáculo na época chamado: *Boto Tucuxi*. [...] mas o mais importante é que nesse momento eu fui só, mas depois eu voltei com um grande elenco, eu não fui mas só, nós voltamos 6 vezes ao Teatro da Paz, e isso é uma conquista maravilhosa dentro de vários projetos, que foi desencadeado dentro da linguagem, então assim levar um grande elenco eu fui como ator e voltei como diretor de um grande elenco, e dizer a capacidade de cada um dentro dessa modalidade específica. Eu não tenho uma nota a dedicação pessoal de cada um é importante no processo.

As viagens, passar fome, o banho que não era legal, então passar por tudo isso é uma prova de vivência. Eu concluo assim a dizer que um pouco dessa história a vida é mais importante, e a gente trabalha para viver e vive com a alegria. E nossa alegria está no palco

Apêndice I: Entrevista 8 - Everton José Oliveira Faro

LIVE BOM INTENTO ELENCO 21/08/2020



Eu me chamo Silvana Cruz, sou aluna do curso de licenciatura de teatro 2015 pela UFPA e eu estou entrevistando neste momento o Nego que é um ator do grupo Bom Intento e ele vai se apresentar e falar um pouco da participação dele através do teatro em Bujaru.

Meu nome é Everton José Oliveira Faro, popularmente conhecido como Nego. Conheci o teatro através da minha tia Dica Faro, que desde 87 me convidou a fazer teatro, no tempo não tinha nome, (não entendi 00h43min até 00h50min) tinha varias apresentações nos interiores, ia pra Tomé-açu (Quatro Bocas popular) e vários municípios, e através dela que me convidou pra mim fazer do grupo, em 92 teve o projeto Luamil “O Povo Vai a Praça Bujaru 92”, que eu fiz convidar aquelas pessoas, fiz as pecinhas, desde ai teve o grupo aqui era mais conhecido como não tinha nome popular teatro “Os Amigos”, foi, foi era “Paixão de Cristo” como os amigos, as pessoas, minha tia, meus primos, Jader Reis, Haroldo Reis, essas pessoas tudo convidaram pra participar, comecei no teatro como figurante, as pessoas chegam e conversam “ Nego, você aceita? Aceito”, aí através do teatro eu conheci vários municípios, outros interiores, essas coisas. O principal que fazíamos era na nossa cidade conhecida como Bujaru era Paixão de Cristo que parava a cidade, parava a cidade toda pra ver às três horas da agonia, das três horas da agonia até meia noite o povo rodeando essa praça pra esperar o momento que era da semana santa e todo dia tinha ensaio, de madrugada nós íamos das 02h00 da manhã até às 06h00 da manhã, por que a maioria trabalhava a noite ou de dia, e os tirava três horas da manhã, ia pro bom intento aprender tudinho, a coisa com o tempo foi desenvolvendo tudo, ai nos teve que participar no teatro do estado, ai teve que se criar o nome aí se criou o Bom Intento, conhecido aqui o interior, aqui como um sítio arqueológico, é uma parte turística, as pessoas vão lá ai já foi turismo, ai nos fazia de ano em ano e quando foi de 1999 à 2000 teve que criar o Bom Intento, que nós tinha que viajar essas coisas e tinha que ter o nome ai que criamos o Bom Intento.

(S.C: então nessa época de 90 até 2000 vocês só faziam Paixão de Cristo?)

Nego: era, além de Paixão De Cristo tinha peças, tinha outros tipos de peças, entendeu? Mas não aqui (Bujaru), era vários tipos de teatro mirim para as crianças, mas de outra cidade que era fantoches, essas coisas e fomos popular essas regiões, que era cento e quarenta e pouco municípios, não era 144, nós ficamos considerados, ganhamos no interior, mérito em Tomé-açu, Tailândia e vice-versa, tudo foi assim crescendo.

S.C: Vocês chegaram apresentar alguma vez na zona rural do município?

Nego: sim, na Santana, no interior da Vila Santana, conhecido lá que foi tudo, o fundador do município, que esse ano que passou fez 266 anos de evangelização no nosso município e lá no interior de Santana foi essa parte que começou, foi o primeiro interior (*S.C: primeira sede do município*) já era a primeira sede do município e a Paixão de Cristo, na sexta feira apresentava aqui (sede do município) e no sábado ia pra lá (Vila de Santana), ou vice-versa, no domingo nos fomos pro Igarapé-açu e as vezes tinha outros interiores, mas esses eram os principais.

S.C: ai em 2000, vocês tem que colocar um nome no grupo para participar dos eventos estaduais, e como foi pra surgir esse nome? Vocês fizeram uma oficina pra escolher?

Nego: isso, não era oficina, debatemos e escolhemos. cada um deu, cada um da equipe que ia formalizar atores foi criado: temas, sub-temas, (*S.C.: foi nessa época que o Ramom veio pra cá?*) foi, foi essa época que o Sr. Ramom veio para cá, que fez o curso com nós, lá na sede dos idosos, lá que foi fundamental, que era dia noite, que era nossa casa. Tinha dia que pra gente ir disputar o estadual, não o intermunicipal, que teve mais de 100 peças disputando, nós passava dois dias sem ir em casa, nos almoçávamos tudinho lá, e a recompensa veio em julho, cento e pouco municípios e nós do grupo Bom Intento “Espelho da Noite” que ficou em primeiro lugar.

S.C.: com a peça “Espelho da Noite, né? A peça “espelho da Noite” foi um texto que foi doado pelo Ramom, pro grupo Bom Intento? Muito bem, ai vocês fizeram essa oficina e tinha que dar o nome ao grupo, ai lembraram desse local aqui turístico, sítio arqueológico, Bom Intento foi isso?

Nego: foi, foi isso, foi por ai que começou, que cada um lá do nosso, todos os atores que estava dera um tema um subtema e quase tudo caiu nesse, e quando esse daí, encaixou, hoje tem duas pessoas que foi convocado pra ir pro rio de janeiro pra fazer teatro que se chama Suelen e hoje tá pra lá e o outro o Rogério, só que o Rogério, como dizia o papai, não teve a coragem, a Suelen até hoje é atriz pra ir (*S.C: mora no rio*), mora no rio, reconhecida lá no rio

tudinho, tudo através pelo nosso “Espelho da Noite”, aí fizemos um filme , “o Espelho da Noite”, no sei como é que tá, tá por aí.

E através do “Espelho da Noite”, o Bom Intento teve várias outras criações, essa foi esse foi a primeira geração.

S.C.: a primeira geração então até 2000, né? Nego:até 2002/03. S.C. você pode me falar um pouco mais ainda antes de 2000, por exemplo os nomes dos atores da época, os personagens que eles faziam, ode vocês ensaiavam, quem fazia o texto, essas coisas assim?

Nego: era porque a maioria, na época quem escrevia era os próprios figurantes, os “atores”, na época figurante era ator, uns chamavam de atores, depois que veio o nome atores tudinho, cada um escrevia um pouco, a maioria escrevia, pegava uma professora e escrevia, outra que ajudou muito, que criava era a Dona Bené, professora Bené (falecida), escrevia, brincava, pessoas humildes e sabiam levar e outro que também já faleceu foi o Pena, conhecido como Benicio, que participou da peça espelho da noite , que foi campeão, ficou conhecido tudinho, o resto foi só.

S.C: tu lembra do personagem que ele fazia?

Nego: o “Espelho da Noite” era contada uma história de mantita pereira, era tudo em um barco, numa canoa que nós contávamos, cada um tinha na canoa era uma história de pescador, que envolvia a mantita pereira, tinha uns que falavam, outros tinham medo, tinha uns que não tinham medo, era os caboclos que iam remando no rio, chagavam no igarapé remando, tinha até uma palavra assim: “Rema, rema Raimundo, se não o barco vai afundar”, e aí o que acontecia? Contavam mentiras, e teve lá na noite que estávamos remando aí teve uma onda que caiu e a mantita pegou e aí era onda, era mantita pegando, era pião gritando prá lá e prá cá, e a peça espelho da noite foi conhecida, o estadual era tudo isso, até passou, ficou em cartazes eu acho uns 5 – 6 anos ainda em cartaz, em Belém todinha, fica até hoje, mas a primeira geração (não entendi de 10min57seg até 11min), olha já tem ó que? Já tem 20 anos que já se passaram o espelho da noite contando outra história, aí tem vários aí atores que estão criando como Rogério, Thedinho, Rilson, Silvana e vice-versa de várias maneiras.

S.C.: aí de 2000 pra cá essa galera mais antiga já tá tomando outros rumos na vida, né? Se muda da cidade. Entra, vai entrando aos poucos uma galera, tu lembra mais ou menos que é que começa a participar?

Nego: que começa a participar, como diz o papai: “é apelidos”, e esqueço. Aí é isso, porque as vezes acontece é isso, o grupo Bom Intento é isso.

S.C.: eu lembro assim né, porque eu começo a participar nessa época.

Nego: olha teve vários atores, como a Jamile, o brilho é várias gerações, aí depois o teatro, depois de 2000 pra cá ficou conhecido como Bom Intento e toda a cidade se envolveu, né? Aí tinha proclamação tudo pra fazer, atores, atrizes, aí ficou conhecido como Bom Intento, todo mundo do interior, dos cento e quarenta e poucos municípios queria vim ver Bujaru pra conhecer quem era Bom Intento, qual era a história.

S.C.: Vocês chegaram a participar de algum festival da federação de teatro?

Nego: fizemos, participamos do SESI, fizemos o especial, abrimos a abertura de 2001, nos fizemos, nos fomos convidados especiais pra abrir lá no Centur. No Centur nos fiquemos tudo, tipo “besta” pq todo mundo esperando nós, aquilo todo mundo parou, Belém parou, porque em gosta de teatro foi todo mundo, e as pessoas foi assim.

S.C.: teve pela Faces, Federação, nessa época a Faces já foi criado agora depois pelo Rassy, tinha a primeira federação vocês chegaram a participar, mas também participaram dessa outra, e lembra qual foram os teatros que vocês apresentaram em Belém? Os locais assim?

Nego: o Centur, margarida, lá Waldemar Henrique, teatro da paz, e outra coisa nós chegamos (esqueci). S.c.: VS chegaram a apresentar naquele da doca? Nego: não, eu não me lembro, não vou dizer que não. S.C.: que tu tenha ido não né?

S.C.: apresentaram no gasômetro?

Nego: no gasômetro, fomos. E pq que teve muito naquela época, como eu era desconhecido da cidade, ninguém sabia os nomes, né? Tem os nomes, a tia Dica deve saber tudinho qual foi que eles foram, o Rogério. Além disso, não sei se vós já entrevistastes ele, ele sabe tudinho e parte por parte.

S.C.: que ele estava bem a frente nessa época?

Nego: não, porque nós que estava a frente, ai ele que ia quase todo dia pra Belém, ele e a Suelen, pra fazer, olha ele foi, eu não sei porque ele não foi, ai tudo. como eu era mais criança, negócio de 7- 8 anos, ela lembra tudinho os nomes, porque eu não.

S.C.: Tu eras criança nessa época?

Nego: é entre “eu era criança, eu já ia com ela pra ir. Olha uma vez eu fui lá pro rumo de Tomé-açu, passamos pra lá, quando nos chegava de madrugada, nessa época de 90, não tinha luz, nossa luz ia até 22h00 aí o papai que ia buscar a gente (S.C.: *risos*) não tinha.

S.C.: Vocês iam com ela, que era tia de vocês?

Nego: eu ia com ela, quando nós chegávamos 00h00 já estava escuro pq a energia ia até certa hora, entendeu? Ai foi isso. Ela, tem o tio. O tio ele foi soldado, tio vereador Zeca fez um pouco de teatro (S.C.: *o Dalmo né?*). Nego: o Dalmo, não o Dalmo já é de 2000 pra cá, eu não sei também, porque ele é mais velho que eu, mas não participava de nada, ele participava mais (não entendi), é bom tu pegar o Haroldo reis, Jader reis tu conversando com o Jader ele vai dizer que “há eu peguei do irmão”, que passou de irmão de Jesus e Jesus, ai ele vai e contar.

S. C.: tu se lembras de uma personagem marcante pra ti, nessa época? Da parte do teatro do tempo que tu participaste assim qual foi o personagem mais gostou de fazer? Que marcou assim pra ti?

Nego: era como dizem: eu era mais soldado, era mais essas coisa, mas no Bom Intento eu era o cabloco que contava histórias, cada um no barco ali contava uma história. A história vai contando um mais mentiroso que o outro, o outro conta potoca e vai indo, assim é igual o.. tu já chegou a fazer o espelho da noite também? (S. C.: *sim, sim, eu lembro é que so queria saber, ter o registro da tua fala*). Entendeu? Eles contavam aquela história tudinho. A vida é assim, contando tudo, outra também? que perguntar é a Jamilly, esse pessoal do teatro, o Lazaro, o Lazaro não sei cadê ele, o Binho, quem era o outro? O Flávio, esse que trabalha na Bujaru.Net, ele conta, olha depois ele vai te contar melhor, que depois ele foi viver com o Ramon.

S. C.: o Flávio morou com o Ramon?

Nego: daqui ele não foi pra lá? Ficou lá, chegavam a falar que ele era o braço direito dele. Depois que ele veio, é ele que tu tem que entrevistar.

S. C.: tu sabes assim, o espelho da noite foi, ele é o carro chefe até hoje do Bom Intento, né? Uma peça regional, que é muito característico da nossa região, as histórias e tudo mais. Tu podes é destacar pontos positivos da tua participação? Por exemplo fazer

teatro independente do estilo, da peça que tu fez, foi importante pra ti fazer teatro na tua vida?

Nego: foi. (*S. C.: causou mudanças?*) mudou, no teatro tu aprende tudo, é uma aula da vida, quem faz hoje em dia teatro ele sabe, quando tu olhas uma pessoa tu já sabe, quando ele ta falando a verdade ou mentira, o que é aquilo, porque você trabalhou. “E eu sou professor de teatro, eu posso da aula 8h de tempo, eu sou formado, eu deveria, eu nunca quis da aula, porque? porque não acho justo, pq nem todo mundo aqui é correto. Eu hoje, você vai se formar ai depois: “eu me formei, tenho meu diploma, mas não é eu que mando.” No tempo eu me desgostei do teatro, eu acho que o teatro ele é no mundo e o melhor que tem, porque a novela você grava, ah não gostou tu corta, teatro tu ensaia, mas na hora se não acontecer, vai direto, tem que ser improvisado, tu ensaia quatro, cinco meses, mas no dia acontece alguma coisa tu tem que improvisar tudinho, “há não valeu isso, corta, volta de novo a cena que deu errado, volta. “Amanhã vamos ensaiar”, mas no teatro não, quem faz teatro faz qualquer coisa na vida, o cara aprende. O teatro é um aprendizado que leva pra tudo. Quem hoje faz teatro tu sabe separar o A, o B, o preto o negro, quando a pessoa te fala tu já sabe quando ela ta te xingando, as vezes quando a pessoa vem (*S.C.: a questão da critica né? Do pensamento critico*) é, quando tu pergunta pra uma pessoa, quando tu faz teatro tu já sabe que está falando de ti, só que quando eu falo é quando a pessoa me fala, matematicamente eu sei quem é a pessoa verdadeira ou falsa, só que as vezes o cara fica calado, fica pra si, que o mundo é assim o bem ou o mal, só que as vezes nem todo mundo agrada todo mundo. Hoje, agora a peça fundamental no Brasil é o teatro, tu ensaia 6 meses, tá, a novela por exemplo, tu grava, tá, se deu errado amanhã você grava até ficar perfeito, mas no teatro tu ensaia pra ficar perfeito, mas no dia tem que improvisar, teatro é igual quadrilha, tu ensaia 6 meses, no dia do forricado tu vai errar um pezinho, já foi desclassificado, tu pedir 2 pontos, 2 décimos tu fica fora.

S. C.: a quadrilha tem um pouco de teatro também, né?

Nego: já era isso que ia dizer, quadrilha é um teatro.

S. C.: tu dançou quadrilha também? né?

Nego: dancei, 20 anos de quadrilha (*S. C.: 20 anos de quadrilha? Então fazia teatro, dançava quadrilha. Qual era a quadrilha?*)

Nego: era a quadrilha mistura fina, (.....) também era da mistura fina. (*S.C.: era quase a mesma galera do teatro, da quadrilha?*)

Nego: era, eu que convidei as pessoas da quadrilha, a maioria das quadrilha, eu convidava pra fazer saldados, convidei o Weliton, o todo, o Rogério, tudo eu que convidei eles pro teatro, pq tudo isso, o teatro é, pode comparar, o teatro e a quadrilha é tudo a mesma coisa, o cara ensaia e no dia erra, era pra ser perfeito, mas errou um negócio perdeu dois décimos a outra tirou um décimo, não ganha, ai tem a regra, ,vai pro (...) até chegar o regulamento, e na novela é tudo fácil, o cara atua tá, se tu errar, amanhã tu ensaia de novo.

S. C.: hoje em dia assim, o que tu faz da vida? Tipo o que te levou a parar de fazer teatro? Tu ainda tem vontade de voltar a fazer?

Nego: o teatro, a nossa vida automaticamente nos somos tudo, uma vida de teatro, pro bem, pro mal, a nossa vida é um teatro só que temos que saber levar, nossa vida não é um teatro, só que tem que saber, o que é o quê mal, o que quando tu olha pras pessoas, sabe o que é aquelas palavras mágicas. Tem que da as respostas, porque briga hoje, acontece brigas, porque as vezes tem os mais velhos que não aceitam do mais novo entra, porque quer superar, ser superior e não era pra ser assim, hoje é igual o teatro, quadrilha é quase a mesma coisa porque a quadrilha ensaia 6-7 meses, ai tu vai 20min e tu errar 3 segundos a quadrilha já foi desclassificada, tu ganha 9,7 no lugar de tu não ganha 10, ai tu “aonde foi que eu errei?”, ai tu vai vê.

S.C.: tu sabe me falar assim de pontos positivos, assim que tu ver na vida de outras pessoas, que já fizeram teatro, é assim tuas expectativas pro teatro em Bujaru? Tu acha que ainda tem esse espaço pra essa arte em Bujaru?

Nego: tudo tem agora só que cada um depende de como vai levar as pessoas. Antigamente o cara começava a fazer teatro e quadrilha por amor, hoje não funciona é por dinheiro, antigamente o teatro em Bujaru, no interior a maioria era humor, era aquilo que tu gostava, hoje quando tu está fazendo teatro: “ah, quanto é que eu vou ganhar, então não vou”, prefere ir pra outro canto. Antigamente, erro borá, chegava produção que fez o filme espelho da noite, tem o filme espelho da noite, (...) remando (.....) essas coisas, ai tudo ele vai contando a história do ribeirinho, porque tudo o teatro foi igual uma evangelização, tudo chegou através de canoa, no Brasil remando chegando e o Bom Intento, se espelho naquele, como foi pra descobrir, nós aqui? Através de que? Aquelas, como que é que o cara fala? Não e nem barco a vela, o padre botou ali na frente. E assim que vai, agora tu tem que saber separar, a maioria hoje que fazer teatro, “eu vou, quanto que é?” tu está no grupo a 15 anos pra ti tá hoje, ah tu ganha R\$5.000,00 e o cara te da R\$7.000,00 e tu já abandonou, hoje já não é mais por amor,

é mais o dinheiro que está mandando, não é o amor que faz a pessoa como antigamente, era amor tudo era de graça, e o teatro aqui em Bujaru, como na maioria das vezes se chama, olha quadrilha é um teatro, boi é um teatro, tudo é, se o cara for analisar tudo que é dança é um teatro.

S. C. tudo tem de teatro.

Nego: tudo.

S. C.; falando nisso de quadrilha, boi, tu pode me falar de outras manifestações culturais, artísticas que tinham ou que tem em Bujaru?

Nego: hoje, além de teatro eu dancei pássaro (*S. C.: pássaro? Quem fazia?*). Era a dona esqueci o nome, que fazia o boi bumba do seu marreta, foi no pássaro que a maioria tudo começou, eu comecei através do pássaros, só que hoje o pássaro e o boi tudo ensaia, só que na hora o cara errava era improvisado, teatro é a mesma coisa (*S.C: tu começou quando criança no pássaro?*) nego: pássaro, (*S.C: como era o nome do pássaro?*) nego: pássaro (...), Margarida Palheta que é mãe da Francisca palheta (*S.C: Ela fazia o pássaro?*). nego: ela fazia o pássaro. (*S. C: tu lembra quais eram os anos, a época?*). Nego: em 87 -88 (*S.C.: vocês se apresentavam aonde?*). nego; em todo o município, todos os interiores e o boi eu participei na década de 90, de cento e vinte pouco municípios o boi bumba de Bujaru já foi em primeiro lugar, durante 3-4 anos. (*S.C.: há vocês também? saiam com o boi, né?*). nego: é. (*S.C.: já era o seu Marreta?*). Nego: é já era o seu marreta e a história, porque a pessoa quando para pra pensar, o que é teatro? É aquele momento, tudo que tu ensaia, que vai se apresentar no dia sem ser gravado, tudo é um teatro. É igual (...) “olha minha filha (.....) depois tu vai ganhar não sei o que”, ai nossa vida é uma teatro do dia a dia, só que da pra levar, nossa vida é uma teatro, só que hoje é do lado do bem e do mal, hoje as amizades não é como antigamente, o teatro era porá todo mundo, hoje não, vão analisar a pessoa, estuda, hoje o dom é mais fácil, o conhecimento, a pessoa vai estudar as vozes, naquele tempo não tinha isso , era de olha “se garante?” (.....) você se garante esse texto? Não sei, se garante então borá fazer, pode reparar que quando tu entrou, tu se garante em fazer então borá. Pode vê que nós que teatro juntos, todos os anos as vezes nos ensaiávamos uma semana pra apresentar. O teatro era isso, apresentando, porque a minha perspectiva no teatro é um dia (...), hoje eu tenho meu filho de 11 anos, hoje em dia estou parado, mais eu gosto de vê, de assistir, quem sabe um dia a oportunidade aparece eu possa fazer de novo, mas por enquanto ou tu faz teatro ou tu trabalha pra tu viver, hoje em dia não dá pra ti conciliar a mesma coisa, hoje não, sou da pastoral da

igreja, sou guarda, e guarda é igual o teatro se você não tiver, ensaiar o que vai fazer na igreja, você vai, pode reparar é igual os dons que as pessoas vão recebendo. Hoje em dia da pra fazer mais coisas, só que o teatro hoje em dia, nós vive dentro de um teatro, nós somos o teatro só que nenhum pensa dessa maneira, a maioria pensa um dia assim, porque eu fiz aquilo, porque fez, tudo é um teatro só que tem varias maneiras. O Bom intento hoje em dia faz essas coisas, já criaram outro nome, mas já teve outro grupo.